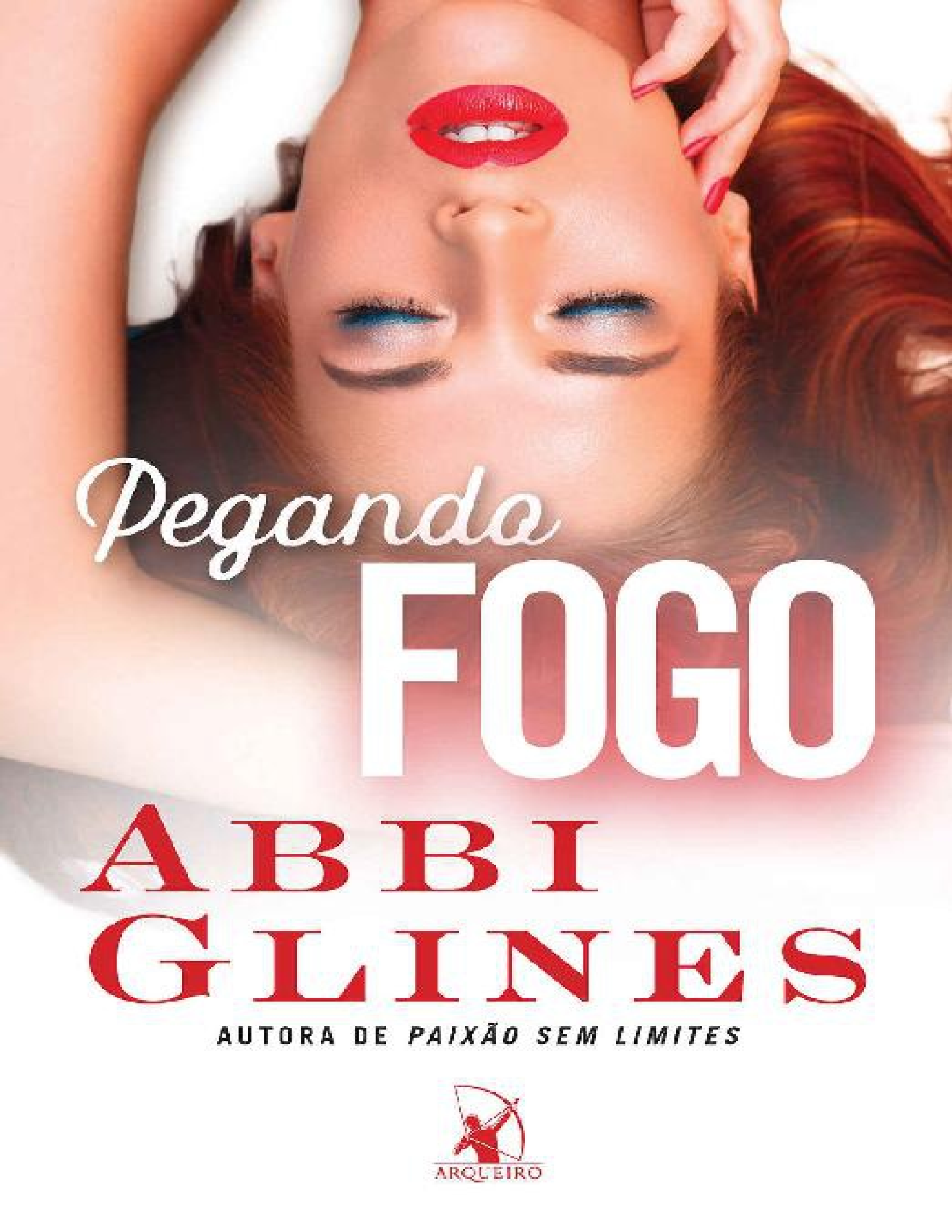




Pegando

FOGO

**ABBI
GLINES**

AUTORA DE *PAIXÃO SEM LIMITES*





Peganda
FOGO



O Arqueiro

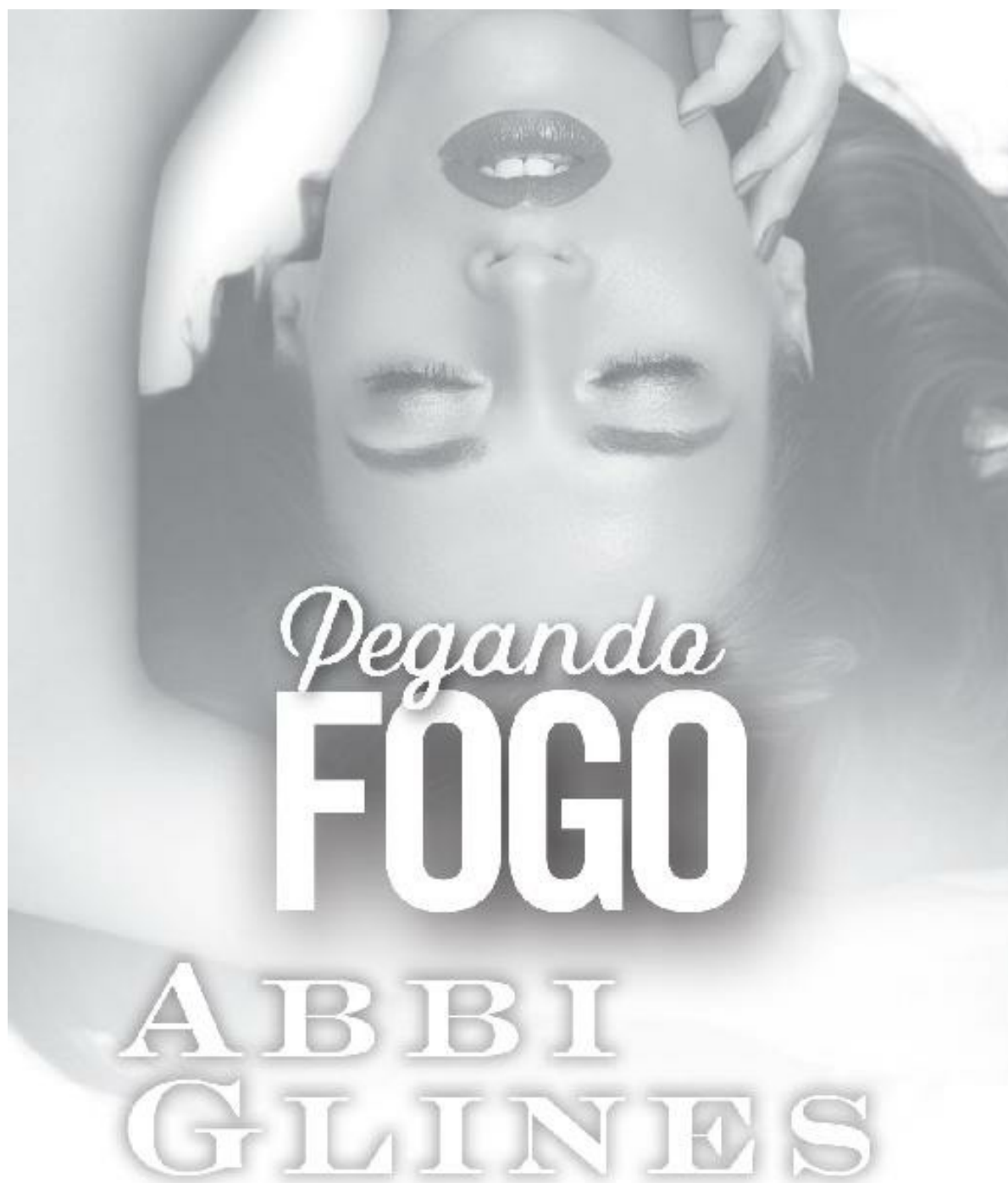
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Título original: *Up in Flames*
Copyright © 2016 por Abbi Glines
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução
Cássia Zanon

preparo de originais
Taís Monteiro

revisão
Cristhiane Ruiz e Suelen Lopes

diagramação
Abreu's System

capa
Laywan Kwan

adaptação de capa
DuatDesign

imagem de capa
©evgeny varlamov/ Shutterstock

adaptação para e-book
Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

G476p

Glines, Abbi

Pegando fogo [recurso eletrônico]/ Abbi Glines; tradução de Cássia Zanon. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: *Up in flames*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-8041-753-1 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia.

II. Título.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

**17-
42419**

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Eu dançava pela sua cozinha enquanto você tocava música usando as panelas.
Nunca consegui ganhar no Uno, porque você era uma profissional, e quando eu
precisava que alguém rezasse por mim, não tinha nenhuma dúvida de que você
estava fazendo isso.*

*Eu amo você, vovó Campbell. Não se passa um dia sem que suas palavras de
sabedoria ecoem em minha mente. Você faz muita falta, mas vai estar para sempre
no meu coração.*

Amar e ser amado é uma necessidade humana básica. Antes *dele*, eu achava que minha vida era uma prova de que essa teoria não era verdadeira. Antes *dele*, eu era forte... ou era fraca? Não tenho mais certeza. As coisas que eu considerava verdadeiras hoje são motivo de questionamento. A única certeza que tenho é que, depois *dele*, nada mais foi igual.

– Nan

Nan

Os homens me irritavam muito. Pela minha experiência, eles sempre queriam algo de mim, mas nunca era *a mim* que queriam de verdade. Eu sabia disso sem dar a eles mais do que um instante do meu tempo. Quando me olhavam, viam “a filha de um astro do rock” e “dinheiro”. A maioria apenas torcia para que eu os fizesse aparecer na capa de uma revista de fofocas barata.

Isso me fazia nutrir muito pouco respeito pela espécie masculina. Havia apenas um homem que eu tinha em alta conta, e era o meu irmão, Rush. Ele sempre esteve presente quando precisei – exceto por algumas vezes em que fui uma megera com a mulher dele, Blaire. Mas agora que eu tinha superado o ciúme, Rush voltara a ser meu porto seguro. E o fato de ele estar feliz me bastava.

Eu sabia que estava na hora de crescer e de lutar por minhas conquistas. Não estava fazendo um trabalho fantástico em relação a isso, mas também não me saía tão mal. Estava me virando do meu jeito.

O celular vibrou na minha mão e, quando olhei, vi a imagem de Major na tela. Ele era minha mais nova má ideia. Era maravilhoso e gentil até demais comigo – normalmente eu gostava de pelo menos um pouco de drama –, mas o que o impedia de chegar à perfeição era o fato de ser mulherengo. Ele adorava as mulheres. Ansiava pela atenção que recebia delas. E achava que eu era burra demais para saber que, quando não estava comigo, ele geralmente estava com outra. Mas seu talento como ator não era tão infalível quanto ele pensava. Eu sabia pela forma como ele respondia às minhas mensagens de texto se estava com alguém ou se tinha tempo para mim.

Eu achava que lidava muito bem com essa situação, mas ficava cada vez mais difícil manter meus sentimentos sob controle e não me apaixonar pelos encantos dele. A gentileza de Major estava me conquistando, embora eu soubesse que não passava de mais uma garota para ele.

O que você está fazendo?

Esse era o tipo de mensagem que ele me mandava quando estava sozinho e entediado. A princípio eu achava que ele tinha um interesse genuíno pela resposta, mas depois de perceber quantas vezes as palavras *oi*, *querida* e *gata* apareciam na tela do telefone dele quando estávamos juntos, percebi que era tudo papo furado.

Todos os homens são mentirosos. Até os bonitos e de bom coração.

Eu não confiava em nenhum deles, porém, infelizmente, precisava deles na minha vida. Queria não me sentir sempre tão carente de afeto e atenção, mas eu era assim. Detestava isso em mim e com frequência tentava esconder, só que estava ficando cada vez mais difícil. Ver Rush deixar para trás seu jeito de playboy quando encontrou a mulher certa e ver o melhor amigo dele,

Grant Carter – com quem eu transava ocasionalmente –, se transformar no homem perfeito para a esposa dele, Harlow, não foi fácil. Eu não era como Blaire ou Harlow. Não fazia os homens quererem mudar por minha causa. Admitir isso me feria profundamente, mas era algo que eu passei a aceitar.

Raiva, autoaversão e sentimentos de inadequação podem transformar uma pessoa em alguém detestável. Amargo. Um monstro.

Era exatamente o que eu não queria me tornar.

Por mais que quisesse ignorar Major, sabia que não faria isso. Responder às mensagens dele significava que eu havia recebido atenção, então por um instante eu poderia fazer de conta que ele sentia algo por mim. Que eu valia a pena. Que era o tipo de garota pela qual um cara mudaria.

Acabando de acordar, respondi enquanto sentava na cama.

O balãozinho de texto que aparece quando a pessoa está digitando surgiu na tela, e senti um frio na barriga. Ele estava sozinho. Pensando em mim.

Sim, eu sei que pareço patética, mas estou sendo sincera.

Dorminhoca. Foi para a cama que horas ontem?

A melhor pergunta seria a que horas *ele* tinha ido para a cama. Major não havia me mandado nenhuma mensagem depois das oito da noite e eu era muito orgulhosa para escrever ou ligar para ele primeiro. A última mensagem dele tinha me soado meio distraída e imaginei que estivesse com outra.

Tarde, foi minha única resposta. A verdade era que eu havia ficado sentada no sofá sozinha, embrulhada em um cobertor, assistindo à terceira temporada de *Gossip Girl* e comendo pipoca – cujas calorias precisava queimar em uma corrida agora de manhã.

Ficou fazendo o que acordada até tarde?

Esse tipo de pergunta sempre me irritava. Ele achava que podia me perguntar o que quisesse porque sabia que eu diria a verdade. Mas eu nunca podia perguntar diretamente o que ele estava fazendo, porque sabia que ele só responderia em parte. Em geral a parte que não envolvia outra garota.

Vendo TV. Não estava a fim de mentir para fazê-lo ficar com ciúmes. Fazia tempo que eu me dera conta de que Major não bancava o ciumento quando se tratava de mim, o que às vezes era como um tapa na cara. Mais uma coisa pela qual eu sempre o perdoava, só porque ele era tão legal.

Gossip Girl ou Grey's Anatomy?

Ele sabia quais eram minhas duas séries preferidas. Ele lembrava de tudo a meu respeito. Isso era algo que também complicava as coisas para mim.

Gossip Girl.

Eu sou bom, ele escreveu, com uma carinha piscando. Era o único cara que eu conhecia que usava emojis. No início eu achava estranho, mas agora ficava esperando por eles. Era só Major sendo Major. Ele era capaz de tornar aceitáveis coisas que normalmente não eram atraentes.

Almoço hoje? Quem sabe no japonês?

Major amava comida japonesa.

E eu estava com medo, talvez só um pouco, de estar apaixonada por Major.

Claro.

Major

Soltei o ar. Eu nunca sabia ao certo se Nan estava com raiva de mim. Ela tinha motivo para estar? Na verdade, não. Nós não éramos namorados e, algumas vezes, para que ela não começasse a ter ideias, eu a lembrava de que tínhamos apenas uma amizade colorida. Mas eu não sabia se isso realmente importava para uma garota como Nan..

A mulher que havia passado a noite no meu apartamento tinha um histórico muito menos complicado que o dela. Era divertida, uma companhia leve. Eu não me preocupava se ia deixá-la irritada ou se ela estava prestes a ter uma alteração de humor e estragar a noite. Também não precisava me preocupar com o fato de não poder ir embora a hora que quisesse no dia seguinte. Com Nan, eu ficava preso até tudo chegar ao fim. Precisava mantê-la feliz. Transar e logo ir embora não era uma opção.

Sarah, por outro lado, sabia como as coisas funcionavam. Não era grudenta ou carente. Não me pressionava e me oferecia o alívio de que eu precisava. Eu gostava dela, mas não queria mantê-la na minha vida. Só precisava de alguém como ela para equilibrar a forte presença de Nan.

Nan sabia me fazer esquecer que nunca poderíamos ter algo mais sério. Meu trabalho era importante demais. Nunca poderíamos ser mais do que aquilo. Ela só não sabia disso. Ainda.

Eu não precisava ter perguntado o que ela estava fazendo na noite anterior. Eu já sabia. Podia estar ocupado com meu encontro, mas a casa dela estava sob minha constante vigilância. Cope – meu chefe, por assim dizer – observava cada passo dela quando eu não me encarregava disso. Quando ela saía, precisávamos saber aonde ia.

Por sorte, ela havia ficado em casa, e eu pude ter uma noite divertida com Sarah. Da última vez que tinha tentado sair com Sarah, Nan me ligou, chateada com alguma coisa, e eu precisei ir até a casa dela para confortá-la. Ela era muito intensa e fazia com que eu sempre pisasse em ovos.

Uma batida forte à porta me fez emitir um ruído de pavor. Eu sabia quem era, e ainda era muito cedo para lidar com ele. Não tinha nem tomado meu café com ovos. Respirei fundo e saí da cama quentinha, enfiei um short que havia deixado no chão na noite anterior e fui em direção à porta.

Mal abri a porta e Cope já foi forçando a entrada. Ele era mais alto do que eu, mas não muito. No entanto, não era sua altura que o tornava enorme – era sua personalidade. Ele entrava onde quer que fosse como se o lugar lhe pertencesse. E, se não pertencesse, mataria quem precisasse para passar a pertencer. Era o tipo do filho da puta que você não quer irritar. Era brilhante e

maluco na mesma medida. Eu já o vira encontrar um alvo em poucos minutos e matá-lo sem demonstrar qualquer emoção.

– A noite foi boa? – perguntou ele com a voz áspera.

– Foi, sim. Obrigado por perguntar – respondi com naturalidade, me recusando a deixá-lo me intimidar.

Não havia contado a ele sobre Sarah e não ia fazer isso agora.

Cope nem olhou para mim.

– Você não fez nada de útil. Ela não confia em você. Sabe que você é um mulherengo.

Mulherengo? Que diabo ele sabia?

– Claro que ela confia em mim.

Cope se virou rapidamente e seus olhos escuros me fuzilaram de uma forma que faria um super-herói recuar.

– Confia nada. Essa mulher não é burra, Major. Ela sabe. Já estive com homens suficientes para saber quando está sendo ignorada.

– Hoje eu vou levá-la para almoçar! – disparei.

– Não basta. Ela pode não saber quem é a outra garota, mas eu sei muito bem. Sarah Jergins, Ravenhurst Drive, 8.431. Nan sabe que você estava com alguém. Isso quer dizer que não vai confiar em você a ponto de contar seus segredos, e nós precisamos descobrir a droga dos segredos dela. Nan é a única forma de chegarmos a Livingston. Ficou próxima dele. Deve saber alguma coisa. Temos que descobrir o que ela sabe.

Cope foi em direção à porta para sair e eu aproveitei para fazer umas caretas pelas costas dele, porque essa era a atitude madura a ser tomada, claro.

Quando colocou a mão na maçaneta, ele parou.

– Você tem uma semana para resolver isso, e depois eu entro na história. Se não consegue fazer a garota se apaixonar por você, eu mesmo vou ter que fazer isso.

Em seguida, ele empurrou a porta e foi embora, batendo-a com força ao sair.

O fato de ele saber o nome e o endereço de Sarah não me surpreendia, mas a certeza de Cope de que poderia fazer Nan se apaixonar por ele era hilária. Nan gostava de homens com rosto de modelo. Rostos de estrela de cinema. Rostos como o meu. Ela também gostava de romance e delicadeza.

Cope não tinha a menor chance. O cabelo dele era tão comprido que precisava fazer um rabo de cavalo na maior parte do tempo, e sua barba era exagerada demais. Precisava raspar aquele troço. Ele parecia uma muralha, mas não era nem um pouco como eu. E Nan gostava de mim. Gostava à beça de mim. Eu sabia disso. Cope não tinha capacidade de fazer com que ela sequer olhasse para ele.

Eu até poderia ter ido adiante e deixado que se apaixonasse por mim, só que realmente não queria magoá-la. Mas eu não podia feri-la dessa forma. Eu não a amava. Nan era mais do que eu podia ter na minha vida agora. Eu tinha uma missão a cumprir primeiro.

Peguei meu celular e mandei outra mensagem. *Quer caminhar até a praia depois do almoço? Ou está a fim de uma corrida hoje?*

Eu poderia fazê-la falar sem brincar com seus sentimentos. Ela só precisava confiar em mim,

e eu achava que já confiava, ou estava começando a confiar. Teria sido fria comigo se soubesse que eu tinha estado com Sarah na noite anterior.

Topo uma corrida, respondeu ela.

Sorrindo, enviei: *Então vamos correr*.

Nan

Algumas mulheres fazem beicinho e ficam emburradas. Outras tentam deixar o cara com ciúmes. E tem aquelas que bancam a boa moça e seguem em frente. Já eu... Bem, eu ia para Las Vegas.

O vestido prateado justo, que eu havia comprado em uma loja em Paris, em julho, delineava cada uma das minhas curvas, e eu sabia como ficava bonito em mim. Não que isso importasse. Aquela noite não teria nada a ver com amor, com algo significativo. Eu ia dançar, paquerar e me esquecer de todos os caras no dia seguinte. Las Vegas era um santo remédio, e me fazia encarar o fato de que relacionamentos nunca deram certo para mim e que eu deveria parar de tentar.

Meu telefone vibrou e vi o nome de Major na tela. Coloquei o celular no modo silencioso e o guardei de volta na minha bolsinha Prada. Major tinha me ignorado demais, e por duas noites seguidas. Agora era a minha vez de ignorá-lo e tirá-lo da cabeça ficando com outro cara. Um homem de verdade. Alguém com ombros largos e braços fortes. Alguém capaz de lidar comigo. De me controlar. De me lembrar de que eu não preciso ser a pessoa mais forte do mundo.

Quando eu voltasse para Rosemary Beach, o sorriso lindo e o jeito encantador de Major não iam conseguir me atrair mais uma vez. Ia garantir que isso não acontecesse. Eu não era uma garota patética, mas ultimamente ele estava fazendo com que me sentisse assim. Agora bastava.

Saí do meu quarto no hotel Bellagio e fui até uma boate chamada Hyde – alguns amigos tinham uma mesa VIP reservada lá pelas três noites seguintes. Eu podia sentir os olhares que me seguiam, o que só confirmava que eu estava tão deslumbrante quanto me senti ao me olhar no espelho. Estava pronta para uma noite de vodka e esquecimento.

Knox era a razão pela qual eu estava ali. Era uma amiga que conheci durante minha breve passagem por um colégio interno sueco e agora estava namorando Ezra Kincaid, o herdeiro dos hotéis Kincaid. Era o fim de semana do aniversário de Ezra, com uma lista de convidados bem restrita. Quando Knox me convidou, eu não tinha certeza se queria ir. Não queria ficar longe de Major. Mas, durante nosso almoço, tive a sensação de que ele estava sendo forçado a passar aquele tempo comigo. Então decidi sair da cidade, o que acabou sendo uma jogada inteligente, porque dois dias depois eu ainda não tivera notícias dele.

Naquela noite, eu ia fingir que nunca havia permitido que ele me enganasse. No dia seguinte, talvez nem me lembrasse mais do nome dele.

– Nan! – gritou Knox.

Pelo modo como os olhos estavam vidrados, dava para ver que ela devia estar bebendo fazia horas, mas continuava com uma aparência fantástica. Os cabelos louros cacheados e selvagens

estavam presos para trás com uma faixa vermelho-maçã que combinava com o vestido. Eu precisava alcançá-la no número de drinques. Ela parecia estar se divertindo horrores.

– Winter também está aqui! Veio com Roland. Eles estão noivos agora!

Knox ficou batendo papo com a voz meio engrolada enquanto me levava até sua mesa de braço dado comigo. Reconheci os rostos de todas as pessoas. Elas faziam parte do círculo no qual eu havia sido criada quando morava com minha mãe. Eu tinha visto Demi Fraser na TV na semana anterior, em alguma partida de tênis importante a que eu não estava assistindo. Ela ficara famosa nas quadras e agora tinha a própria linha de roupas esportivas. O cabelo ruivo-escuro estava curto, e o nariz e os ombros eram salpicados de sardas por conta do imenso tempo que ela havia passado no sol. Estava ótima.

Isso me incomodou. Eu também podia ficar bem assim com sardas.

Voltei minha atenção para o garçom.

– Vodca com suco de *cranberry* – pedi.

– Está sumida, Nan. O que você tem feito além de ir às compras em Paris? – perguntou Demi.

Ela estava sendo sarcástica, como de costume. Gostava de olhar o mundo com o nariz perfeito e sardento empinado.

Aquela noite era para me ajudar a esquecer os meus problemas, e não criar outros.

Olhei ao redor sem responder à pergunta de Demi ou mesmo tomar conhecimento da presença de Winter e Roland. Ainda não tinha vodca suficiente no meu organismo para me fazer bancar a simpática.

Meu olhar vagava pelas pessoas e eu já estava entediada quando deparei com o olhar firme de alguém me encarando e me fazendo estremecer de medo e entusiasmo. Pude notar o rosto esculpido e os traços fortes, evidentes mesmo debaixo da barba espessa. Meus olhos viajaram mais para baixo. Os ombros largos davam lugar a braços musculosos e a um tórax que parecia prestes a rasgar a camiseta preta.

Então ele começou a andar. Na minha direção. Eu era o seu alvo. Fiquei ali parada, sem conseguir pensar, como se tivesse sido chamada, e minha respiração ficou irregular. Quase como se eu não pudesse inspirar.

Ele era alto. Os sapatos de salto agulha que eu usava me deixavam com 1,80 metro, mas ainda assim precisei olhar para cima conforme ele se aproximava.

– Você o conhece? – perguntou Knox, mas só ouvi a voz dela a distância.

Isso não tinha importância, e não respondi. Apenas esperei. O oxigênio do ambiente desapareceu quando ele parou na minha frente. Tenho certeza de que devo ter parecido uma idiota enquanto tentava respirar fundo.

– Dança comigo – foram as palavras dele.

Soou como uma ordem, não um pedido. Eu não recebia ordens de ninguém, mas não ia recusar. Queria sentir as mãos dele no meu corpo. Queria estar perto o suficiente para poder mergulhar no seu cheiro a cada respiração. Queria também tocar naquele peito enorme, que parecia uma muralha.

Consegui assentir e, quando ele estendeu o braço para mim, ofereci a minha mão avidamente.

O calor e a força do seu toque me fizeram tremer. Se ao menos eu conseguisse respirar, poderia me preocupar com o fato de estar fazendo papel de idiota. Mas eu só precisava me manter equilibrada naqueles saltos que tinha escolhido.

Ele me levou para o meio das pessoas, que pareceram abrir caminho à sua passagem. Vi outras mulheres se virarem e olharem para ele com a mesma expressão temerosa, mas empolgada, que a minha.

Quando enfim parou, ele se virou e deslizou a mão em torno da minha cintura, pressionando possessivamente a parte de trás das minhas costas. Eu me aproximei dele, querendo gritar de prazer quando meus mamilos roçaram o seu peito. Ele não disse nada, mas começou a se movimentar com uma graciosa elegância que eu não esperava de um cara como ele. Imaginava que ele seria rígido por causa de todos aqueles músculos, mas não: parecia à vontade na pista de dança.

Ele abaixou a cabeça e senti sua respiração contra minha pele. Meus mamilos enrijeceram e agarrei seus braços para me manter firme.

– Você está bem? – foi tudo o que ele disse, com a voz grave e um sotaque forte que não consegui identificar.

Eu queria dizer que ele tinha um cheiro melhor do que eu esperava, mas não disse. Mantive a boca fechada e ergui os olhos para encará-lo. Não conhecia aquele homem. Duvidava que o veria novamente, e isso me deixou desolada. Como se estivesse perdendo algo que nem sequer era meu.

Major

A vida de country club não era tão ruim assim. Eu não entendia por que meu primo Mase detestava tanto. Ele sempre reclamava que sua irmã caçula, Harlow, o arrastava para Kerrington, mas acabava fazendo a vontade dela e participando por algum tempo de seu mundo, como um bom irmão mais velho.

Eu, por outro lado, estava fazendo a vontade da garçonete gostosa que tinha nos atendido mais cedo.

– Shhh, querida – sussurrei, quando ela gemeu um pouco alto demais no banheiro.

Havíamos trancado a porta, mas qualquer um que passasse pelo lado de fora escutaria se ela fizesse barulho.

Eu realmente precisava apressar as coisas antes que Mase começasse a imaginar o motivo que me fizera ficar tanto tempo longe do campo de golfe.

Eu havia abaixado a calcinha dela e deslizado a mão entre suas pernas. As coxas tremeram um pouco, e eu sorri. Gostava quando elas tinham dificuldade para se manter de pé.

– Você quer gozar no meu pau? – sussurrei junto à pele dela, enquanto deixava uma trilha de beijos em seu pescoço.

– Quero, por favor – implorou a garota, se segurando nos meus ombros enquanto eu me inclinava sobre ela, fazendo-a mergulhar num furor molhado.

– Então você vai ter que ficar caladinha, docinho. Enfie o rosto no meu peito pra poder gritar quando precisar – murmurei, antes de puxar a calça jeans para baixo e colocar rapidamente uma camisinha.

Agarrei a cintura dela e a levantei para ficar apoiada na borda da pia. Com muita habilidade, ela abriu as pernas e eu a penetrei enquanto ela as enroscava na minha cintura.

– Ah, Deus! – gritou ela se apoiando no meu ombro.

– Meu nome é Major, gata, mas Deus também serve.

Comecei a meter com força.

Ela era toda apertadinha, uma distração perfeita para a tarde. Golfe era uma coisa chata demais. Se eu tivesse que ouvir mais uma história sobre os filhos de Rush e Grant, ia cravar um taco no meu próprio peito para acabar com o sofrimento. Quem diabo preferia falar sobre crianças quando havia mulheres maravilhosas como aquelas por todo lado?

Levantei a blusa dela e agarrei seus peitos, que já tinham chamado minha atenção durante o almoço. Eu adorava peitos de todos os tamanhos, mas os maiores, como os dela, eram mais divertidos.

Ela levantou os joelhos e se abriu mais para mim, arqueando-se para trás para que eu tivesse

acesso completo a seus peitos. Tregar no banheiro não era novidade para ela.

– Isso, gata, aperta meu pau – murmurei, antes de pegar um mamilo com a boca e chupar com força.

Eu teria que fazer de novo. Ela sabia o que fazer com aquele corpo.

– Eu... Ah, Deus... eu vou gozar – disse ela, arfante, fazendo os peitos balançarem.

Por mais gostosa que aquela visão fosse, eu sabia que um grito ia vir com o orgasmo.

Agarrei a cabeça dela e pressionei sua boca no meu peito, enquanto metia com mais força até o grito abafado ser seguido pelo estremecimento do seu corpo. Assim que ela começou a gozar, eu a acompanhei.

O ponto alto da minha tarde.

E eu nem sequer me lembrava do nome dela.

Nan

A tarde já tinha chegado quando finalmente abri os olhos.

As cortinas de blecaute eram uma maravilha. Ainda parecia estar escuro do lado de fora. Virei para o lado para conferir o celular e vi que tinha uma chamada perdida e uma mensagem de texto de Major.

Se você estiver puta, posso consertar isso. Andei ocupado. Me liga.

Joguei o telefone em cima da cama ao meu lado e suspirei. Era isso que ele sempre fazia. Achava que tentar me compensar pelo sumiço justificava o fato de às vezes me ignorar por dias. Depois de passar horas dançando com Gannon Roth na noite anterior, eu não sabia ao certo se Major algum dia seria suficiente para mim. Havia conhecido um homem de verdade e tinha gostado muito.

Essa alternância de comportamento de Major já tinha perdido a graça. Gannon era carinhoso, grande, e tinha cheiro de sexo. Não que tivéssemos transado. Ele dançou comigo e me pagou alguns drinques, então nos sentamos em um canto e ficamos conversando o restante da noite antes de ele pedir meu telefone e ir embora. Ele não tentou ir para o meu quarto ou me levar para o dele.

Eu quase me senti ofendida, até me permitir pensar na noite que tivemos juntos. Ele foi um cavalheiro do começo ao fim. Não falou muito, mas parecia estar me escutando. Major achava que era tarefa dele ser divertido e nunca parava de falar. Eu raramente tinha a impressão de que a conversa era uma via de mão dupla.

Meu telefone vibrou de novo e eu estendi a mão para pegá-lo, já revirando os olhos, supondo que fosse mais uma mensagem de Major. Mas não era.

É o Gannon. Está com fome?

Era o meu cara. E ele estava me convidando para o café da manhã.

Atirei as cobertas para o lado e pulei da cama antes de me dar conta de que precisava responder à mensagem dele.

Acabei de acordar. Consigo ficar pronta em uma hora, respondi, esperando não ser uma mentira. Uma hora não era muito tempo para mim.

Encontro você lá embaixo, na Starbucks.

Sorri para a minha imagem no espelho.

– Você tem uma hora para ficar gostosa. Hoje à noite, vai trazê-lo para este quarto.

A gente se encontra lá, respondi.

◆ ◆ ◆

Uma hora depois, como por milagre, saí do elevador e fui para a Starbucks. Gannon deu um passo à frente e o restante do mundo desapareceu. Ele tinha uma intensidade que demandava atenção. Estava com a barba mais rente e o cabelo preto preso em um coque. Gostei. Gostei demais.

O olhar dele estava vidrado em mim, e isso fez com que eu me sentisse bonita e importante. Gostei disso também. Queria mais.

– Bom dia – falei.

– Bom dia. Dormiu bem?

– Dormi, mas acho que a vodca ajudou.

Ele deu um sorrisinho. Adorei o jeito como a boca dele se torceu nessa expressão.

– Imagino. – Ele pousou a mão na base das minhas costas e me conduziu na direção da saída principal. – Tenho um carro esperando, e fiz reserva no meu lugar preferido daqui para o café da manhã.

Ele estava no controle. Gostei disso também. Major e eu sempre discutíamos sobre onde comer. Aquilo era diferente. Quase um alívio. Fazia com que eu me sentisse menos tensa.

– Acho que nunca tomei café da manhã em Las Vegas. Os lugares ainda servem café da manhã a esta hora?

Ele deu uma risadinha.

– É claro. Quem acorda cedo em Las Vegas?

Ele tinha razão. Eu duvidava que houvesse algum movimento antes das onze horas nos lugares que serviam café da manhã.

– É, acho que faz sentido – falei, enquanto ele abria a porta de um Mercedes G-Class preto.

– Depois de você.

Assim que entrei, ele fechou a porta e foi para o outro lado.

O motorista não falou nada, mas acelerou como se soubesse aonde estava indo.

O celular de Gannon vibrou no bolso, mas ele o ignorou. Em vez de atender, se recostou no banco e ficou olhando pelo para-brisa enquanto o carro seguia pela Strip.

– Onde fica o tal lugar? – perguntei, curiosa, quando saímos da Strip no Las Vegas Boulevard.

– Na Velha Las Vegas – respondeu ele. – Minha parte preferida.

O celular dele começou a vibrar de novo. E, mais uma vez, ele o ignorou.

Major

Depois da quinta tentativa, parei de ligar para Nan. Ela estava irritada comigo mais uma vez, e não estava em casa. Meu Deus do céu, ela era muito temperamental. Havíamos ficado próximos demais na praia no outro dia, e eu precisava de um pouco de espaço. Achei que no instante em que eu tentasse recuar, ela daria no pé. Bem típico dela.

Nan era tão mimada que me deixava louco. Quando era engraçada e divertida, como havia sido dois dias atrás, eu baixava a guarda e me divertia com ela. Mas não queria me divertir. No fim, ela ia me odiar, e eu não conseguia suportar essa ideia agora. Seria mais fácil se eu não me permitisse me importar com ela.

Se Cope descobrisse que eu a havia afastado, ia ficar furioso. Eu não estava mais animado com o encontro da noite, que tinha marcado com a garota do country club, Maggie. Eu esperava liberar um pouco mais de tensão sexual antes de ter que lidar com Nan outra vez. Porém, agora parecia que isso não ia mais acontecer. Não com Nan desaparecida.

Como Cope a mantinha sob vigilância, havia uma boa chance de já saber onde ela estava. Eu estava preocupado, porque ele não tinha me mandado ir atrás dela ainda. Ele normalmente me informava no instante em que ela saía de casa. Mas fazia quase 24 horas que eu não conseguia entrar em contato com ela, e ele não me falara nada.

O idiota ia querer que eu o procurasse e admitisse que a tinha perdido de vista. Eu detestava pedir ajuda, mas ele tinha um rastreador no celular dela. Era a única pessoa que poderia saber onde ela estava. Além disso, eu seria demitido por DeCarlo se não fizesse progresso nenhum. Nan era responsabilidade minha. A única no momento.

Peguei o celular e digitei o número de Cope. Ele não atendeu. Liguei outra vez. Mesma coisa. Porra, agora ele também estava irritado comigo?

Eu precisava encontrar Nan sem a ajuda dele. Cope tinha razão. Eu não estava dando atenção suficiente a ela. Se quisesse concluir o trabalho, tinha que focar mais nela. Parar de fazer sexo selvagem com garçonetes gostosas em banheiros públicos e começar a lamber a bunda da princesinha esnobe. Embora ela tivesse uma bela bunda. Uma bunda bem gostosa.

Tirei a chave do bolso e fui para a minha caminhonete. Começaria perguntando a Rush Finlay, irmão dela. Ele normalmente sabia por onde ela andava. Era a minha melhor chance de encontrá-la. Eu duvidava que ela tivesse saído da cidade sem falar com ele antes. Devia ter perguntado durante a partida de golfe, mas àquela altura ainda não sabia que seria difícil encontrá-la.

Meu telefone começou a tocar, e eu olhei para a tela. Era Cope. Graças a Deus.

– E aí? – comecei a falar.

– Estou com ela – ele me interrompeu e desligou em seguida.

Ele estava com Nan? Como assim? E onde diabo eles estavam? E como ele tinha chegado até ela? Nan estava com ele voluntariamente ou ele a havia pegado à força? Que merda!

Cope era um babaca maluco. Nan não estava em segurança com ele. Eu podia estar enganando-a, mas pelo menos não era perigoso. Cope era. Eu precisava descobrir onde eles estavam. Dei meia-volta com a caminhonete e segui para fora da cidade, em direção ao hotel onde Cope estava hospedado. Ia invadir o quarto e verificar as câmeras de vigilância. Talvez conseguisse resolver as coisas antes que Nan se machucasse e eu precisasse matar alguém.

Nan

O café da manhã foi agradável, mas Gannon continuava sendo um cara quieto. Eu falava, ele escutava. Às vezes, não dizíamos nada enquanto comíamos. Depois que fizemos nosso pedido, ele se desculpou e saiu para dar um telefonema rápido. Imagino que tenha sido para quem quer que tivesse tentado falar com ele quando estávamos no carro. O fato de ele ter ficado ao telefone por quinze segundos significava que não havia conseguido completar a ligação ou só precisava deixar um recado. De qualquer forma, ele pareceu tranquilo quando voltou.

Quando estávamos no carro a caminho do Bellagio, ele olhou para mim.

– Tenho um trabalho para fazer hoje à tarde, mas queria ver você à noite. Talvez algum lugar mais calmo que o de ontem à noite. O que você acha?

– Quer ir ao meu quarto para bebermos alguma coisa antes de sair? Podemos decidir lá.

As palavras saíram da minha boca antes que pudesse me segurar. Eu poderia ter dito simplesmente “Vá ao meu quarto para transarmos a noite toda, até eu não aguentar mais”.

Ele assentiu.

– Eu adoraria.

Ah, é? Tudo bem... bom... tudo bem.

– Meu quarto é o 1.801 – falei, um pouco sem fôlego.

Quando o carro parou na frente do Bellagio, Gannon não saiu, mas o motorista, sim. Ao ficarmos a sós, Gannon segurou meu rosto, se inclinou para a frente e me deu um beijo suave nos lábios. Eu não estava preparada para aquilo, mas foi um beijo bem impressionante.

– Vejo você às sete – disse ele, soltando meu rosto e se recostando no banco no instante em que minha porta se abriu.

Consegui assentir e sair do carro com as pernas surpreendentemente bambas. Caramba, o que aquele homem tinha?

◆ ◆ ◆

Quatro horas depois, meu coração estava batendo mais forte do que nunca. Eu mal conhecia Gannon, e ele podia ser um assassino ou ter acabado de sair da cadeia. Mesmo assim, eu o havia convidado para ir ao meu quarto como se não fosse nada de mais. E estava sóbria. Havia feito aquilo sem a ajuda da vodca para me deixar burra.

Talvez eu devesse ter tomado um drinque. Ou cinco.

Fiquei parada olhando meu reflexo no espelho e decidi que estava com cara de quem queria

ser comida. Não havia nenhuma chance de ele não entender o convite. Eu havia passado cada minuto das últimas quatro horas me preparando para aquela noite, o que podia beirar o patético.

A batida à porta me assustou, embora eu a esperasse. Estava me sentindo desesperada e nervosa. Precisava decidir o que fazer. Eu já tinha feito sexo casual, mas aquele cara era... diferente. Era assustador na mesma medida em que era atraente. O fato de eu saber tão pouco sobre ele, e ele saber tanto sobre mim – eu precisava falar muito para preencher o silêncio – nos colocava em uma posição desigual. Eu não sabia se gostava muito disso.

Respirei fundo para me acalmar, abri a porta e encarei Gannon. Todo o bom senso começou a desaparecer quando o vi, mas consegui me conter. Mesmo que o sujeito usasse uma calça jeans como ninguém.

Meu Deus, eu precisava tomar um pouco d'água. Não, eu precisava de vodca. Muita vodca.

Ele não deu nenhum passo na minha direção, o que ajudou um pouco. Isso me deu um instante para pensar na situação. O cheiro dele estava prejudicando meu raciocínio e dificultando a retomada do bom senso.

– Você está linda – disse ele, e meu coração bateu mais rápido.

De repente, aquelas quatro horas de preparação tinham sido totalmente justificadas.

– Obrigada – respondi, dando um passo para trás para que ele pudesse entrar no quarto.

Ele percorreu o aposento com o olhar como se procurasse por algum perigo. Então me examinou por um instante.

– Você parece nervosa. Podemos só beber alguma coisa. Nada mais. – Ele estava me tranquilizando. Isso ajudou. – Só não sou muito fã de boates.

Franzi a testa. Ele estava em uma boate na noite anterior. Por que tinha ido até lá se não gostava de boates?

– Então por que estava lá na Hyde ontem à noite?

Ele sorriu enquanto cruzava os braços.

– Eu estava no clima.

No clima. Pensei que eu estava no clima também.

– Se você estiver com medo, vamos deixar pra lá.

Gannon Roth não devia conhecer o efeito que exercia sobre as mulheres. Como eu ia deixar aquilo pra lá? Balancei a cabeça.

– Estou bem.

– São só uns drinques, Nan – disse ele, quando me virei em direção ao bar.

Eu precisava de um pouco de coragem. Nenhum homem tinha me deixado tão nervosa na vida. Eu estava com medo de que, se ele tentasse ir embora, eu fosse sair correndo atrás. O que seria meio assustador para ele.

– O que você quer beber? – perguntei, pegando dois copos.

– Tem uísque?

– Jack ou Woodford?

– Jack está bom.

Peguei a garrafa de Jack Daniel's e servi uma dose para ele, depois servi um pouco de Grey Goose com suco de *cranberry* para mim.

Gannon se acomodou no sofá de couro branco perto da janela com vista para as fontes do Bellagio. Entreguei a bebida a ele.

– Aqui está.

– Obrigado – falou, pegando o copo da minha mão. – Ótimo lugar.

Aquele era um dos meus hotéis preferidos em Las Vegas. Quando não havia nenhum quarto disponível, eu ficava no Caesars Palace.

– Você está hospedado aqui também? – perguntei, sentando ao lado dele a uma distância mínima para não ficar esquisito.

– Sim, só que não num andar tão alto nem num quarto tão grande – respondeu ele, dando um sorrisinho.

Eu me recostei e cruzei as pernas.

– Que pena – respondi, decidindo que se ele podia ser engraçadinho, eu também podia.

A risadinha dele fez uma onda de prazer percorrer meu corpo. Caramba, até a risada dele era sexy.

– Adoro ousadia – respondeu ele, levando o copo aos lábios e tomando um pouco do líquido cor de âmbar.

– Por quanto tempo você vai ficar aqui a trabalho? – perguntei, esperando que fosse ter tempo de conhecê-lo melhor.

Ele deu de ombros.

– Não sei ainda. Depende.

– De quê?

Ele voltou a me encarar, e o calor em seus olhos fez minha fêmea interior quase entrar em combustão.

– De você.

Certo. Nossa. Isso foi um pouco ousado.

Gostei. Talvez eu nunca mais fosse embora de Las Vegas.

Major

- Você devia saber que ele não deixaria nenhum rastro que pudesse ser usado contra ele.
- Suspirei e me virei para ver Capitão, um antigo funcionário de DeCarlo, parado atrás de mim com um sorriso de divertimento, enquanto eu tentava abrir a porta de Cope.
- Sério, Major, quando você vai entender que Cope é tipo o Batman, só que mais fodão?
- Eu estava começando a ficar irritado por todo mundo acreditar que Cope era o máximo dos máximos. Ele era só um homem. Um homem sem consciência.
- Nan fugiu por birra, e eu preciso ver os vídeos de vigilância para descobrir aonde ela foi.
- Capitão balançou a cabeça.
- Tarde demais. Eu diria que ele sentiu que você não fez o trabalho direito e assumiu.
- Isso não era sequer possível. Ele não era o tipo de Nan. Ela jamais o deixaria se aproximar. Foi por isso que DeCarlo me designou para o trabalho. Minha aparência tinha mais chance de atraí-la. Além disso, minha presença em Rosemary Beach fazia sentido. Eu tinha família lá.
- Duvido. É de Nan que estamos falando.
- Capitão acenou com a cabeça para a caminhonete em que havia chegado.
- Vamos beber alguma coisa e bater um papo.
- Eu não tinha tempo para bater papo. Precisava encontrar Nan. Ela podia não estar em segurança.
- Se ele a machucar, eu o mato.
- Capitão soltou uma risada seca.
- Se ele imaginasse que você o quer morto, a sua vida estaria acabada antes de você saber o que aconteceu. Enfie isso na cabeça. Cope não é seu colega. Ele é o seu deus.
- Eu não me envolvi nisso para machucá-la.
- Não, e ele não vai machucá-la, a menos que ela seja culpada. No momento, ele está fazendo coisas de que com certeza ela gosta. Agora, se afaste imediatamente dessa porta, porque eu posso garantir que não há nada para ver além de uma cama e móveis vagabundos.
- Eu não me convencera de que ela estava em segurança.
- Como você sabe que ele não vai machucá-la?
- Capitão ergueu uma sobrancelha.
- Porque ele gosta de mulher, e vai tentar conseguir o que quer do jeito divertido antes de tentar do jeito difícil.
- Jeito divertido? Ele achava que Cope poderia transar com ela?
- Ele não tem a menor chance com Nan.
- É aí que você se engana. Eu me arriscaria a dizer que ele já saiu com ela e agora está

repetindo a dose.

Senti um nó na garganta. Pelo menos todas as vezes que saí com Nan foram porque eu realmente quis, não porque tentava conseguir informações – embora *estivesse*, de fato, tentando conseguir informações. Ainda assim, eu queria estar com ela. Cope apenas a usaria e jogaria fora. Caramba, ele provavelmente seria cruel.

– Preciso saber onde ela está – exige.

Eu não estava mais de brincadeira. Queria uma resposta.

– Eu não sei onde ela está. Só sei que Cope estaria com as mãos em volta do seu pescoço se ela tivesse escapado dele também. Então é bom você superar isso e se acalmar, ou então vai continuar correndo em vão atrás dela.

Dei um rosnado para Capitão antes de voltar para minha caminhonete pisando forte. Eu costumava gostar do sujeito. Agora não gostava mais tanto dele.

– Aonde você vai? – perguntou.

Não respondi. Capitão não precisava saber que eu ia interrogar todo mundo que conhecia Nan. Começando por Rush.

– Eu ficaria longe de Rush! – gritou. – Ele acha que você magoou a irmã dele e que ela fugiu por sua causa.

Que droga! Eu não era namorado de Nan. Meu Deus, por que as pessoas levavam tudo tão a sério? Por que todo mundo não podia simplesmente se dar bem?

Entrei na caminhonete sem responder e segui para a casa dos Finlays. Não dei atenção ao que Capitão disse. Eu ia descobrir onde Nan estava. Se fosse preciso lidar com o irmão protetor e raivoso dela, eu faria isso.

Nan

Meu celular começou a vibrar de novo. O nome de Major apareceu na tela. Ele havia me deixado em paz a maior parte do dia, mas agora estava voltando com força total. Ele precisava provar um pouco do próprio remédio. A única diferença era que, quando ele me ignorava, eu não continuava tentando. Eu tinha mais orgulho.

As primeiras mensagens eram tentativas de me seduzir, mas as de agora tinham assumido um tom preocupado. Ele não gostava de não saber onde eu estava. Bem feito. Eu não era o tipo de garota que ficava esperando a atenção de alguém. Eu ia atrás do que queria.

– Namorado? – perguntou Gannon, interrompendo meus pensamentos.

Larguei o telefone.

– Não, um amigo. Um chato.

Major queria que fôssemos amigos. Ia conseguir agora.

– Não vai responder?

Pensei por um instante, então balancei a cabeça.

– Ótimo – disse Gannon, estendendo a mão para mim. – Planejei algo para hoje que acho que você vai gostar.

Nossa. Muito bem, então ele não estava ali pensando apenas em sexo. Só eu estava. Legal. Havíamos acabado nossos drinques e eu fiquei imaginando aonde a noite iria nos levar.

– O quê? – perguntei, segurando a mão dele e me levantando.

– Você já viu o pôr do sol no Grand Canyon?

Balancei a cabeça.

– Ótimo. Vai ser a sua primeira vez, então.

– Como? – perguntei, um pouco confusa.

– Passeio de helicóptero.

Ah. *Legal*.

◆ ◆ ◆

O motorista parou o Mercedes na frente de um prédio com uma placa que dizia Maverick Tours. Havia vários ônibus deixando e embarcando pessoas. Gannon me observava.

– Agendei um passeio particular. Não vamos com todo mundo.

– Você pilota? – perguntei, confusa.

Ele deu um sorrisinho.

– Já pilotei. De forma ilegal, mas essa história fica para depois. Não vou fazer você passar

por isso hoje. Nós temos um piloto.

Senti um frio na barriga. Estava nervosa. A maneira como ele admitiu ter pilotado um helicóptero ilegalmente como se não fosse grande coisa era excitante e apavorante. Quem era esse homem?

– Você foi preso? – perguntei, sem conseguir evitar.

Ele nem pestanejou.

– Várias vezes.

A porta do meu lado se abriu e ele fez um sinal com a cabeça para que eu saísse.

– Primeiro você.

Quando um homem admite para você que já foi preso “várias vezes”, a atitude mais inteligente é se afastar o máximo possível dele. No entanto, eu não era muito inteligente. Na verdade, senti um formigamento entre as pernas e tive vontade de me contorcer. Aquilo me deixou morta de tesão.

Eu era muito problemática.

Saí do Mercedes sem aceitar a mão que o motorista me estendeu. Eu não precisava da ajuda dele nem queria tocar em outro homem naquele momento. Estava mais do que excitada por estar com alguém que era exatamente o que eu suspeitava: perigoso.

O corpo enorme de Gannon surgiu atrás de mim e ele pousou a mão no meu quadril. Senti minha calcinha ficar molhada e inspirei profundamente. Eu precisava me conter. Aquilo era ridículo. Ele havia sido preso. Isso não era sexy, era assustador... Não, era sexy *demais*. A quem eu queria enganar? Estava fissurada pelo lado perigoso dele.

– Se continuar arfando assim, vou jogar você de volta naquele carro e transar com você até suas pernas ficarem bambas. Entendeu?

A voz de Gannon estava bem próxima ao meu ouvido. Ele falou com dureza e o tom de alerta me fez estremecer. Medo? Sim. Com certeza. Muito medo. Mas minhas partes íntimas aparentemente não tinham recebido o memorando do medo, porque estavam zunindo com um desejo que eu nunca havia sentido.

Inspirei profundamente e assenti. Não confiava nas minhas palavras. Ele segurou meu quadril com mais força e me puxou para perto com um vigor que eu tinha certeza que iria deixar uma marca na minha pele clara. Então afrouxou um pouco a pressão e passou a mão com delicadeza sobre o ponto que havia acabado de machucar.

– Gatinha, você não pode brincar comigo. Eu não sou um garoto. Sou um homem. Entendeu?

Assenti de novo e minha respiração ficou irregular. Não havia nada que pudesse fazer a respeito. Estava completamente atraída por aquela demonstração de brutalidade. Nunca havia passado por isso e não sabia ao certo por que mexia comigo. Eu deveria sair correndo feito uma louca, não me aproximar ainda mais. Era tão perturbada assim?

Ele me levou para dentro do prédio e, enquanto as pessoas ao nosso redor passavam pelos procedimentos de segurança e recebiam instruções sobre seu voo, nós fomos conduzidos direto para uma porta nos fundos.

– Por aqui, Sr. Roth – disse um jovem, olhando para Gannon com uma expressão temerosa que eu compreendi.

O homem não olhou para mim nem de relance, como se tivesse sido alertado a não fazer isso, enquanto nos levava para a pista, na direção de um helicóptero à espera.

– Seu piloto chegou há uma hora, senhor, e já verificou e aprovou o helicóptero. Está aguardando o senhor.

O piloto dele? Ele tinha um piloto particular?

– Ótimo. Eu assumo a partir daqui. Pode ir – respondeu Gannon, com um tom de voz que indicava poder absoluto.

O cara com o emblema da Maverick na camisa polo azul-marinho pareceu aliviado e se virou para voltar para dentro quase correndo, como se não pudesse se afastar de nós rápido o suficiente.

– Não vamos com um dos pilotos deles? – perguntei a Gannon.

Eu não estava com meus sapatos de salto agulha, e ele parecia imenso em relação a meu 1,75 metro de altura.

– Só confio no meu – respondeu ele.

Subiu no helicóptero e o piloto lá dentro acenou com a cabeça para ele, então olhou para a frente, como se não estivéssemos lá.

As mãos de Gannon deslizaram para a minha cintura e ele me conduziu até a fileira de bancos na parte de trás.

– Vá se sentar na janela do outro lado – instruiu.

Então me seguiu e se acomodou ao meu lado, antes de afivelar meu cinto de segurança. Minha respiração ainda estava irregular, e os olhos de Gannon reluziram com um alerta que eu já sabia qual era antes de ele falar.

– Cuidado. Vou comer você bem aqui e ele vai ver.

Por que isso me fez estremecer e unir as pernas? As palavras dele eram doentias e perversas. Ainda assim, a maneira como Gannon passava as mãos pelo meu corpo e o fato de eu ter certeza de que ele me comeria bem ali, sem se importar com quem nos visse, me fizeram arfar de desejo.

– Caramba, você é louca – murmurou ele, então apertou o próprio cinto. – Não coloque os fones. Não precisamos falar.

Foi uma ordem.

Fiz que sim com a cabeça, embora ele não estivesse olhando para mim. Sua atenção estava à frente.

– Pronto – disse Gannon ao piloto, que assentiu.

Em seguida, começamos a nos mover devagar.

Quando o helicóptero começou a levantar voo, olhei para o chão abaixo de nós enquanto a mão grande de Gannon deslizava por entre as minhas pernas, abrindo-as rudemente. Inspirei bruscamente quando ele apertou minha coxa com força e então segurou meu rosto com mais intensidade do que seria necessário. Minha saia subiu e eu sabia que ele notaria que minha calcinha estava molhada. Me perguntei se daria para ver a marca que a mão dele com certeza havia deixado na minha coxa.

Sem conseguir me conter, abri as pernas à invasão dele enquanto meu olhar se fixava nas montanhas de pedra abaixo de nós. O lugar era lindo e tranquilo. No entanto, era impossível

ignorar o dedo grosso pressionando o meu clitóris, me fazendo estremecer e tornando minha respiração pesada. Aquilo era completamente insano. Assim como o homem ao meu lado.

Quando ele abaixou minha calcinha, senti meu aroma de sexo, que sabia que ia invadir a cabine. O piloto também sentiria meu cheiro. Mais uma vez, eu deveria me sentir humilhada, mas não foi o que aconteceu. Mexi o quadril para a frente, tentando me aproximar dele. Um dedo grande entrou em mim com tanta força que eu dei um grito de dor e a vista abaixo de nós se tornou um borrão.

Cada estocada era seguida de uma carícia suave no meu clitóris. Era feroz e delicado ao mesmo tempo, por mais que parecesse contraditório. Eu estava zonzinha com a sensação. Sem me importar mais por não estarmos a sós, eu me movia, me aproveitando da mão dele. Mesmo quando Gannon me deu um tapa para me impedir de me mexer, só consegui emitir um gemido.

Eu estava quase chegando ao orgasmo quando o cenário abaixo de nós mudou, e o que antes era a represa Hoover se tornou a Strip ao pôr do sol. As luzes eram lindas, e a vista entrou em foco exatamente quando meu orgasmo começou.

Major

Rush me deu uma cerveja antes de sentar à minha frente na varanda com vista para o Golfo do México.

– Sim, eu sei onde Nan está. Ela sempre me diz aonde vai. O que eu não sei é por que diabo eu contaria a você. Se ela não falou, é porque não quer que você saiba.

Rush Finlay também era filho de uma lenda do rock, como meu primo Mase. O pai de Rush era baterista na banda em que o pai de Mase era vocalista. Os meninos haviam crescido à sombra da fama dos pais, Rush mais do que Mase. Mas eles também colheram os frutos, o que dava para ver pelas esposas maravilhosas dos dois.

– Acho que ela está brava comigo. Quero consertar isso.

Rush ergueu uma sobrancelha e olhou para a água antes de tomar um gole da cerveja.

– É, aposto que sim – foi a única coisa que ele disse.

Não ia ser fácil, mas agora que eu sabia que ele poderia me contar onde encontrá-la, não ia desistir.

– É difícil entender Nan. Estou tentando, mas obviamente não estou fazendo certo.

No começo, Rush não disse nada. Depois, voltou a atenção para mim.

– Nan é uma mulher. Uma mulher difícil, é verdade, mas uma mulher. Ela fica magoada como todas elas. E tem sentimentos que as pessoas imaginam que não tenha, pela forma como age. Ela fugiu, o que significa que deixou você se aproximar o bastante para afetar suas emoções. Isso não costuma acontecer.

A culpa me invadiu. Esse trabalho não devia ser tão emotivo. Devia ser frio e calculado. Como eu faria o que precisava ser feito se me permitisse me importar tanto? Nan já havia se tornado mais importante para mim do que um alvo devia ser. Eu estava preocupado com ela. Nan não era exatamente encantadora, então eu não corria o risco de me apaixonar, mas ela tinha cicatrizes emocionais. Era vulnerável. Eu tinha dificuldade de agir com alguém tão problemático como ela. Estava grato por ter recebido minha primeira tarefa, mas eles estavam pedindo muito.

– Como posso consertar as coisas se não consigo encontrá-la?

– Tem certeza de que é homem o bastante para consertar as coisas? Nan não é fácil. Ela é capaz de usar e jogar fora garotinhos bonitos. Não sei se você tem a força necessária. Ela precisa de um homem que seja mais forte do que ela. Que não se assuste com a bagagem emocional dela. E você – ele apontou para mim com a mão que segurava a cerveja –, você transou com a sua madrastra. Isso me diz que só está nisso tudo por uma trepada. Você é assim.

Ai. Eu precisava agradecer a Mase por ter compartilhado essa informação com Rush.

Ter dormido com a mulher do meu pai não havia sido um dos meus melhores momentos, mas

ela tinha pouco mais que a minha idade, e era gostosa demais. E meu pai também tinha comido mulheres mais velhas que ele no passado. Meu erro foi ter escolhido a errada.

– Foi um momento de fraqueza. Eu estava com raiva do meu pai, e ela estava vindo com tudo para cima de mim. Eu cedi e aceitei o que ela estava oferecendo. Não venha fingir que, antes de Blaire, nunca transou com uma mulher que não devia.

Rush deu um sorrisinho.

– Eu não devia ter tocado na própria Blaire, mas estou muito feliz por ter feito isso. Foi o que mudou a minha vida.

Eu conhecia a história. Blaire era a pessoa que Nan mais odiava no mundo. Problemas com o papai ou alguma merda dessas. Rush deveria ter tirado Blaire da própria vida quando ela apareceu para ficar com o pai, que havia acabado de se casar com a mãe deles. Mas, em vez disso, ele se apaixonou por ela. Isso não foi bem aceito pela irmã, Nan.

– É, todo mundo consegue ver isso – respondi.

Eu esperava que pensar na esposa o deixaria mais propenso a me dizer o que eu queria saber.

– Não vai ser fácil. Nan vai fazer você pagar pelo que quer que tenha feito. Vai ser uma vingança terrível. Ela é assim. Está disposto?

Ele estava cedendo. Prendi a respiração e assenti.

Rush hesitou e comecei a temer que ele mudasse de ideia. Eu precisava que ele falasse. Era a única pessoa que eu achava que saberia a resposta.

– Só vou lhe contar porque quero garantir que tem alguém cuidando da minha irmã. Eu ando preocupado com ela. Nan é um furacão quando fica chateada – confessou ele, por fim.

– É, já notei.

Antes que ele respondesse, ouvi passos subindo a escada que vinha da praia.

Uma versão pequena de Rush chegou ao último degrau, e os olhos do menino focaram no pai enquanto um sorriso imenso iluminava seu rostinho.

– Papai, encontrei um caranguejo!

Ele correu, se atirou no colo de Rush e tirou um caranguejinho do balde que estava segurando.

Fiquei observando enquanto o filho do astro de rock segurava o próprio filho e ouvia atentamente, com espanto e adoração, tudo o que o garotinho dizia. Por mais que nunca tivesse desejado aquilo para mim, Rush fazia parecer legal. Eu nunca tivera com o meu pai um relacionamento nem remotamente parecido com aquele. Nossa relação era exatamente o contrário.

– Acho que foram três este mês – disse uma voz com um leve sotaque.

Voltei a atenção para a loura incrível parada no topo da escada.

– Acho que sim – concordou Rush. – Está se sentindo bem?

Ela tocou na barriga protuberante e sorriu.

– Sim, estou ótima, e ela também. – Ela se virou para mim.

– Olá, Major. Estou vendo que Rush pegou uma bebida para você. Quer um sanduíche? Vou preparar um lanche para nós. Toda aquela caminhada, junto com a caçada ao caranguejo, me deixou com fome.

Eu gostava de Blaire, mas aquela conversa familiar estava me atrasando. Eu precisava fazer Rush se concentrar no meu problema.

– Não, obrigado. Tenho que ir – respondi, com um sorriso que fazia a maioria das garotas se render aos meus encantos.

Sabia que não teria efeito nenhum com a mulher de Rush, mas ainda assim o usei.

– Las Vegas – disse ele, pegando o filho no colo. – Ela foi para Las Vegas.

Merda. Não era o que eu queria ouvir.

Nan

Minhas pernas estavam fracas e a região entre elas, dolorida. Não parecia que tinha sido apenas uma mão que havia passado por ali. A parte interna da minha coxa doía e logo ficaria com um hematoma. Eu já tinha dado uma olhada e visto a marca avermelhada deixada pela mão dele. No entanto, em vez de me apavorar, aquilo me deixou excitada outra vez. Gostei da sensação de ser dominada. Nunca havia experimentado aquilo, mas fez com que tudo parecesse mais profundo, mais inebriante. Como uma droga que eu quisesse sempre mais.

Não havia sido meu primeiro passeio de helicóptero, só que definitivamente fora o mais inesquecível. Nada que eu já houvesse feito se comparava com o que acabara de experimentar. O orgasmo que tive me deixou tremendo, sem conseguir recuperar o fôlego. E aquilo havia ocorrido apenas com o toque rude da mão dele. O que aconteceria se eu o deixasse ir além? Será que sobreviveria ou morreria de puro prazer?

O trajeto de volta ao hotel não foi fácil. Havia uma tensão sexual no ar que me deixou confusa. Eu não o conhecia bem o bastante para montar em cima dele no banco de um carro, mas era tudo o que eu queria fazer. Fechei bem os olhos para afastar as ideias que passavam pela minha cabeça e não gemer alto. Depois do que havíamos acabado de fazer naquele espaço minúsculo, com uma pessoa por perto podendo ouvir e sentir o cheiro no ar, era de imaginar que Gannon estivesse tão necessitado quanto eu. Ele não havia gozado. Eu, sim. Será que ele sentia tensão por mim?

Já fazia um tempo desde a última vez que um homem havia tentado me seduzir do jeito apropriado. A maioria dos caras queria ir para a noitada e depois transar. O fato de que havíamos só dançado juntos e saído para tomar café da manhã antes daquele momento no helicóptero, sem que ele nem fizesse questão de gozar, devia fazer com que eu me sentisse especial, ou então que achasse que eu não tinha a menor capacidade de excitá-lo. Eu temia que fosse a segunda alternativa. Se ele não quisesse mais me ver, talvez eu me ajoelhasse e implorasse por uma chance de satisfazê-lo.

O carro parou e Gannon segurou minha mão.

– Vamos lá.

A voz dele soou grave e rouca.

Eu estava tão concentrada em me controlar durante o trajeto que não prestei muita atenção nele. Gannon me puxou de dentro do carro de uma maneira autoritária, porém gentil, e que só me deixou com ainda mais tensão.

Ele entrou no Bellagio e seguiu direto para a torre em que ficava meu quarto. Tinha sido só aquilo? Ele ia me levar de volta e nós não íamos jantar nem nada? Fiquei desanimada e me

perguntei se havia feito alguma coisa errada. Repassei na mente todos os acontecimentos. Será que ele esperava que eu tivesse feito mais? Será que eu havia cometido um erro no helicóptero, abrindo as pernas para ele e permitindo que ele me tocasse e me desse um tapa? Tinha sido um teste e eu não havia passado? Achei que ele quisesse me dominar. Toda vez que eu gemia com a punição, ele ficava mais agressivo.

Nada que me veio à cabeça era motivo para ele estar chateado comigo.

Ergui os olhos. A mandíbula firme estava tensa e as veias do pescoço, saltadas. Aquilo também era sexy. Por que ele precisava ser tão grande, tão forte e... argh!

As portas do elevador se abriram e ele apertou o número do meu andar.

Eu precisava dizer alguma coisa. A situação estava ficando esquisita. Talvez eu não tivesse agradecido pelo passeio. Não conseguia me lembrar. Quando descemos do helicóptero, minhas pernas estavam bambas e minha respiração ainda estava um pouco irregular por causa do toque dele.

Virei para olhar Gannon de novo, mas, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ele estava me empurrando contra a parede. O calor do corpo dele me fez estremecer, enquanto ele agarrava minha cintura e arfava.

– Meu Deus, você está acabando comigo – sussurrou ele.

No instante seguinte, a boca de Gannon cobriu a minha, e nem pensei se alguém poderia nos ver, ou se o que estávamos fazendo era errado ou se o hotel poderia explodir. Aquilo era tudo o que eu queria.

Levantei as mãos para me segurar nos ombros dele e abri os lábios. O frescor de menta da boca dele estava delicioso e eu me inclinei para a frente, tentando sentir mais o seu hálito. Qualquer coisa que Gannon estivesse disposto a me dar, eu aceitaria.

A campainha da porta do elevador soou rápido demais, e ele me conduziu para fora, na direção do meu quarto.

– A chave – exigiu ele, quase rosnando, e eu abri rapidamente a bolsa e tirei a chave.

Ele a pegou da minha mão, abriu a porta e então me puxou para dentro do quarto.

Eu esperava que isso quisesse dizer que ele não iria embora.

Gannon bateu a porta, então me pegou no colo e me levou até o sofá, onde afundou junto comigo antes de agarrar meu rosto e me beijar loucamente. Ele parecia tão faminto por mim como eu estava por ele. Afastou a boca da minha, começou a beijar minha orelha e depois o pescoço. Arqueei o corpo, adorando a sensação do bigode na minha pele. Cada toque fazia com que meu corpo estremecesse. Eu queria mais e mais.

– Você se contorcendo no carro estava me deixando louco – murmurou ele. – Caramba, eu queria te colocar de quatro no banco e te comer por trás enquanto o motorista assistia.

Ah, meu Deus. Quem falava desse jeito? Ele estava falando sério? Gostei da imagem na minha mente.

Gannon deslizou a mão pela minha coxa até roçar os dedos na minha calcinha.

– É isto que você quer? – perguntou, beijando minha clavícula e levantando a cabeça para olhar para mim.

Ele agora acariciava os pontos delicados que havia machucado mais cedo, como se fossem

preciosos para ele. Meu coração derreteu e eu me inclinei para ele, abrindo mais as pernas para que Gannon tocasse em tudo.

Eu tinha quase certeza de que, a essa altura, ofereceria qualquer coisa se ele me promettesse outro orgasmo. Eu nunca havia gozado daquela forma. Meu corpo tinha ficado totalmente à mercê das sensações, e eu simplesmente não me importei mais com o lugar onde estava ou com quem podia me ver ou ouvir. O prazer era tudo o que eu almejava. E agora eu queria mais.

– É – sussurrei.

Ele me encarou enquanto enfiava um dedo na calcinha de seda e renda, e eu preendi a respiração. O toque suave foi quase impossível de suportar. Quando alguém quer algo tanto quanto eu queria e finalmente consegue, acaba perdendo a cabeça.



Ouvi meu próprio grito de prazer enquanto me segurava com mais força nos ombros dele.

– Puta que pariu, que delícia – disse ele, e embora eu pudesse sentir seus olhos em mim, ainda não conseguia abrir os meus. Não com o dedo dele deslizando por entre o calor no meio das minhas pernas. – Você ficou louca quando meti o dedo com força dentro de você. Agora está aí ronronando feito uma gatinha com os meus carinhos. Tão fogosa... Você quer tudo, não quer, sua gulosa? – Ele fez uma pausa e passou um dedo pelo meu clitóris. – Quero ver você gozar. Assim. Bem aqui no meu colo.

O fato de isso ter parecido uma ordem fez minhas sensações se intensificarem ainda mais. Se ele dissesse mais uma vez, com aquela voz, que queria me ver gozar, eu acabaria colocando aquele lugar abaixo com meus gritos. Eu estava com medo de liberar o tesão que vinha se acumulando. De chegar aonde ele era capaz de me levar. Eu nunca havia sentido aquilo, e sabia que ia abalar o meu mundo, mas será que eu estava pronta?

Ele aproximou os lábios novamente da minha orelha e, num rosnado baixo e grave, disse:

– Goza, vai.

As luzes se apagaram enquanto meu corpo explodia. Sei que gritei o nome de Gannon. Lembro de arquear o quadril na direção da mão dele, enquanto ele enfiava o dedo com mais força dentro de mim. O resto é um borrão. O prazer foi ainda maior do que eu esperava, e eu não queria que terminasse. Queria viver aquele momento para sempre, mesmo que isso me matasse.

Porém, como acontece com todos os bons orgasmos, esse foi diminuindo devagar, e meus olhos enfim se abriram de novo. Meu corpo estava completamente exausto, e eu não sabia ao certo se voltaria a andar algum dia. Quando minha visão clareou, percebi que Gannon me observava. A ereção que vi deixou claro que aquilo o havia excitado. Será que eu tinha condições de ajudá-lo com aquilo? Não sabia nem se conseguiria me mexer.

– Onde fica a cama? – perguntou ele, a voz rouca revelando que estava satisfeito com a própria atuação.

– À direita – falei, soando exausta.

Ele se levantou e me levou até lá. Se nós íamos terminar aquilo, ele precisava me dar um tempo para voltar das nuvens.

Com uma delicadeza que eu não esperava de um homem como ele, Gannon me deitou na cama, tirou meus sapatos e me cobriu.

– Tire um cochilo. Vamos comer alguma coisa quando você acordar.

Abri a boca para responder, mas ele se virou e saiu do quarto, fechando a porta.

Ele não ia pedir que eu o fizesse gozar? Isso não parecia nem um pouco justo. Eu teria dito isso se meus olhos não estivessem se fechando, e meu corpo mergulhando lentamente no sono.

Major

Eu adorava Las Vegas quando ia para lá apenas para me divertir. Não quando tinha trabalho a fazer. Como Rush não havia me dado mais nenhum detalhe antes de mandar que eu arrumasse as malas, eu teria que vasculhar a cidade toda atrás daquela ruivinha. Na visão de Rush, ele estava me testando. De certa forma eu entendia isso, porque havia crescido vendo Mase proteger Harlow, sua irmã mais nova. Eu compreendia a ligação entre irmãos, mesmo sendo filho único.

Mas, meu Deus do céu, como eu ia encontrá-la ali? Todo o meu equipamento de monitoração era controlado por Cope – que também estava desaparecido e muito provavelmente observando cada movimento meu, assim como os dela. Filho da puta. Eu não sabia ao certo por que ele achava que essa era a maneira de provar que tinha razão. Eu já havia entendido. Tinha ferrado com tudo. Precisava dar mais atenção a Nan e levar o trabalho a sério. Se ela não comesse a me amar e confiar em mim, eu nunca conseguiria limpar o nome dela. Na verdade, era essa minha intenção. A garota não estava metida na merda como Cope achava. Eu tinha entendido, depois de conviver com ela por um tempinho, que Nan era autocentrada demais para se importar com algo como aquilo.

Eu ia começar com os dois cassinos que acreditava serem os preferidos dela: o Caesars Palace e o Bellagio. Se conseguisse descobrir em qual deles estava hospedada, poderia vigiar o lugar até encontrá-la.

O taxista parou em frente ao Bellagio. A luz das fontes me fez lembrar de Nan. Ela gostava de atenção. Eu estava levando a mão ao bolso de trás para pegar a carteira quando a porta do táxi se abriu e Cope entrou.

– De volta para o aeroporto – rosnou ele para o motorista.

– Mas que porra é essa? – falei, olhando furioso para o cretino mandão.

O taxista olhou para mim e depois para Cope.

– Ele vai continuar no táxi. Para o aeroporto, agora.

A ordem de Cope foi ainda mais intimidadora dessa vez. O taxista não discutiu.

– Eu estou com ela. Volte para Rosemary Beach. Não preciso de você aqui. Ela iria com você para lá, e eu não poderia continuar por perto. Não tenho nada que justifique minha presença em Rosemary Beach. Ela desconfiaria de alguma coisa. Pare de correr atrás de qualquer rabo de saia que apareça e se prepare para focar apenas em Nan quando ela voltar. Mas aqui eu estou com a situação sob controle. Há uma boa chance de conseguirmos as respostas que queremos antes de ela ir embora.

Eu achava que nunca o tinha ouvido falar tanto de uma só vez.

– Como você está com a situação sob controle? – perguntei, sem saber se gostava disso. – Quero que ela fique segura.

Cope fez uma careta.

– Ela está mais segura do que nunca. Sei de todos os passos dela, ao contrário de você.

Não era o que eu queria dizer.

– Eu a quero em segurança *longe de você*. Ela é inocente nessa história. Logo você vai ver isso.

– Talvez. Mas, a menos que ela prove o contrário, eu continuarei por perto.

Eu não queria ir embora. Sentia como se estivesse desistindo. Abrindo mão do que era meu, mesmo que fosse apenas um trabalho.

– Eu quero vê-la.

Cope fez uma expressão de divertimento.

– Aposto que sim. Mas você teve a sua chance e ferrou com tudo. Agora não é necessário aqui.

Acho que cheguei a odiá-lo de verdade naquele momento. Ele era muito desconectado do mundo. A frieza o dominava. Nan veria isso. Ela não o deixaria se aproximar demais.

– Ela jamais vai se abrir com você.

Dessa vez ele sorriu.

– Vai, sim. Acabei de colocá-la na cama depois de fazê-la gozar tão forte que ela quase desmaiou.

O nó que eu tinha no peito explodiu e precisei usar toda a minha força para não partir para cima do cretino. Detestei ouvir o que ele disse. Eu não acreditava nele, mas, por outro lado, por que ele mentiria?

– Você está mentindo – rosnei, furioso.

Ele não negou nem confirmou a acusação.

– Você pode me deixar aqui – falou para o taxista. – Ele precisa voltar ao aeroporto.

Em seguida, Cope atirou um maço de notas no banco dianteiro. Bastou olhar para o dinheiro e o motorista parou imediatamente, no final da Strip. Cope saiu sem dizer mais nada.

Quando a porta bateu, soltei um resmungo de frustração.

– Me leve para a Velha Las Vegas – disse ao taxista, me recostando de novo no assento.

Ia comer alguma coisa e voltar ao Bellagio. Não ia deixar Nan completamente desprotegida.

Mandaria outra mensagem de texto. Talvez ela respondesse se soubesse que eu estava ali. Que tinha ido atrás dela.

Estou em Las Vegas. Vim ver você.

Cliquei em Enviar. Eu só podia torcer para que Cope tivesse mentido e ela não estivesse indo para a cama com ele. Eu pelo menos havia gostado das coisas que fizera com ela. Já ele só a estava usando para um trabalho. Ela valia mais do que isso. O cretino não merecia tocar nela.

– Essa vai ser sua última parada, senhor? – perguntou o taxista, provavelmente bastante confuso a essa altura.

– Por ora – respondi, olhando para a tela do celular, esperando uma resposta.

O cheiro de pizza invadiu os meus sonhos, e eu abri os olhos e inspirei profundamente. Eu nunca comia pizza, mas estava com muita fome e o cheiro estava delicioso. Olhando ao redor no quarto escuro, vi apenas a luz que vinha da porta entreaberta que dava para a saleta de estar do meu quarto. A pizza estava lá. Gannon também. Meus lábios se abriram em um sorriso e eu me espreguicei, me sentindo satisfeita e saciada.

Agora seria a vez dele, e eu estava ansiosa por isso. Queria tocar no corpo de Gannon e vê-lo gozar. A ideia era excitante. Ele era tudo o que um homem devia ser. Forte, feroz, robusto e com uma beleza rude. Nada a ver com os caras com quem eu costumava sair. Eu raramente interagía com homens como Gannon. Agora percebia o que estava perdendo.

Saí de debaixo das cobertas e levantei da cama. Meu cabelo devia estar um horror, e eu queria colocar algo mais confortável, já que pelo jeito ficaríamos por ali mesmo. Não que eu achasse isso um problema. Gostava muito da ideia.

Tirei a escova da nécessaire Louis Vuitton, ajeitei os cabelos e rapidamente coloquei um short de pijama azul-claro com um babadinho na barra e uma camisolinha combinando. Decidi não usar sutiã. O conjunto era confortável, mas sexy. Queria que ele entendesse que eu não dera o assunto por encerrado só porque tinha gozado.

Quando fiquei satisfeita com o que vi no espelho, fui até a porta e a abri lentamente para espiar o outro cômodo.

Gannon estava sentado no sofá com os pés apoiados no pufe e um livro nas mãos. Seus olhos se voltaram imediatamente para mim quando entrei na sala fazendo o mínimo possível de barulho. Ou ele tinha uma audição incrível ou uma excelente visão periférica.

– Oi – falei, me sentindo um pouco tímida agora que mal estava vestida enquanto ele continuava de calça jeans, camiseta e botas.

– Pedi pizza. Como não sabia qual sabor você preferia, pedi alguns. Esperei você acordar antes de começar a comer.

Ele continuou olhando para mim enquanto eu caminhava até o sofá, onde sentei a alguns centímetros dele. O brilho em seus olhos me dizia que ele havia gostado do que eu estava usando. Eu sabia que ficava bem com aquele conjuntinho. Caramba, eu sabia que ficava bem nua. Costumava usar isso como um superpoder com os homens. Mas descobri que minha beleza e meu corpo só os atraíam. Eu não tinha nada mais profundo para mantê-los por perto. Gostavam de transar comigo, mas, na manhã seguinte, já não queriam mais nada.

A ideia de que aquilo era tudo que eu seria para Gannon me incomodou um pouco. Mas eu

precisava superar isso. Os homens não ficavam comigo por muito tempo. Eu era só um brinquedo para eles.

– Pelo visto você não gosta de pizza.

A voz de Gannon interrompeu meus pensamentos, e eu ergui o olhar para ele, que estava com uma expressão preocupada.

– Ah, não, na verdade eu adoro pizza. Foi o cheiro que me despertou dos meus sonhos. Só não acordei direito ainda, acho. Quais sabores você pediu?

Gannon fechou o livro e o colocou em cima do braço do sofá. Olhei para o volume quando ele se levantou e foi na direção da mesa de jantar. Era um exemplar antigo e gasto de *Enquanto agonizo*, de William Faulkner. Eu não estava esperando algo assim, mas, por outro lado, talvez estivesse. Gannon não era um homem de muitas palavras, mas pela forma como falava e lidava com as coisas, era evidente que era inteligente. Olhei para ele, ao lado das pizzas que o serviço de quarto havia trazido, cobertas por tampas prateadas. Ele levantou a primeira.

– Pepperoni. – Então levantou a seguinte. – Grega. – Era a minha preferida. Eu adorava queijo feta e azeitonas na pizza. Então ele destampou a última. – Frango apimentado.

Tive a sensação de que aquela era para ele. Gannon tinha cara de quem adorava comida apimentada.

– A grega é a minha preferida – respondi.

Ele pegou um prato, colocou uma fatia grande de pizza nele e o levou até mim.

– Vodca com *cranberry*? – perguntou, quando peguei o prato da mão dele.

Ele estava me servindo. Nenhum cara tinha feito isso por mim antes. Normalmente havia alguém nos servindo, ou então eu mesma fazia isso.

– Por favor. Obrigada.

Ele não respondeu, mas foi fazer meu drinque, exatamente como eu gostava, com três cubos de gelo. Gannon prestava atenção aos detalhes. Mais uma vez, não era algo que eu tivesse vivido antes.

Depois, como eu previa, pegou três fatias da pizza de frango apimentado e as colocou em um prato antes de se juntar a mim no sofá.

– Se quiser ligar a TV, tudo bem, mas eu não costumo ver TV. Prefiro conversar ou ficar em silêncio.

Eu ficaria satisfeita com o que ele quisesse.

– Conversar é ótimo – respondi, dando uma mordida na minha pizza.

Começamos a comer em silêncio. Queria vê-lo comendo para descobrir se o maxilar dele ficava tão sexy como quando ele estava bravo. Mas me contive e não o encarei. Ele parecia relaxado, e gostei que se sentisse confortável comigo.

Quando terminei minha fatia, senti vontade de comer outra, mas detestaria devorar mais um pedaço na frente dele. Além disso, aquelas calorias iam se acumulando nos quadris. Eu não sabia se teria chance de ir à academia do hotel de manhã para queimá-las.

– Quer mais? – perguntou ele, largando o prato, levantando e pegando o meu.

Aquele homem lia pensamentos?

– Mais uma fatia seria legal – respondi.

Ele foi pegar mais uma fatia grande e a trouxe para mim. Eu queria admirá-lo naquela calça jeans, mas a refeição estava muito boa e descontraída, e eu não sabia ao certo se devíamos estar agindo como se ele não tivesse me proporcionado dois dos melhores orgasmos da minha vida. Ele me deixava muito confusa.

E também era quase perfeito.

– Se continuar olhando pra mim desse jeito, não vai conseguir comer essa pizza – disse Gannon, com um olhar intenso que fez a região entre as minhas pernas formigar.

Dei logo uma mordida na minha fatia e ele deixou escapar uma risada antes de voltar a olhar para o livro que havia largado.

Meus lábios formaram um sorriso enquanto eu mastigava. Foi um sorriso feliz. Eu não dava muitos desse tipo. Essa ideia me deixou triste.

Alguma vez eu já tinha estado num relacionamento que realmente me fizesse feliz? Não consegui pensar em nenhuma. Mesmo o que eu tinha com Major me magoou muito. Gannon era um cara que eu havia conhecido em Las Vegas e talvez nunca mais fosse ver. Ele podia ser casado ou noivo. E estava me fazendo feliz.

– Você está tendo pensamentos profundos.

Ele não deixava passar nada. Nem uma única mudança na minha expressão.

– Você é casado? – perguntei.

Eu precisava saber.

Ele sorriu.

– Não.

– Noivo? – continuei.

– Não.

– Está sendo procurado por um crime?

Dessa vez ele riu.

– Para o futuro, tenha em mente que depois que você já tiver confiado num cara o suficiente para deixá-lo no seu quarto enquanto você dorme, já vai ser um pouco tarde para perguntar se ele é procurado por algum crime.

Fazia sentido. Assenti e dei mais uma mordida na pizza.

– Era só isso que você estava se perguntando? – disse ele.

Terminei de mastigar e então tomei um gole do meu drinque.

– Com o que você trabalha?

Ele pensou por um instante, e então respondeu: – Construção.

Construção? Como ele podia estar a negócios em Las Vegas se trabalhava com construção? E como podia arcar com as despesas do Bellagio?

– Sério?

– Sério. Tenho uma construtora que constrói cassinos.

Bom, isso fazia muito mais sentido.

– Esse livro é seu? Ele parece ter sido lido muitas vezes – comentei.

Ele olhou para a edição de Faulkner e seus lábios se abriram em um sorriso.

– Eu o tenho há mais de vinte anos. É o meu preferido. Já li 35 vezes.

Nossa. Aquele homem ficava cada vez mais profundo.

Major

Meu charme texano não passou totalmente despercebido à recepcionista do Bellagio. Ela me deu o nome da torre em que Nan estava hospedada, mas não me falou o número do quarto. Isso era tudo o que ela faria por mim. Pelo menos eu sabia que Nan estava ali.

Agora, eu estava sentado no bar ao lado do hall de elevadores, bebendo e esperando qualquer sinal dela. Cope provavelmente já havia me visto e se certificado de que ela não passasse por aquele caminho. Ou isso, ou estava se divertindo à minha custa.

A garçonete com uma regata minúscula e peitos enormes de silicone que eu queria agarrar ficava sorrindo para mim de forma sedutora. Por mais tentador que fosse, eu não tinha tempo para isso. Garotas como ela eram o motivo pelo qual eu tinha me metido naquela confusão, para começo de conversa.

Focar numa garota só, sobretudo uma tão superficial como Nan, era difícil. Eu gostava de variar, mas certamente não gostava da ideia de Nan gostando de variar também, então o que isso queria dizer? Que eu estava sendo um babaca? Sim, exatamente. Eu a estava chamando de superficial, mas eu mesmo era bastante superficial.

A garçonete se aproximou de mim e deslizou um guardanapo na minha direção. Havia algo escrito nele. Vi um número de telefone e um nome. Ela estava facilitando muito a minha vida para comê-la. Como eu conseguiria trabalhar com essas distrações? Meu Deus, se eu fosse como Cope, não teria esse problema.

Olhei para ela e dei uma piscadinha. Ela era gostosa pra cacete, mas não do tipo que eu precisava para aquela noite. Eu tinha outra garota para reconquistar. Se conseguisse encontrá-la, é claro. Até as dez, ela sairia para uma boate, imaginei. Faltava só meia hora. Eu precisava comer, mas não podia sair dali.

– Vocês têm alguma coisa para comer aí? – perguntei.

– Castanhas e pretzels – respondeu ela, com um sorriso esperançoso.

Não era exatamente comida, mas ajudaria.

– Eu adoraria uma porção.

Então, ela preparou uma tigela grande e a colocou na minha frente.

– Obrigado, docinho – respondi, vendo-a abrir um sorriso.

É, ela achava que a gente ia se pegar. Era uma pena.

Olhei para o celular para ver se por acaso Nan havia respondido às minhas mensagens de texto e eu não tinha visto. Nada.

Por favor, me responda. Estou aqui embaixo, no bar ao lado dos elevadores, esperando você.

Pensei por um instante antes de apertar Enviar, porque se eu mandasse a mensagem ela poderia encontrar uma maneira de me evitar. Mas eu conhecia Nan, e ela queria a minha atenção. Se soubesse que eu estava tão perto e que tinha lutado tanto para encontrá-la, sem dúvida apareceria. Me recostei na cadeira e fiquei mastigando o mix de castanhas enquanto observava as portas dos elevadores.

Meu celular finalmente vibrou na minha mão.

Estou ocupada agora. Não vou sair. Se você faz tanta questão, podemos nos encontrar amanhã por volta de meio-dia.

Li a mensagem duas vezes antes de aceitar que ela tinha mesmo me dispensado. Com que diabo ela estava ocupada se estava no quarto?

As palavras de Cope me voltaram à mente e reviraram meu estômago, e precisei lutar contra o impulso de atirar o maldito celular no chão. Desgraçado. Ele estava lá com ela. Aquela merda que ele tinha dito era verdade.

Ocupada demais para vir tomar um drinque comigo?, enviei, me recusando a acreditar que ela estava preferindo Cope a mim.

Sim, ocupada demais. Desculpe.

Que merda. Senti um aperto no peito, agarrei o copo de uísque e bebi de uma vez, esperando que aliviasse a raiva e a descrença que ferviam dentro de mim. Eu sabia que ela era fria, mas aquela foi pior do que eu esperava.

– Gostaria de outra bebida? – perguntou a garçonete com aqueles lábios vermelhos que prometiam fazer coisas bem sacanas.

– Gostaria que você fizesse uma pausa no trabalho – falei.

Ela olhou para o relógio e assentiu.

– Tudo bem. Me dá cinco minutos?

Assenti e ela saiu. Eu podia esperar cinco minutos. Depois ela ia me dar uns bons trinta minutos em algum lugar daquele cassino. Eu tinha que liberar a tensão, e aqueles peitos empinados precisavam estar na minha boca e nas minhas mãos o mais rápido possível.

Quando ela voltou, olhou para mim com um sorriso que dizia que ela sabia exatamente o que eu queria. Meu Deus, eu adorava as garotas de Las Vegas. Eu precisava de um emprego ali. Ia resolver todos os meus problemas e me manter longe de Nan.

– Venha comigo – disse ela, pegando a minha mão.

Eu a segui até uma sala em cuja porta se lia “Apenas funcionários” e depois fomos para dentro de um armário cheio de roupas de cama.

Fechei a porta atrás de nós, e ela tirou a regata e deixou os peitos balançarem livres.

– Pode brincar com eles agora – falou em tom provocador, vindo na minha direção. – Desde que me coma enquanto faz isso.

Meu pau ficou duro imediatamente. Arranquei a saia dela e descobri que não estava usando calcinha. Gostei dela. Tirei uma camisinha do bolso e a abri antes de abaixar a calça jeans e colocá-la.

– Que peitos lindos – murmurei, enfiando a cara entre eles, sugando um mamilo e chupando com força.

Ela arfou e agarrou meu cabelo, o que só fez com que eu sugasse com mais força. Eu gostava de dor quando estava com raiva. Eu podia estar prestes a comer uma mulher quente e ávida, mas isso não ia mudar as coisas. Ia apenas liberar a tensão da forma que eu tanto precisava.

Eu a segurei pela cintura, ela abriu as pernas e eu meti com força. Ela passou as pernas ao meu redor e gritou. Eu gostava das escandalosas. Aquilo ia ser bom. Muito bom.

– Assim, docinho. Rebola no meu pau e balance esses peitos maravilhosos pra mim – falei, estimulando-a.

Como uma boa menina, ela fez exatamente isso.

Nan

Eu ia matar meu irmão. Aquilo era culpa dele. Ninguém além de Rush sabia aonde eu tinha ido. Se Gannon não estivesse comigo, a essa altura eu já teria ligado para Rush e dado um esporro nele. Eu não queria que se preocupasse comigo. Tinha sido isso que eu disse a ele. E não significava que ele podia dizer a Major onde eu estava.

O fato de Major estar lá embaixo esperando que eu saísse do elevador me deixou mais furiosa. Ele realmente achava que eu ficaria tão agradecida por ele ter ido atrás de mim que correria para os braços dele?

Sim. Ele achava. Porque se eu não estivesse sentada no sofá com Gannon, teria descido correndo como a garota desesperada por atenção que eu era. Convenceria a mim mesma que era um gesto romântico e torceria para ser capaz de fazê-lo continuar comigo dessa vez.

– Essa mensagem de texto deixou você toda tensa. Quem era? – perguntou Gannon.

Deixei o celular de lado e olhei para ele.

– Uma pessoa irritante. Nada importante.

Ele não pareceu acreditar na minha resposta, mas não ficou me pressionando, como Major faria. Ele me deixaria mentir se eu precisasse. Mais um ponto para Gannon. Ele estendeu a mão.

– Venha aqui.

Eu não era a mulher mais obediente do mundo, mas quando um homem daquele chama, você simplesmente vai e não faz perguntas.

Quando me aproximei, ele segurou a minha mão e me puxou até eu estar montada no colo dele.

– Assim é melhor. Estava difícil ficar tão longe de você com essa roupinha toda sexy.

As coisas que ele falava me davam vontade de dizer que ele era perfeito. Toda garota quer ouvir isso. Ele falava coisas assim de um jeito muito natural, como se elas fossem mesmo verdade. O que, combinado com a beleza, a voz e os músculos dele, era fatal.

– Eu estava deixando você saborear a sua pizza – retruquei, sentindo um calafrio enquanto as mãos dele subiam pelas minhas coxas.

– Hummm, e já saboreei. Agora estou com fome de outra coisa.

Sorrindo, fechei os olhos, ansiosa para que as mãos dele chegassem a seu destino. Só quando ele as deslizou para dentro da minha calcinha, lembrei que era a vez dele. Eu precisava tocá-lo agora. Não ia deixar que fizesse todo o trabalho de novo.

– Espere – falei. Essa única palavra foi muito difícil de dizer, porque eu não queria que ele parasse de me tocar. O orgasmo que ele havia me dado mais cedo havia sido épico, e eu queria aquilo de novo, em breve. – É minha vez.

Saí do colo dele e subi as mãos pela coxa coberta pela calça jeans até encontrar o que queria. Já estava quase duro só de encostar em mim. Ele estava gostando.

– Não é uma competição – disse, cobrindo a minha mão com a dele.

Gannon podia achar isso, mas eu acreditava que é dando que se recebe, e ele merecia o melhor boquete do planeta.

– Quero tocar em você – falei, enquanto abria a calça jeans e me ajoelhava no chão à frente dele. – Abaixei a calça.

Não desviei o olhar do pau dele até Gannon finalmente levantar os quadris e tirar a calça e a cueca. O pau estava totalmente ereto, e lambi meus lábios em expectativa. Eu adorava o poder que isso me dava. Eu só fazia sexo oral quando me sentia incrivelmente atraída por um homem e ele tivesse feito por merecer. Estava ansiosa para fazer aquilo em Gannon.

– Caramba, você está excitada com isso – murmurou ele, fechando a mão em volta do pau.

Moveu a mão para cima e para baixo devagar, enquanto nos encarávamos. Até isso foi sexy. Eu estava começando a achar que tudo o que aquele homem fazia era sexy. Me inclinei para a frente e fechei a mão acima da dele. Passei o polegar sobre a ponta sensível do pau, e ele afastou a própria mão enquanto se ajeitava e se recostava nas almofadas do sofá. Seus olhos estavam focados em mim. Eu podia sentir o calor me incendiando. Queria que aquilo fosse muito bom para ele.

Fiquei olhando para cima, para o rosto dele, enquanto percorria com a língua o ponto onde meu polegar tinha acabado de passar. Então, lentamente, envolvi a cabeça com os lábios e comecei a sugar suavemente.

Com a respiração pesada, ele enterrou a mão nos meus cabelos, agarrando um punhado dos meus cachos. Enfiei o pau todo na boca, até a ponta tocar minha garganta, antes de tirá-lo novamente.

Os olhos de Gannon estavam semicerrados de prazer. Ele segurou meus cabelos com mais força enquanto eu prosseguia na minha performance, chupando e depois lambendo todo o comprimento, provocativamente, antes de começar tudo de novo.

Ele começou a gemer, erguendo os quadris com impaciência na direção da minha boca.

Contive um sorriso. Queria saber se o estava agradando, e isso deixou bem claro.

Cobri a base com uma das mãos e continuei o trabalho, adorando saboreá-lo. Cada som que ele fazia e cada palavrão que murmurava me estimulavam ainda mais. Queria que aquele fosse o melhor boquete da vida dele.

– Meu Deus, Nan – gemeu ele, puxando o meu cabelo para trás. – Vou gozar.

Ele estava tentando me afastar, mas eu queria ir até o fim. Eu não fazia isso com a maioria dos homens, mas para ele eu queria fazer. Eu o desejava demais. No fundo, eu queria conquistá-lo, e queria que ele quisesse ficar comigo.

– Puta que pariu – murmurou ele, arfando, e segurou a lateral do meu rosto. – Você não precisa fazer isso.

Ao mesmo tempo, levantou os quadris para empurrar mais fundo na minha boca. Ele estava perdido de prazer, e eu havia feito aquilo. Eu.

Me agarrei às suas coxas, chupei com mais força e rocei os seios nele, gemendo com o pau

dele na boca. Gannon estava quase gozando, e a única coisa que precisava era de um estímulo visual final.

– Ahhh – gemeu ele, e em seguida deu um rugido.

Sorri, sabendo que ele jamais iria me esquecer.

Major

Eu tinha programado o despertador do celular para as dez horas. Como havia marcado um encontro com Nan, levantar não foi um problema. Eu não havia dormido bem. Depois de reservar um quarto no Bellagio, eu havia ligado para ela, mas Nan não tinha atendido. Precisei me convencer a não voltar para aquele bar e ficar esperando a garçonete sair do trabalho. Sinceramente, não tinha sido nada tão memorável assim.

Nesse dia eu veria Nan e consertaria as coisas. Ela ia voltar comigo para Rosemary Beach. Eu lhe daria a atenção de que ela precisava, Nan ia confiar em mim e eu provaria a sua inocência. Então pronto. Trabalho concluído.

Mandei uma mensagem de texto antes do banho para perguntar onde Nan queria me encontrar, mas quando saí do chuveiro ela ainda não tinha respondido. Eu não queria pensar que ela havia ido dormir tarde, já que não tinha saído do quarto. Não entendia muito bem por que isso me incomodava tanto. Apenas incomodava.

Cope me deixou irritado além do limite. Eu não sabia se conseguiria trabalhar para ele. Trabalhar para Capitão havia sido fácil. Eu gostava do sujeito. Ele era durão, mas ao menos tinha bom coração. Cope era um monstro sem sentimentos, e Nan estava próxima demais dele. Eu precisava dar um jeito nisso.

Eu me vesti e desci para o saguão, em busca de um café. A Starbucks foi o primeiro lugar que vi, então fui até lá e comprei um muffin e um pirulito de chocolate para colocar dentro do meu café. Estava com fome, já que na noite anterior não tinha comido direito.

– Você não ouve ninguém, não é mesmo? – disse Cope atrás de mim, enquanto eu pegava meu pedido.

Praguejei internamente, xingando-o de um milhão de coisas que gostaria de poder dizer em voz alta.

– Eu não estava a fim de viajar de avião ontem. Quis vir apostar um pouco antes de voltar.

– Mentira – disse ele. – Vá se sentar. Vou pegar um café e depois vamos conversar. O que você fez ontem à noite podia ter ferrado com tudo.

Então ele *estava* com ela. Sabia que eu tinha mandado mensagens. E não gostou nem um pouco disso, pelo jeito.

– Eu queria saber como ela estava.

– Vá se sentar, porra – rosnou ele, e então se virou para pedir um café.

Eu queria ir embora dali só para provar que podia. Mas já tinha visto o desgraçado matando gente, e não estava a fim de ser o seguinte da lista. Ética não era o ponto forte de Cope, e ele era

capaz de matar simplesmente porque estava a fim. Por que aquele babaca tinha que se meter com Nan? Eu estava com a situação sob controle.

Sabia como ele era cruel e que com certeza estava armado, então me sentei seguindo a ordem dele, e me senti um cagão por causa disso. Essa era a parte do trabalho para a qual Capitão não havia me preparado: ter que receber ordens. Eu não gostava muito disso. Nem um pouco, na verdade.

Cope veio até mim a passos largos, com um olhar fulminante. Estava irritado comigo de verdade. Não me defendi nem disse nada. Só esperei que ele falasse alguma coisa.

Ele não teve pressa. Colocou o café em cima da mesa e olhou ao redor antes de enfim me encarar de novo.

– Eu disse que estou com ela. Vou conseguir o que precisamos. Vou enviar você para DeCarlo e ele que mande você e a sua teimosia para algum outro lugar se quiser. Aqui, eu dou as ordens. Você obedece. Não toma decisões.

– Quero falar com ela – foi tudo o que eu disse em resposta.

Ele olhou furioso para mim.

– Por quê?

Porque... porque eu queria meu alvo de volta. Queria provar que podia fazer aquilo. Queria que fosse eu o cara no quarto dela naquela noite. Não o louco varrido do Cope.

– Ela confia em mim. Posso conseguir o que precisamos.

Cope soltou uma risada de divertimento.

– Ela não confia em você. Na verdade, ela nem gosta mais de você. Mas confia em mim.

Como diabo ela podia confiar nele? Eles haviam acabado de se conhecer. Ele estava entendendo tudo errado.

– Ela só está usando você para me atingir, porque eu a magoei. Ela não confia em você. É de mim que ela precisa, e é comigo que vai falar.

Cope estreitou os olhos. Não gostou do que eu disse, mas deu para ver que não tinha pensado nisso.

Gostei de saber que pelo menos uma eu tinha ganhado dele. Eu sabia algo que ele não havia levado em conta. Então continuei:

– Nan acabou de conhecer você. Não sabe o suficiente a seu respeito para confiar em você de verdade. Se está transando com você, é porque certamente quer se vingar de mim, só isso. Não tem nada a ver com você. E você não vai ter nenhuma chance depois que ela for embora daqui.

Eu queria acreditar em tudo o que estava dizendo. E acreditaria, depois que a visse e conversasse com ela.

– Eu preciso vê-la. Se quisermos continuar com isso, preciso consertar as coisas com ela.

Cope não respondeu. Percebi que estava pensando na situação, e não estava gostando nem um pouco. Isso me surpreendeu. Eu não esperava que ele fosse fazer tanta questão de continuar um trabalho que era meu. Para ele, Nan era apenas uma fonte de respostas. Certo?

– Isto é só um trabalho para você, não é? Quer dizer, ela não está mexendo com você, está?

Eu tinha que reconhecer minha coragem. Era preciso ter colhão para perguntar algo assim a um sujeito como Cope.

Ele me lançou um olhar contundente, então se levantou.

– Converse com ela. Vou estar de olho. Se ela quiser continuar esta merda com você, vá em frente, mas faça as coisas direito dessa vez. Preciso das minhas respostas antes que o rastro se apague.

Eu não tinha terminado de falar, mas ele se virou e saiu sem dizer mais nada.

Eu venci. Consegui a garota de volta. Ia obter as informações e concluir meu trabalho.

Mas primeiro precisava que ela me atendesse. Liguei para Nan.

Ela atendeu no terceiro toque.

– A gente se encontra na delicatessen ao lado da Starbucks em vinte minutos – foi tudo o que ela disse antes de desligar.

Sorrindo, desliguei e terminei o café, enquanto pensava num plano.

Nan

Ver Major depois da minha noite com Gannon não era algo que eu gostaria de fazer, mas, pelo jeito, Major estava me perseguindo. Eu precisava lidar com isso. Não queria que ele ficasse atrás de mim quando eu estivesse com Gannon.

Fiquei esperando que Gannon me ligasse ou mandasse uma mensagem de texto, mas ele ainda não tinha dado sinal de vida naquela manhã. O que era horrível. Talvez ele achasse que eu estava dormindo.

Não fiz nenhum esforço enquanto me arrumava para ver Major. Impressioná-lo não estava mais entre as minhas prioridades. Eu havia tentado de tudo, e nada do que eu fazia bastava para ele. Não fazia sentido usar meus talentos agora que eu não o queria mais.

Coloquei um vestidinho de verão Prada curto e simples e calcei um par dos meus Louboutins mais confortáveis. Estava pronta para encará-lo. Ele que dissesse as mentiras que o haviam feito ir até Las Vegas. Eu simplesmente o dispensaria no instante em que tivesse terminado de falar. Ele poderia voltar para galinhar em Rosemary Beach, e eu poderia voltar para Gannon e a vida de Las Vegas. Eu adorava a vida naquela cidade. Adorava.

Eu conhecia a nuca de Major e a forma como ele parava, de tanto olhar para ele no passado. Ele era lindo de morrer, mas, meu Deus, também era um babaca. Eu já estava farta daquilo tudo. Além disso, eu não precisava sair com um cara que era, provavelmente, mais bonito do que eu.

Quando ouviu o barulho do salto dos meus sapatos, ele se empertigou e se virou para olhar. Aquele sorriso receptivo e encantador que fazia com que ele conseguisse tudo o que queria tomou conta de seu rosto e, pela primeira vez, eu não tive vontade de dar um tapa ou um beijo nele. Eu só não queria mais saber de Major. Isso foi um alívio. Essa consciência tornou o momento muito menos desagradável.

– Você está linda – disse ele.

Então colocou a mão na minha cintura e me puxou para me beijar, mas eu me desvencilhei. Não estávamos mais nesse estágio. Não era de estranhar que ele achasse que aquilo era tudo o que precisava para voltarmos ao que éramos antes.

Só isso já era irritante. Analisando objetivamente o quadro geral, havia muitas coisas irritantes nele. Eu ficava tão envolvida nos poucos momentos preciosos que ele me dava que estava sempre disposta a ignorar todo o resto. Mas isso foi antes de Gannon. Eu não era mais tão fácil de agradar.

– Você está brava comigo. Eu mereço, mas quero consertar as coisas.

Ele parecia completamente arrasado. Isso quase bastou para amolecer meu coração. Eu não

gostava de deixá-lo triste. Ele parecia tão fácil de magoar... Só que com frequência era *ele* que *me* magoava.

– Eu não quero mais saber de você. Nós tentamos. Não deu certo. Por que continuar insistindo? – retruquei, com uma irritação bem ensaiada na expressão e na voz.

Eu era ótima nisso. Disfarçar as emoções para ninguém saber que eu estava magoada era meu superpoder desde criança.

– Nan, não diga isso. – Os olhos dele pareciam tristes de verdade. – Eu fiz merda. Mas vou provar que sou melhor do que isso. Eu posso ser o que você merece. Quero ser. As outras mulheres não têm a menor importância. Você, sim.

Ele estava falando coisas bonitas, e talvez uma semana antes – até mesmo dois dias antes –, eu teria me derretido por elas. Mas agora, não mais.

Major não era o bastante para mim. Eu ia começar a responder quando ele levantou a mão para me interromper.

– Só sente aqui comigo. Vamos tomar café da manhã e conversar. Eu não posso perder você. O problema é que eu nunca tive nenhum relacionamento antes, e não sei fazer as coisas direito, mas vou me esforçar o máximo possível para mostrar que sou digno de você.

Mais palavras bonitas para combinar com o lindo rosto dele. Eu queria ter uma desculpa para ir embora, mas Gannon ainda não tinha ligado nem mandado mensagem. Olhei ao redor atrás de algum sinal dele, mas o cassino era imenso, e havia milhares de pessoas ali. Não havia nenhuma chance de conseguir vê-lo passar. Finalmente, olhei de novo para Major.

– Tudo bem, vamos comer. Mas você paga. Foi você que me convidou.

Ele abriu um sorriso, como se tivesse ganhado alguma coisa. Eu detestaria ter que dizer que ele não havia ganhado nada além da chance de me pagar uma refeição porque eu estava com fome.

– É claro. Eu não deixaria você pagar.

Isso era uma mentira das grandes. Ele me deixava pagar coisas o tempo todo. Revirei os olhos e passei por Major e segui na direção da recepcionista.

– Mesa para dois, por favor – falei, sem olhar de novo para ele.

Eu não acreditava que estava lhe dando aquele tempo.

Sentei na ponta do banco para duas pessoas. Como era uma mesa colada à parede, não dei a Major a opção de sentar ao meu lado. Por que quando os homens acham que nos perderam, de repente passam a nos querer? Era tudo um jogo para eles, e eu estava cansada disso. Já Gannon não estava fazendo joguinhos. Ele era direto e tranquilo. Eu adorava isso. Era revigorante.

– Você vai me dar uma chance? Ou vai ser assim o café da manhã todo? – perguntou ele.

Fui obrigada a fazer contato visual, o que eu precisava admitir que era bastante difícil. Ele tinha os olhos azuis mais lindos do mundo, e eu era só uma mulher. Garotas ficam impotentes quando veem alguém bonito assim.

– Não há chance para dar. Se você quiser tomar café, conversar e continuar meu amigo, estou completamente de acordo, mas você já teve sua chance. Fez questão de deixar claro que não havia nada sério entre nós, e demonstrou várias vezes seu desinteresse. Aí sabe o que aconteceu? Eu entendi.

Eu me senti bem dizendo isso a ele. Havia guardado tanta coisa que aquilo estava começando a me consumir. Conseguir simplesmente colocar aquelas coisas para fora sem me importar que ele pudesse nunca mais falar comigo era como tirar um peso do peito.

– Eu fiz merda. Sou um idiota. Eu não queria ter nada sério porque não sei como fazer isso. Relacionamentos me assustam. Você me assustou. Eu não queria perder a amizade que temos por causa de um relacionamento fracassado.

Era uma desculpa que eu já havia escutado antes de Grant Carter, que tinha se apaixonado pela minha meia-irmã e se casado com ela. Não era uma cartada muito boa para Major usar. Ele precisava pesquisar um pouco mais, porque estava lançando mão de jogadas que já haviam me ferido no passado.

– Nós podemos ser amigos. Você não perdeu isso. Mas sexo e tudo o mais? Isso acabou. Você pode transar com quem quiser... De qualquer maneira, você já estava fazendo isso mesmo.

Eu realmente parecia calma. A amargura e a raiva haviam abandonado minhas palavras. Fiquei com vontade de fazer um gesto em comemoração, mas sabia que ia ser ridículo e me contive.

– Eu não quero isso. Quero a gente. Quero você.

Era um pouco tarde demais para isso.

Essa seria uma boa lição de vida para ele. Da próxima vez que gostasse de uma garota, não a trataria como se ela fosse descartável. Agora ele sabia que, se ela tivesse algum amor-próprio, iria embora sem olhar para trás.

– Eu também queria, mas você não. Acho que nosso timing está fora de sintonia, porque agora eu não quero mais. Então, vamos simplesmente ser amigos, como você queria antes – falei.

– O que vão beber? – perguntou a garçonete.

– Café com leite desnatado, por favor – respondi, grata pela interrupção.

– Café puro – disse Major, sem tirar os olhos de mim.

Ele era realmente um cabeça-dura.

Major

Aquilo não estava indo do jeito que eu havia imaginado. Ela estava desinteressada. Eu nunca a tinha visto tão desconectada emocionalmente. Já vira Nan fazendo jogo duro antes, mas em geral eu conseguia ver um brilho de atração em seus olhos. Naquele momento, só dava para ver irritação. Como se conversar comigo fosse a coisa mais tediosa que ela precisava fazer naquele dia.

– Eu quero mais do que amizade – falei, me perguntando se talvez isso não fosse verdade, afinal.

– Eu sei. Você quer uma amizade colorida. Eu, não. Já passamos desse ponto.

Ai.

– Não é disso que estou falando. Quero ter mais que isso. Não vou mais fugir. Juro.

Ela revirou os olhos e foi como se tivesse me dado um tapa.

– Você está ouvindo direito? Eu disse que isso não tem mais importância. Já superei o que quer que a gente tivesse. É amizade ou nada, Major. Podemos fazer o pedido agora?

Meu ego nunca havia sofrido tantos golpes em tão pouco tempo. Nan simplesmente não parava de bater. Meu peito doía, e eu gostaria de acreditar que era porque ela havia ferido o meu orgulho, mas o fato de não querer mais nada comigo me entristeceu. Eu tinha boas lembranças com ela. Algumas eram fenomenais. Só que, sempre que tínhamos um momento fantástico, eu fugia para ter um pouco de espaço. Entrava em pânico quando nos aproximávamos demais.

Agora eu estava sofrendo as consequências por ter sido um covarde e tentado evitar me envolver. Agora Nan não me queria de jeito nenhum. Como eu podia ter deixado as coisas chegarem àquele ponto? Quando saímos para correr na praia no começo da semana, havia sido divertido. Eu gostava de estar com ela. De fazê-la rir. Caramba, eu adorava saber que ela gostava da minha companhia. Isso era importante para mim. Agora eu havia perdido tudo.

– Nan, o que eu posso fazer para você me dar mais uma chance? – perguntei, com o máximo de sinceridade possível.

De repente, eu me dei conta de que estava falando sério. Eu queria mais do que amizade colorida com ela. Que merda, ela não era só um trabalho.

– Nada. Eu não quero nada de você e não sinto mais nada por você. Desculpe.

Nan não disse mais nada além disso. Era uma simples rejeição, mas o significado era bastante difícil de encarar. Eu havia provocado aquilo, e não sabia ao certo se ia conseguir superar. O que fazer quando perdemos algo que passou a ser importante para nós? O tempo que eu passava com ela era especial, algo pelo que eu esperava ansiosamente. O que eu ia fazer agora?



Depois de uma refeição cheia de respostas monossilábicas de Nan, não fiquei surpreso quando ela simplesmente se despediu e foi embora assim que terminou de comer. Eu a deixei ir, porque não havia mais nada que pudesse dizer para impedi-la. Eu tinha tentado de tudo. Todos os truques que conheço tão bem haviam dado errado com ela. Era a primeira vez que isso acontecia comigo.

Eu me recostei no banco enquanto a garçonete enchia minha xícara mais uma vez. Meu plano não ia funcionar. Esperei pacientemente que Cope aparecesse. Porque sabia que ele iria aparecer. Tinha certeza de que ele havia assistido a tudo. Ele sabia que ela não queria mais saber de mim e que eu havia fracassado na tarefa que DeCarlo havia me dado.

Será que a culpa era minha? Eles me designaram para aquela missão por causa da minha aparência, não do meu talento. Eu poderia ter assumido um trabalho mais perigoso que não envolvesse me relacionar romanticamente com uma mulher. Ser escalado para o papel do rostinho bonito não tinha sido muito justo. Eu havia começado a trabalhar para DeCarlo porque queria a emoção da caçada, não para ter relacionamentos de mentira com mulheres que faziam parte do meu círculo familiar.

Quer dizer, caramba, eu não era exatamente um James Bond. Claro que isso seria totalmente sensacional, mas não era essa a questão. Eles haviam me colocado em uma situação injusta. A maioria dos homens que tivessem um pinga de sensibilidade fracassaria nessa missão. Matar um bandido era algo que eu podia fazer. Magoar uma mulher, por outro lado, não era meu forte.

– Volte para Rosemary Beach e dê um tempo para ela. Vou continuar o que comecei. Depois vou mandá-la correndo de volta para casa, precisando ser consolada. Você vai ter que estar pronto dessa vez – disse Cope perto do meu ouvido antes de se empertigar e ir embora.

Ele podia realmente magoá-la? Ela gostava tanto dele assim? Caramba. Se gostava, eu precisava melhorar minhas jogadas bem rápido.

Nan

Aquilo tinha sido muito difícil. Ver a expressão triste de Major fez meu estômago se contrair. Encará-lo não havia sido nada fácil, e eu tentei olhar para ele o menos possível. Não importava quantas vezes ele tivesse me magoado ou me dispensado, eu gostava mesmo dele. Tivemos momentos divertidos juntos, e algumas vezes ele havia feito com que eu me sentisse especial. Como se eu fosse a única garota no mundo que importasse.

Então, é claro, no dia seguinte ele saía correndo para se encontrar com outra e fazer a mesma coisa com ela. Eu era ingênua a ponto até de achar que o que acabara de dizer a ele tinha alguma importância. Mas Major ia superar. Havia mulheres por toda parte esperando para massagear seu ego. Porque era essa a questão: ele não estava acostumado com rejeição. Com um rosto como o dele, duvido que precisasse lidar com isso com frequência. Se é que alguma vez tinha precisado.

Ainda assim, eu queria voltar para dar um abraço nele. Porque Major realmente parecia estar precisando de um abraço. Balançando a cabeça ao pensar nessa minha tolice, segui de volta para o elevador. Gannon ainda não havia me procurado, e eu estava um pouco fragilizada depois do encontro com Major. Se ele não tivesse praticamente me implorado por mais uma chance, eu teria ficado bem.

Mas, meu Deus, vê-lo implorar foi duro. Eu merecia um prêmio por ter sido tão forte. Que garota não quer um cara como Major suplicando por uma segunda chance? Tenho certeza de que não existe uma única neste ou em outros planetas.

Meu celular vibrou e vi o nome de Gannon na tela, seguido por: *Boa tarde. Almoço?*

Eu ainda estava sem fome, por causa do café da manhã com Major, mas não ia rejeitar uma chance de estar com Gannon. Comería pouco.

Sim, adoraria almoçar.

Fiquei esperando no elevador enquanto a porta se abria e se fechava. Não me mexi.

Nos encontramos daqui a uma hora no elevador?

Graças a Deus. Ia ser ótimo ter uma hora para me arrumar e digerir o almoço com Major. Perfeito.

Mordi o lábio enquanto um sorriso ansioso tomava conta do meu rosto. Quando a porta do elevador se abriu de novo, entrei apressadamente. Eu tinha uma hora para ficar incrível.

◆ ◆ ◆

Três combinações de roupa e dois penteados depois, eu estava pronta para me encontrar com

Gannon lá embaixo. Quase toda a culpa em relação a Major já havia desaparecido e eu me sentia empolgada em ver Gannon de novo. Ainda não estava com fome, mas não tinha problema.

Quando a porta do elevador se abriu, meus olhos foram atraídos por ele. Era difícil não o ver. As mangas da camisa Oxford branca que ele usava estavam dobradas até os cotovelos, e seus bíceps pareciam prestes a explodir as costuras. O contraste do branco com a pele bronzeada era impressionante. Além de tudo isso, havia o coque bagunçado e a barba. Caramba, como ele era gostoso...

Meu coração acelerou. Esperava que todo o meu esforço para ficar irresistível fosse reconhecido. Observei o rosto dele enquanto me examinava. Eu adorava a forma como o olhar dele percorria o meu corpo. Fazia com que me sentisse única.

– Dormiu bem? – perguntou ele quando me aproximei.

– Sim, obrigada – respondi, lembrando que ele tinha me colocado para dormir na noite anterior.

– Ótimo. – Ele estendeu o braço para mim. – Vamos comer.

– No mesmo lugar? – perguntei, curiosa.

Ele balançou a cabeça.

– Não quero deixar você entediada. Tenho outros planos.

Como se ele fosse capaz de me entediar. O sujeito era fascinante. E cheiroso demais. Eu queria encostar o nariz nele e inspirar fundo.

– Na Strip? – eu quis saber.

Ele me guiou para fora do cassino antes de responder com um rápido olhar.

– Isso seria tedioso, não seria?

Eu queria dizer que nada era tedioso com ele. Nunca sabia o que esperar, e essa sensação logo se tornou um anseio que eu estava adorando experimentar. A emoção do desconhecido. Mas eu não falei isso, porque me tornaria vulnerável.

– Acho que sim – respondi, esperando que minha curiosidade não estivesse completamente evidente no meu tom de voz.

A risadinha dele deixou claro que eu não havia disfarçado nem um pouco meus pensamentos. Ou então ele era incrivelmente observador. Dava para ver pela maneira como Gannon falava e se comportava que ele era um cara inteligente. Mais do que qualquer outro que eu havia conhecido. Só isso já me intrigava. Um homem com aquele jeito perigoso que adorava ler clássicos em vez de ver TV? Caramba.

– Reservei uma mesa privativa no topo do Caesars Palace. A vista é espetacular, e nós teremos um pouco de tranquilidade. Não é a cobertura, mas foi o melhor que consegui.

Nossa. Não era o que eu estava esperando. Eu sabia que *eu* queria privacidade. Muita privacidade. Mas, pelo jeito, ele também. Ótimo. Major havia me afastado por tempo de mais. Eu tinha o direito de seguir em frente e procurar algo melhor.

Não ia pensar em Major de novo.

Major

As ondas quebravam na praia enquanto eu estava sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos, com uma garrafa de cerveja na mão direita e um cigarro na esquerda. Eu não fumava. Nunca fumei. Mas, naquele momento, como eu estava precisando... Estava perdido, confuso e tão triste que não sabia o que fazer.

Fazia dois dias que eu havia ido embora de Las Vegas, e cada momento que passava longe de Nan, lembrando o que ela disse, me fazia perceber meu erro. Como eu havia ferrado com tudo. Como meu medo de encarar meus sentimentos pela garota louca, linda e marrenta de Rosemary Beach havia me jogado naquele poço de tristeza infernal.

Ela havia me desejado. Agora não me queria mais. Isso era o mais difícil de aceitar: só ter dado valor ao que eu tinha depois de perder. O fato era que Nan me fazia rir. A arrogância era uma máscara que ela usava para disfarçar sua vulnerabilidade. Eu tinha visto isso. Caramba, eu ficava com o coração partido sempre que ela baixava a guarda. Dava para ver claramente como ela já havia sido magoada na vida. E, em vez de ser o homem que ela precisava e queria, eu havia falhado com ela. Conosco.

Cope ia acabar com ela. Seu plano era mandá-la de volta para mim destruída, e eu detestava essa ideia. Ela não precisava ser ferida. Já havia sido. Mas o desgraçado não se importava com isso. Ele só queria as informações que eu não havia conseguido.

– Não sabia que você havia decidido seguir pelo caminho do câncer de pulmão – disse a voz de Mase, invadindo meus pensamentos.

Levantei para ver a expressão de nojo no rosto do meu primo.

– Vá se foder – resmunguei, dando uma longa tragada antes de voltar a atenção novamente para o golfo.

Quando ele havia chegado à cidade, afinal? Mase passava a maior parte do tempo no Texas, no rancho da família.

– Se eu fosse inteligente, iria mesmo. Mas parece que eu vou ser um idiota e tentar descobrir o que há de errado com você.

Ótimo. Exatamente do que eu precisava. De uma porcaria de conversa íntima.

– Não estou a fim de conversar. Você está um pouco longe de casa, não? – resmunguei, e então tomei um gole de cerveja.

Ele sentou no banco ao meu lado, em frente ao meu condomínio.

– Nunca vi você assim. Nem quando seu pai expulsou você por ter comido a mulher dele. O que aconteceu?

O que tinha acontecido era Nan. A linda, gostosa pra caralho, insegura e complicada Nan.

– Volte para o Texas – falei.

Mase riu, e tive vontade de bater nele.

Se não estivesse na décima cerveja, eu teria pensado em chamá-lo para a briga. Mas, naquele momento, eu só queria que ele me deixasse em paz.

– Vim fazer uma visita. Está chegando o chá de bebê da Blaire. Por favor, me diga que isso não tem a ver com a Nan.

– Não posso – respondi, irritado.

– Merda – murmurou ele.

Merda mesmo. Eu estava afundado na merda até o pescoço. Tinha ferrado com tudo. Nan se magoaria por minha causa. Não havia nada que eu pudesse fazer agora.

– Por que você decidiu se envolver com a Nan? Eu avisei para não fazer isso. Ela não é o tipo de mulher que um homem deve levar a sério.

O babaca não sabia do que estava falando. Ele não a conhecia como eu. Ela não era a meia-irmã da qual ele crescera afastado. E não era a filha que o pai dele havia negligenciado durante a maior parte da vida. Era a garota que todo mundo tinha deixado para trás. A que todo mundo odiava.

– Você não a conhece – disparei.

– Ninguém a conhece – respondeu ele imediatamente. – Ela é cruel, fria e aut centrada.

Larguei o cigarro e o esmaguei com o pé.

– É aí que você se engana. Você nunca deu uma chance a ela.

Mase deixou escapar uma risada dura.

– Não viaja. Ela foi uma escrota vingativa com Harlow toda vez que pôde. E aterrorizou Reese.

Eu conhecia as duas histórias. Assim que eu tinha chegado à cidade e demonstrado interesse por Nan, Grant e Mase falaram muito sobre como ela era má. Quando estavam na presença de Rush, nenhum dos dois falava sobre ela, porque o irmão não permitiria. Mas era só ele não estar por perto que eles a detonavam.

Eu ficava muito irritado com o fato de nenhum deles se interessar em descobrir por que Nan podia ser tão cruel. Não se perguntavam o que a fizera ser assim? Mais aut centrados, impossível.

– Você não a conhece. Nunca tentou conhecê-la. Então não venha me falar sobre ela. Eu sei de todas as histórias e sei quem ela é.

– Ainda assim, aqui está você, fumando esse negócio cancerígeno e bebendo uma cerveja atrás da outra por causa dela. O que isso diz sobre Nan?

Bebi o restante do conteúdo da garrafa.

– Diz que eu não lidei com as coisas direito. Eu não a tratei com a delicadeza que ela merece. Agora ela vai sofrer, e a culpa é minha. Só espero que eu possa consertar isso. Que merda completo que eu sou.

Surpreendentemente, Mase não respondeu. Ficou apenas sentado em silêncio ao meu lado, enquanto observávamos as ondas quebrarem na praia. Meus pensamentos estavam voltados para

Nan, no que ia acontecer com ela e se eu ao menos teria uma chance de ajudá-la a se curar depois que o chão sob seus pés ruísse mais uma vez.

Nan

Eu não o ouvi entrar no box de vidro porque estava com a cabeça embaixo da ducha forte, enxaguando o resto de shampoo dos cabelos. As mãos grandes de Gannon agarraram minha cintura, me dando um susto, e eu abri os olhos, arfando.

– Se vire e coloque as mãos na parede – ordenou.

Gannon estava com as pupilas dilatadas, como costumavam ficar quando ele estava excitado. Não discuti, embora adorasse resistir apenas o suficiente para vê-lo agir de modo autoritário. Aquilo me deixava insaciável.

Obedeci, colocando as duas mãos espalmadas nos azulejos molhados, e abri as pernas antes de empinar a bunda para ele. Eu sabia o que ele queria, e estava mais do que disposta a dar. Eu nunca havia transado com ninguém da forma como estava transando com Gannon.

Ele era capaz de transar durante horas, me dando um orgasmo depois do outro. Eu ansiava por cada toque delicioso e cada momento doloroso.

A mão dele veio com força na minha bunda, e eu dei um grito quando a palmada fez meus olhos lacrimejarem.

– Vagabunda sem vergonha. Por que está levantando a bunda para mim desse jeito? Você acha que eu quero isso? – perguntou ele em uma voz dura e fria.

Então, me deu um tapa no mesmo lugar com mais força ainda, enquanto eu choramingava e me contorcia.

Apertou meu quadril com violência, esmagando a carne.

– Não dê um pio. Aguarde firme como uma boa menina – ordenou ele, deslizando a mão por entre as minhas pernas, enfiando facilmente três dedos em mim. – Cacete, você está encharcada. Gosta de ouvir esse tipo de coisa, não é? Quer que eu bata nessa bunda e diga que vou meter o pau em você. Isso te deixa louca, não deixa? Sua safada...

Gemi. Ouvi-lo me provocar também me dava tesão. Nenhum homem jamais havia falado desse jeito comigo durante o sexo. Ele era muito diferente dos caras com quem eu havia saído. Coisas sombrias e perversas mexiam comigo. Eu jamais imaginaria isso, mas mexiam. Ele agarrou minhas coxas e apertou com tanta força que eu implorei que me soltasse.

– Abra mais essas pernas deliciosas e empine a bunda pra mim – murmurou ele.

Fiz exatamente o que Gannon mandou, pouco antes que metesse em mim com força, me deixando sem fôlego e provocando ondas de prazer e dor por todo o meu corpo.

– Peça pra eu te comer – rosnou ele no meu ouvido.

– Me come – implorei, arfando.

– Implora mais. Implora! – exigiu ele, mordendo meu ombro com tanta força que gritei seu

nome.

– Por favor, por favor, me come! Me come com força! – supliquei.

– Isso, gata. Grita pra mim. Adoro te ouvir gritar enquanto te como.

Eu sabia que as coisas que ele dizia não deviam me deixar louca de tesão. Eu devia me sentir insultada e até mesmo assustada. Mas não era isso que acontecia. Eu queria tanto aquilo que estava disposta a implorar sempre que ele mandasse. Os orgasmos que ele era capaz de me proporcionar me deixavam maluca e faziam com que eu não visse mais nada. Por aquele tipo de prazer, eu aceitaria a escuridão. Porque, para mim, a escuridão tem seu próprio tipo de beleza.

As mãos dele apertaram meus seios e ele beliscou meus mamilos enquanto continuava com as investidas.

– Nossa, como você é apertadinha – sussurrou ele, diminuindo o ritmo. – Continue apertando meu pau assim e eu vou bater na sua bunda. Não me provoca.

Tentei não apertar, mas quanto mais me aproximava do orgasmo, mais perdia o controle.

– Não consigo – murmurei com a voz engasgada, e levei um tapa na bunda.

– Faça o que estou mandando.

Fechei os olhos com força, o orgasmo veio e gritei o nome dele.

– Isso, docinho – sussurrou ele no meu ouvido antes de deslizar a língua pelo meu pescoço.

Se eu soubesse naquele momento perfeito que, três horas mais tarde, tudo iria desmoronar... que aquele pedaço de paraíso que eu achava que havia encontrado... que o homem que eu achava que combinava comigo de todas as maneiras... que tudo isso era mentira...

Será que eu teria feito tudo mesmo assim? Sim. Provavelmente.



Depois do sexo, Gannon terminou de me dar banho e passou até condicionador no meu cabelo antes de sairmos do chuveiro. Então me enrolou em uma toalha e foi embora, para que eu me arrumasse. Nós íamos sair para jantar. Tentei ficar o mais bonita possível. Cada momento que eu passava com ele me fazia desejar mais. Eu queria que ele me desejasse da mesma maneira.

Encontrei Gannon no saguão, mas, quando estávamos saindo, então aconteceu.

– Seu cretino filho da puta! – berrou uma voz feminina, atravessando o saguão. Fiquei paralisada enquanto uma loura alta de pernas compridas que parecia uma dançarina de cabaré se aproximou de Gannon. – Isto? É isto que você está fazendo? Sério, Gannon? Eu digo que nós vamos ter um bebê e é isto que você decide fazer? Não acredito!

Ela atirou as mãos para cima dramaticamente e então voltou a atenção para mim, me encarando de cima a baixo com uma expressão de nojo.

– Dinheiro. Era de imaginar. Você sente o cheiro, como um cão de caça. Ela é cheia da grana, não é? Ela cheira a dinheiro.

A garota praticamente cuspiu as palavras e me lançou um último olhar enojado antes de se voltar de novo para Gannon.

– Eu te dei tempo. Espaço. Te dei tudo o que você queria, caramba. Mas você me prometeu

que estaria presente para o nosso filho. Eu não posso fazer isso sem você – disse ela em uma voz mais baixa, parecendo à beira das lágrimas.

Senti um nó tomar conta da minha garganta. A descrença total lentamente se transformou em aceitação. Gannon parecia bom demais para ser verdade porque era mesmo. Ele era uma fraude. Não sabia quem era meu pai nem conhecia o meu saldo bancário, mas me viu e grudou em mim porque eu parecia ter dinheiro.

Agora fazia sentido. Nenhum homem havia me tratado tão bem antes. Por que alguém começaria a fazer isso agora? Eu era descartável. Sempre fui. Até para meu próprio pai.

Comecei a me afastar dali e Gannon finalmente se virou para olhar para mim. Não disse nada, mas vi a verdade em seus olhos. A garota não estava mentindo. Ele a conhecia, e tudo aquilo era bem real.

Eu apenas balancei a cabeça, porque não tinha palavras para exprimir o que queria dizer.

– Eu sinto muito, Nan – disse ele.

Não esperei mais nada. Segui em frente e o deixei lá parado, o homem que eu tinha idealizado, o cara com quem eu achei que poderia realmente ficar. Mas ele era pior do que Major. Pelo menos Major não havia feito aquilo comigo. Sempre tinha sido sincero em relação ao seu jeito cafajeste. Nunca me prometeu mais do que isso. O problema era eu, eu e a minha necessidade idiota de ser desejada. De pertencer a alguém. De que um homem acreditasse que eu valia a pena.

Eu queria ser a Harlow de alguém. Ou a Blaire.

Mas eu sempre seria a Nan. E ela não bastava. Nunca havia bastado, e definitivamente não ia mais tentar bastar.

Cope

Um vazio estranho fazia meu peito doer. Em geral não havia nenhuma emoção no meu coração. Desde o momento em que a mulher que me colocou no mundo tinha me expulsado de casa e me mandado para a rua aos 10 anos, porque eram bocas de mais para alimentar, eu havia parado de sentir qualquer coisa pela maioria das pessoas. Viver na rua faz isso, sobretudo quando se é apenas uma criança.

Os cachos ruivos dela balançavam enquanto Nan corria de mim de volta para o elevador e para a segurança da sua suíte. Eu não confiava em mulheres, especialmente naquela. Nan estava escondendo muitas coisas, e eu não ia me sentir culpado por aquilo. Não me sentia culpado por porra nenhuma. Aquele era o meu trabalho. Era o que eu sabia fazer. A idiota ia voltar correndo para Major e estaria na cama dele antes do anoitecer. Eu veria tudo pelas câmeras de vigilância instaladas na casa dela. Câmeras que eu mesmo havia instalado enquanto ela dormia.

Olhei de novo para a atriz principiante e assenti. Ela havia concluído seu trabalho e receberia um envelope com várias notas de cem novinhas dali a uma hora. Ela se virou e foi na direção das portas do Bellagio. Minhas malas já estavam dentro do carro à minha espera do lado de fora. Eu veria Nan embarcar no jatinho particular do pai dela e voltar para Rosemary Beach antes de seguir atrás dela para continuar a vigilância.

Deslizei para o banco traseiro do Mercedes que usei enquanto estava na cidade e senti uma nota do perfume dela no ar. Detestei isso. Queria que não houvesse vestígio nenhum dela ali. Tirei o celular do bolso e mandei uma mensagem de texto para Major.

Ela está voltando agora, foi tudo o que escrevi.

– Tenho que vê-la embarcar no jatinho. Depois, estarei pronto para voltar – falei para Amish.

O homem trabalhava para meu chefe havia muito tempo, mais do que eu. Era motorista, guarda-costas e, ocasionalmente, chef para DeCarlo e seus diretores. Tinha três filhas, de 33, 39 e 41 anos, todas bem-sucedidas no mundo dos investimentos. DeCarlo havia comparecido à formatura de cada uma delas na faculdade e lhes presenteado com seu primeiro carro.

Amish era um homem bom. Um bom pai e marido. Eu nunca o havia visto trair Henrietta, com quem era casado fazia 45 anos. Seu maior orgulho e alegria eram os três netos: George, Charlie e Frank. Todos tinham menos de 10 anos, e Amish adorava contar histórias sobre eles. Era o que eu acreditava que um homem de verdade devia ser. Eu o respeitava de diversas maneiras. Apenas jamais seria como ele. Eu não era um homem bom.

Precisava me desligar do perfume dela, então recostei a cabeça no banco e fechei os olhos.

– Quais são as últimas novidades dos seus netos, Amish? Charlie ainda está jogando futebol? E George? Entrou naquele concurso de arte?

Foi o que bastou para Amish me distrair. Mesmo de olhos fechados, eu sentia o orgulho nas palavras dele. Era disso que uma criança precisava para ser bem-sucedida na vida. Para crescer e conquistar algo para além da obscuridade.

Eu só conhecia um mundo sombrio. Nan jamais voltaria a me ver. Eu seria uma lembrança de que ela se arrependeria e de que logo se esqueceria. Minha existência iria desaparecer lentamente, e eu estaria de volta às sombras, onde não precisava de emoções.

Major

Depois da mensagem de Cope, o peso no meu peito diminuiu. Eu sabia que minha chance de consertar as coisas estava quase chegando.

Fiquei na dúvida entre esperar no aeroporto particular em que Nan aterrissaria ou ir para a casa dela, mas qualquer uma das duas escolhas deixaria claro que eu sabia que ela estava voltando, o que não era bom.

Saber que ela estava magoada não me fazia bem, mas eu queria uma chance para agir do jeito certo. Para mostrar que eu podia ser o que ela precisava. Outras garotas não tinham a menor graça agora, e eu não gostei do homem em que me transformei quando a perdi. Dessa vez eu ia fazer as coisas direito. Provaria a inocência dela e tiraria os homens de DeCarlo de seu rastro.

Nós tínhamos um trabalho a fazer, e estávamos perdendo tempo com Nan. Ela não precisava daquela confusão em sua vida. Eu tinha que me certificar de que ela ficaria em segurança. Queria vê-la feliz de verdade. Caramba, o que havia de errado comigo?

Eu não estava apaixonado por Nan. Meu Deus, então por que parecia estar? Eu precisava me concentrar.

O jatinho particular do Slacker Demon apareceu no céu e começou a descer. Eu estava escondido na minha caminhonete, a distância. Ainda sentia o gosto de cigarro na boca. Eu precisava me certificar de que ela entraria no carro e chegaria em casa em segurança. Depois mandaria uma mensagem de texto para saber como ela estava e tentaria voltar para o coração dela. Eu não sabia ao certo o que Cope havia feito para mandá-la correndo para casa, mas, o que quer que tivesse sido, provavelmente foi a coisa certa.

Através do binóculo, vi seus cabelos ruivos quando ela saiu do jatinho. Usava uma calça cinza justa e uma blusa branca decotada que se ajustava à cintura. Nan sempre parecia elegante e sexy. Nunca reprimida ou vulgar. Sabia encontrar a medida certa. Eu adorava a maneira como ela se vestia.

Rush foi até ela. Eu não estava esperando vê-lo, nem havia notado que ele a estava aguardando. Caramba, eu não estava focado. Havia imaginado simplesmente que o carro dela estaria à sua espera. Olhei ao redor em busca de quaisquer outros detalhes que pudesse ter deixado escapar. O Range Rover de Rush estava estacionado atrás da cerca que delimitava a pista de pouso. Eu não havia olhado para lá.

Ela deu um abraço apertado nele, e Rush a envolveu em seus braços. Não consegui ver o rosto dele, mas Nan assentiu para algo que ele disse. Então ele se afastou, passou um braço pelos ombros dela e a levou em direção ao carro.

Eu esperava que ela não estivesse indo para casa com ele. Precisava vê-la sozinha.

Depois que eles foram embora, esperei um momento antes de começar a segui-los lentamente. Rush não tomou o caminho da casa dela, mas sim o da dele. Droga. Aquilo ia ser péssimo.

Nan

Rush entrou com o carro na garagem e desligou o motor, então segurou minha mão e a apertou.

– Blaire comprou salmão defumado e fez uma salada chique à beça com *cranberry* e queijo de cabra. Fez um creme de espinafre também. É tudo saudável. Você vai gostar. Vamos lá, ela está esperando.

Blaire não morria de amores por mim. Eu não havia feito muita coisa para mudar isso. Uma vez, ela apontou uma arma para mim, mas, para ser sincera, eu mereci. A raiva e a amargura que eu sentia em relação à minha vida precisavam de uma válvula de escape. Eu precisava de alguém para culpar, e havia escolhido Blaire, talvez por ela ser a menina lourinha e perfeita que eu achava que meu pai preferira em meu lugar quando eu era criança. Eu estava errada, já que nós duas, na verdade, não tínhamos o mesmo pai. Minha mãe tinha mentido para mim a respeito disso.

Ou talvez tivesse sido pelo fato de o meu irmão, que era a pessoa que mais me amava no mundo, ter se apaixonado por ela, e porque Blaire se tornou a mulher da vida dele. Eu sempre tinha encontrado conforto no fato de que Rush me amava. Mesmo quando minha mãe não fazia o papel dela e meu pai verdadeiro não me reconhecia como filha, eu sabia que meu irmão me amava. Blaire o havia roubado de mim – ou pelo menos era como eu via a situação.

Mas ver Rush com a família – o amor que ele tinha pelo filho e a forma como dava à mulher e ao menino a vida que ele nunca teve – me fazia ter orgulho dele. Ninguém havia lhe ensinado a ser um bom pai, mas, mesmo assim, ele era um pai fantástico. Então eu finalmente aceitei o amor dele pela esposa, e entendi que isso não queria dizer que ele não me amava também. Eram tipos diferentes de amor, e eu não me importava mais de dividi-lo. O que não queria dizer que eu ia começar a abraçar Blaire e ser amiguinha dela.

– Nate está ansioso para ver a tia Nan. Está falando nisso desde que eu disse que você viria para o jantar. Quer que você durma no quarto dele.

O amor de Nate também tinha me ajudado a aceitar Blaire. Ela tinha dado à luz um menininho que me amava, e amor não era algo que muitas pessoas sentissem por mim. Meu sobrinho era especial. Era louco por mim e, em troca, eu não poderia odiar a mãe dele. Eu adorava aquela criança.

– Com certeza vou fazer qualquer coisa que Nate me pedir – respondi, e estava sendo sincera. Ele fazia de mim o que queria.

Rush riu.

– Sei bem como é isso. Vamos entrar. Eu pego as suas malas.

Desci do Range Rover e entramos na casa. O cheiro do jantar fez meu estômago roncar. Eu não havia comido nada o dia todo e não sabia se conseguiria comer algo naquela noite, mas o aroma delicioso que vinha da cozinha estava me fazendo pensar melhor.

– Tia Nan! – exclamou Nate, com imensa alegria na voz enquanto corria na minha direção.

Ele parecia ter crescido quase 10 centímetros desde a última vez que o vi. Isso me entristeceu. Meu sobrinho não era mais um bebê. Não tinha mais cheirinho de bebê, e sim de suor. Eu me abaixei e o envolvi nos braços, enquanto ele se agarrava a mim.

– Peguei mais dois caranguejos hoje! – contou com alegria.

Rush gemeu atrás de mim.

– Isto aqui vai virar uma fazenda de caranguejos se você continuar trazendo todos os que encontra para casa.

Nate assentiu vigorosamente, como se aquela fosse a melhor ideia que ele tivesse ouvido na vida.

– Isso! – exclamou.

Rindo, dei um beijo em sua testa.

– Estava com saudade de você.

Ele retribuiu com um beijo na minha testa e com um sorriso torto muito parecido com o do pai.

– Eu também estava com saudade de você.

– Eu estava mais – falei.

– Eu que estava – retrucou ele rapidamente.

Rindo, eu o apertei ainda mais.

– Vamos comer peixe – informou ele. – E macarrão com queijo.

– Você convenceu a mamãe a fazer macarrão com queijo para você, é? – perguntou Rush, em um tom de divertimento.

– É. É mais gostoso que aquela coisa de *pinafe* – respondeu ele, franzindo o narizinho.

– Você ainda vai comer um pouco daquela coisa de *pinafe* – disse Blaire, entrando na sala.

Levantei a cabeça para vê-la sorrindo para o filho. Então ela me olhou e seu sorriso continuou igualmente sincero.

– Olá, Nan. Que bom que você veio. Nate não parava de perguntar sobre você. Você fez falta.

Nada do que ela disse pareceu forçado ou falso. Blaire era verdadeira. Tinha um coração imenso e uma capacidade incondicional de perdoar. Eu compreendia por que meu irmão a amava. Ficava feliz por ele ter se apaixonado por uma mulher como ela. Mesmo que antes eu a odiasse.

– Ela vai fazer você comer a coisa de *pinafe* também – alertou-me Nate.

A risada que meu sobrinho me fez dar foi gostosa. Eu não estava com vontade de rir agora, e tinha certeza de que demoraria um tempo até que isso voltasse a acontecer. Por isso, estar perto de Nate essa noite era exatamente do que eu precisava. Eu podia esquecer meus fracassos e minhas fraquezas. Queria ser capaz de dizer que podia esquecer Gannon também, mas sabia que não era verdade. Ele havia me deixado uma marca que eu ainda sentiria por muito tempo.

– Que tal nós dois comermos o *pinafe* e depois eu levar você para tomar um sorvete, se a mamãe e o papai deixarem?

Os olhos de Nate se iluminaram e ele abriu um enorme sorriso.

– Combinado! – gritou, então se pendurou no meu pescoço.

Olhei para Blaire para checar se eu havia arranjado uma encrenca, mas o sorriso dela deixou claro que estava tudo bem.

Eu queria o que ela tinha. Eu nunca entenderia, e parte de mim a detestava por pura inveja. Blaire era tudo o que eu jamais seria. Ela tinha uma vida que eu nunca conheceria. Meu sobrinho e minha sobrinha seriam as únicas crianças que me amariam incondicionalmente na vida. Senti um aperto no peito, mas afastei esses pensamentos. Sentir pena de mim mesma não levava a nada. Eu já sabia disso.

Major

O buquê de rosas vermelhas na minha mão havia custado mais de cem dólares. Não o considere como despesa de trabalho, porque não queria que aquilo parecesse parte das minhas obrigações. O pedido de desculpas era real. Mesmo que Nan não soubesse a diferença entre o meu trabalho e o que era genuíno, eu sabia. Era isso que importava.

O carro dela virou na entrada de veículos e eu me levantei do degrau da frente, onde estava sentado. Eu soube o momento exato em que o olhar dela encontrou o meu. Embora Nan estivesse de óculos escuros, pude sentir a fúria em seu olhar. Ela não me queria ali. Mesmo depois de Cope magoá-la, ela não estava pronta para voltar para mim. Nem para me perdoar. Mas eu ia consertar isso.

Ela ficou sentada por um instante dentro do carro, e eu comecei a me perguntar se ela ia dar a marcha a ré e ir embora sem dizer nada. Esperava que o buquê imenso que eu segurava a convencesse a sair e pelo menos falar comigo. Movi os lábios em um pedido silencioso de *por favor*, ciente de que ela podia ver meu rosto claramente.

Nan moveu os ombros com um suspiro, tirou os óculos de sol e abriu a porta do carro. Ótimo. Agora, a parte seguinte do meu plano.

Ela subiu os degraus da entrada com um olhar irritado, e eu quase senti vontade de rir. Sentira falta daquele ar esnobe. Tinha sentido falta de muita coisa. Nan me divertia e, mesmo quando estava com o pior humor possível, ainda conservava uma leveza que pouca gente conseguia ver. Eu tinha sorte. Nan havia me deixado ver esse lado dela.

– O que você está fazendo aqui? – disparou ela, sem nem sequer olhar para as rosas na minha mão.

Eu as estendi para ela.

– Me desculpe.

Ela ignorou completamente o buquê e revirou os olhos para mim como se eu fosse uma criança que precisava de uma bronca.

– Não quero essas malditas flores. Não quero as suas desculpas. Não quero você sentado na entrada da minha casa de novo. Nunca mais.

Ai. Eu não estava preparado para aquela raiva.

– Você disse que podíamos ser amigos. Isso não quer dizer que você precisa parar de me odiar?

Ela levantou uma mão para me fazer parar de falar e soltou uma risada dura e amarga.

– Pare com isso, por favor. Você não quer ser meu amigo. Você deixou isso claro. Não quero ouvir as bobagens que você tem a dizer. Você só quer ficar comigo porque acha que não pode

mais me ter. Quando eu estava à sua disposição, você não me deu valor. Eu era só uma distração quando você estava entediado, quando queria companhia e não havia nada melhor. Você gostava de saber que eu queria você. Que ficava esperando suas ligações. Que viria correndo sempre que você assoviasse. Você adorava o fato de eu ser fascinada pelo seu rosto bonito e pelo seu charme. Era fácil para você. Mas isso acabou. Nunca mais quero passar por aquilo. Não me faz a menor falta. Consegui me livrar do efeito que você tinha sobre mim e do poder que tinha de me magoar sempre. Eu não quero você, Major Colt. Aparecer com um buquê de flores não é coisa de amigo. Na próxima vez, ligue em vez de simplesmente aparecer.

O rosto de Nan não demonstrava qualquer emoção enquanto ela estava parada ali com os cabelos ruivos oscilando à brisa do golfo. O fogo que eu costumava ver sempre que ela me encarava não estava mais lá. A atração que faiscava quando nossos olhares se encontravam não existia mais. Ela estava sendo sincera. Não queria me magoar ou me obrigar a alguma reação.

– Eu quero entrar em casa, tomar um banho e ver TV. Sozinha. Por favor, vá embora. E não volte, a menos que seja convidado. Estou deixando a nossa história e você para trás. Meu coração não está mais aberto. Nosso joguinho acabou. Estou pronta para viver sem você. Antes eu não estava, mas agora estou. Vá ser feliz saindo com várias mulheres ao mesmo tempo e continuando com seus joguinhos bobos. Não vai ser difícil encontrar outra burra para ser louca por você sem ganhar nada em troca. É disso que você precisa para massagear seu ego, então, vá procurar. Aqui não há mais nada para você.

Nan desviou de mim, então olhou de novo para as flores na minha mão e as pegou, com um sorrisinho.

– Isto aqui é uma forma bem boba de conciliação, apenas um clichê. Da próxima vez que quiser brincar com o coração de uma mulher, tente fazer isso como um homem e não gaste seu dinheiro em flores que não significam nada. Meu Deus, o que foi que eu vi em você além do seu rosto bonito?

Com esse insulto final, ela atirou as flores no chão e entrou na casa.

Quando Nan fechou a porta ao entrar, eu fiquei lá parado, sem saber o que fazer. Não era aquilo que eu esperava. Achei que ela fosse gritar ou chorar. Imaginei que as rosas não fossem suficientes, mas talvez a acalmassem o bastante para que eu pudesse conversar com ela. Mas Nan me deixou mudo. Eu não tinha palavras para responder às coisas detestáveis que ela dissera. Eu nunca tinha visto aquele lado dela. Já tinha ouvido falar dele, mas nunca o testemunhara.

Senti o peito ao mesmo tempo vazio e cheio de dor. Nenhuma mulher havia falado comigo daquele jeito. Mas, por outro lado, eu nunca tinha conhecido uma como Nan. Eu me abaixei para recolher do chão as rosas que ela havia atirado de maneira tão insensível.

Se ela não fosse um trabalho, eu poderia ir embora e esquecê-la. Eu não precisaria suportar aquela agressão. Não precisaria permitir que ela me ferisse. Mas ela era um trabalho. Havia começado como um trabalho e terminaria como um trabalho. Eu não podia deixar meus sentimentos por Nan ofuscarem a minha visão agora.

Nan

Eu não ia mais ficar sentada na frente da TV, deprimida. A maratona de *One Tree Hill* na Netflix que eu tinha feito no dia anterior havia bastado. Agora eu precisava correr para queimar toda a pipoca, o queijo e os biscoitos com manteiga de amendoim que eu havia comido desde que tinha cruzado com Major. Depois ia ver se podia levar Nate ao parque. As duas coisas me ajudariam a parar de pensar em Gannon e na minha existência patética.

Coloquei uma roupa de ginástica e segui na direção da praia para correr até minhas pernas ficarem esgotadas. Eu não estava tão forte e musculosa como queria. Mas quando uma garota gosta de comer tantos carboidratos à noite, como eu, é difícil não ter algumas gordurinhas no corpo. Meu novo objetivo era dar um jeito nisso. Posso não ser perfeita, mas certamente ia fazer o máximo para me aproximar da perfeição.

Major

Ele não me ligou. Nunca ligava. Apenas aparecia quando eu não queria vê-lo. Ou seja, sempre.

– Ela está em casa há três dias e você ainda não fez nenhum progresso. Porra, você realmente achou que rosas iam reconquistar Nan? Isso não é um romance de livro, cara, coloque essa cabeça para funcionar.

Dei um trago no cigarro que tinha na mão antes de olhar para o homem parado à minha frente. Ele não estava apenas irritado. Parecia puto de verdade, e eu estava prestes a ficar sem trabalho. Talvez eu *precisasse* ficar sem esse trabalho. Talvez isso não servisse para mim.

– Mulheres adoram rosas – respondi, imaginando se isso era verdade ou se ele tinha razão e esse tipo de gesto só funcionasse em romances e filmes.

– As mulheres fingem que gostam de flores, e os homens gostam da ideia de agradá-las comprando algo tão fácil. Só que as mulheres são complicadas demais. Elas não querem flores. Querem consideração. Sacrifício. Querem ser nossas donas. Não querem saber de flores, que vão simplesmente apodrecer e morrer em alguns dias.

O cara havia feito Nan se apaixonar por ele e achava que isso o tornava um gênio quando se tratava de mulheres. Inacreditável.

– Aqui, tome isto. – Ele me entregou seis envelopes, cada um de uma cor diferente: azul, roxo, rosa, creme, verde e amarelo. – Cada vez que eu enviar uma mensagem, vá até onde eu disser e entregue a ela o envelope da cor que eu mandar. Então vá embora. Não tente conversar com ela. Não tente encantá-la com seus olhares idiotas. Ela está imune a essas coisas.

Ele se virou e eu fiquei olhando para os envelopes.

– O que tem dentro deles? – perguntei, confuso, mas pronto para tentar qualquer coisa.

Ele fez uma pausa antes de responder.

– Um pedido de desculpas de um *homem*.

Então foi embora.

Cinco minutos depois, recebi a mensagem.

Vá até a praia na frente do condomínio. Quando cruzar com ela, entregue o envelope rosa.

Nan

Eu não estava prestando atenção no que havia ao redor, ou o teria visto e dado meia-volta. A música nos meus fones de ouvido me protegia do mundo, e eu estava focada em continuar a correr. Já tinha corrido quase 10 quilômetros, mas pretendia correr mais 5 só para me anestesi- ar.

Mas ele estava lá na minha frente, na praia, bem no meu caminho. Precisei me deter para não passar por cima dele. Havia uma boa chance de ele vir atrás de mim de qualquer maneira, e preferi lembrar-lhe mais uma vez que o queria fora da minha vida.

Estava tirando meus fones quando ele me estendeu um envelope rosa. Peguei o papel macio entre os dedos e, logo em seguida, ele o soltou e foi embora sem dizer nada. Que diabo tinha sido aquilo? Olhei para o envelope e de novo para Major, seguindo pelo caminho que levava até a rua.

Eu podia continuar correndo e atirar o envelope no chão, ou podia ver o que tinha dentro e depois atirá-lo no mar para Major ver. Decidi que gostava da ideia de jogá-lo na água. Abri o envelope e vi um papel cor de creme de boa qualidade com um bilhete escrito à mão.

Boa forma sem exageros. Uma das muitas coisas que fazem você ser tão linda.

Era isso. Mais nada. Reli o bilhete para me certificar de que tinha entendido, então franzi a testa e ergui o olhar para ver se ele estava me observando. Não estava. Fiquei confusa e decidi guardar o envelope até compreender o que ele estava tentando dizer.

◆ ◆ ◆

No dia seguinte, quando abri os olhos, vi o envelope rosa com o bilhete esquisito de Major ao meu lado, na mesa de cabeceira. Eu o havia lido várias vezes na noite anterior, completamente confusa. Ele não havia mandado nenhuma mensagem de texto, nem ligado. Nada. Havia simplesmente sumido depois de ter me entregado aquele bilhete.

Eu não ia mais pensar naquilo. Não queria desperdiçar meu tempo com qualquer coisa que tivesse a ver com ele. Major não tinha mais nenhuma importância na minha vida. O objetivo daquele bilhete esquisito era me fazer ficar pensando nele. Jogada esperta, mas eu não ia cair nessa.

Major

Ela não ligou nem mandou nenhuma mensagem de texto. Eu a tinha observado, escondido, e ela havia parecido confusa antes de colocar o bilhete de volta no envelope e continuar a correr. Eu esperava que o que quer que estivesse escrito naquele papel a fizesse me procurar imediatamente, mas isso não aconteceu. Não havia ajudado em nada. Qualquer que fosse o “pedido de desculpas de um homem” que Cope havia inventado, claramente não funcionou.

Meu celular vibrou. Era uma mensagem de Cope.

Ela está almoçando no clube. Fique observando até ela lamber os lábios enquanto fala. Ela faz muito isso. Não vai demorar. Então se aproxime e entregue o envelope roxo. Não diga nada. Simplesmente vá embora.

Outra ordem esquisita e aleatória. Mas ele era meu chefe, e Nan continuava sem falar comigo, então eu estava disposto a fazer tudo o que ele mandasse. Era isso ou admitir a derrota. Eu não tinha certeza de que DeCarlo iria me liberar com tanta facilidade agora que eu sabia tanto. Eu precisava terminar isso.

Entrei com a caminhonete no estacionamento do clube e passei direto pelo manobrista. Não estava usando um traje adequado para o lugar, mas como era primo de Mase Colt-Manning, eles me deixaram entrar. Por isso e também porque eu havia comido a maioria das garçonetes dali.

Nan

Knox estava de passagem, o que significava que devia estar visitando os avós para lhes lembrar de que era a única neta deles e que os adorava. Eu tinha certeza de que a herança dela tinha tudo a ver com aquilo. Quando ela me ligou e me chamou para almoçar, tive vontade de recusar, mas ela era uma distração, e eu precisava disso. De muita distração.

Então ali estava eu, sentada no clube, ouvindo Knox falar sobre seu maravilhoso futuro cheio de diversão e fingindo que me importava. Sorria quando ela fazia perguntas e tentava respondê-las de um jeito que não a deixasse mais curiosa. Dizer a ela que eu passaria o resto do dia vendo *Gossip Girl* não pareceu uma boa ideia.

Depois de responder à última pergunta, ergui o olhar e vi alguém vindo na minha direção. Achei que fosse a garçonete. Esperava que sim, porque estava precisando de outro drinque. Mas era Major, e o silêncio repentino de Knox deixou claro que ela também o havia visto. Ele parecia ter acabado de sair das páginas de uma revista de moda. Parou na minha frente e estendeu a mão com um envelope, dessa vez roxo. Eu o peguei. Estava curiosa, é claro, e recusá-lo acabaria provocando uma cena. Forcei um sorriso e comecei a agradecer, como se estivesse esperando o envelope e soubesse do que se tratava, mas Major se virou e se afastou antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa.

– Quem. Era. Esse? – perguntou Knox, boquiaberta.

Como não estava a fim de explicar, dei de ombros.

– Ninguém importante.

Depois que eu desconversei em todas perguntas dela a respeito de Major, ela enfim voltou a falar sem parar sobre si mesma. Percebi que ela olhava toda hora para o envelope roxo, e várias vezes tive vontade de enfiá-lo na bolsa na esperança de que ela esquecesse o assunto.

Quando finalmente voltei ao meu carro e estava longe dos olhos e ouvidos de gente enxerida, abri o envelope e encontrei outro bilhete escrito à mão no mesmo tipo de papel.

A ponta da língua percorrendo seus lábios. Uma varredura, não uma lambida. Uma das coisas que a tornam linda.

Era isso. A única coisa que dizia. Comecei imediatamente a passar a língua pelo lábio, como de hábito, e então parei, me perguntando se era sobre isso que Major estava falando. Se era, por quê? Qual era o objetivo?

◆ ◆ ◆

O envelope roxo estava agora junto com o rosa em cima da minha mesa de cabeceira. Eu

tinha lido os bilhetes de novo antes de ir para a cama na noite anterior. Calcei os sapatos de salto alto que ia usar no chá de bebê de Blaire, na casa dos Carters. Estar na casa do meu ex com a esposinha perfeita dele, que além de tudo também era minha meia-irmã, definitivamente não era a minha ideia de diversão. Mas eu iria ao chá por Rush. Era por ele que eu faria aquilo.

Não havia dúvida de que eu amaria a criança que ia nascer tanto quanto amava Nate. O presente, que eu havia embrulhado em papel rosa com uma fita de cetim, não era tudo o que eu planejava dar à minha sobrinha. Mas seria meu primeiro presente para ela. Virei de costas para os envelopes, peguei o embrulho e olhei para o meu reflexo no espelho de corpo inteiro.

Meu vestido era simples, e o tecido cor de creme envolvia minha pele como um abraço, me fazendo parecer confiante e segura. Algo que eu definitivamente não era. Minhas roupas, porém, mentiriam por mim. Eu havia aprendido esse truque ainda muito nova.

Major

Mase parou o carro ao meu lado justamente quando eu estava entrando na minha caminhonete. Achei que ele e Reese já tivessem voltado para o Texas. Em geral não ficavam ali por longos períodos. Ele tinha uma fazenda para administrar e cavalos para treinar.

– O que vocês ainda estão fazendo aqui? – perguntei, alegre por vê-lo.

– Chá de bebê, lembra? Do Rush e da Blaire. Harlow vai ser a anfitriã, e eu precisei sair de lá. Pensei em vir ver você.

Passar a tarde com Mase falando sobre qualquer coisa que não fosse meu maldito trabalho pareceu uma boa ideia.

– Vamos tomar uma cerveja? – sugeri.

Ele assentiu.

– A concentração de estrogênio naquela casa estava me deixando maluco. Tive que interagir com Nan, e ela sempre me deixa tenso. Nunca se sabe quando aquela megera vai explodir. Você ainda está fumando aqueles tubinhos de nicotina e querendo ter câncer por causa daquela louca?

Eu não queria falar sobre Nan, mas também não queria ninguém falando sobre ela. Não daquele jeito.

– Ela não é uma megera, e também não é louca – retruquei, batendo a porta da caminhonete com um pouco de força.

Mase deu de ombros.

– Bom, você pode estar caidinho por ela, mas Nan ainda é a mulher sem coração que fez você começar a fumar.

– Ela é mal compreendida. *Eu* sou o responsável por ter começado a fumar. Cometi erros e estava estressado. Mas já larguei o cigarro, então vamos deixar isso pra lá, pode ser?

Mase resmungou e fez um sinal para eu entrar na caminhonete dele.

– Vamos tomar uma cerveja e falar sobre coisas que não tenham a ver com Nan.

Eu havia começado a abrir a porta da caminhonete dele quando meu celular vibrou.

Ela está na casa de Harlow Carter. Entregue a ela o envelope cor de creme.

Cope queria que eu invadissem um chá de bebê cheio de mulheres e desse a Nan outro maldito envelope esquisito? Que droga.

Pensei por um instante antes de ceder e entrar na minha caminhonete para pegar o envelope que estava no porta-luvas.

– O que houve? – perguntou Mase quando entrei na caminhonete dele.

– Preciso deixar uma coisa na casa da sua irmã... para a sua outra irmã. Vamos parar lá primeiro.

– O quê? – disse ele, me olhando como se eu estivesse maluco.

– Dê uma paradinha lá. Por favor. Só preciso de um segundo.

Mase balançou a cabeça e deu a partida no motor antes de seguir para a casa dos Carters, onde eu iria encontrar Nan.

Nan

— **Q**ue vestido incrível – disse Bethy, ao aparecer de repente ao meu lado.

Ela era a melhor amiga de Blaire. Nós nunca havíamos sido próximas, mas nos últimos tempos ela andava se esforçando para falar mais comigo. Havia sido funcionária do country club e agora era casada com o dono do único hotel cinco estrelas de Rosemary Beach. Eles o haviam construído juntos. Mais uma história de amor água com açúcar que eu não iria vivenciar.

— Obrigada. É de Milão – respondi, sabendo que isso iria impressioná-la.

A verdade, no entanto, era que minha mãe o havia comprado para mim três semanas *depois* do meu aniversário, porque tinha se esquecido da data enquanto estava na Itália.

— Lindo – respondeu Bethy. – Estou impressionada por você ter vindo. Sei que ama Nate, e que sua relação com Blaire está melhor, mas, sinceramente, não imaginei que você fosse aparecer.

Como eu deveria responder? Eu precisava ir. O evento era para a filhinha de Rush que ia nascer. Será que elas não me queriam ali? Será que ter aceitado o convite havia causado problemas a Harlow?

— Não me entenda mal, Blaire ficou feliz com a sua presença. Harlow até disse mais de uma vez como estava satisfeita por você vir – acrescentou Bethy rapidamente.

Assenti, sem saber direito o que dizer, então a porta da frente se abriu. Quando vi Mase Colt-Manning e Major entrando, senti um frio na barriga. Não era o que eu estava esperando.

— Mase, por que você voltou agora? Eu disse que, quando acabar, você pode vir com Rush e Grant para comer o que sobrar – falou Harlow, dando uma bronca bem-humorada no irmão que tínhamos em comum, um irmão que a adorava e me odiava.

Desviei o olhar dos dois e fiquei olhando fixamente pela janela, torcendo para parecer entediada.

— Já vamos embora, só precisava deixar uma coisa aqui rapidinho – respondeu Mase.

Olhei na direção deles por curiosidade, para ver o que era, e meu olhar encontrou o de Major. Ele estava se aproximando com um envelope cor de creme na mão.

Quando o estendeu para mim, eu o peguei rapidamente e voltei a atenção para as ondas lá fora sem dizer uma palavra. Todo mundo estava me olhando. Por mais que isso tenha me deixado desconfortável, o que eu queria mesmo era abrir logo aquele envelope e ver que coisa estranha ele havia escrito dessa vez.

— Pronto. Podem voltar a se divertir, moças – falou Major, a voz tomando conta do ambiente. Várias se despediram, respondendo “Pode deixar que vamos nos divertir”.

Fiquei ali encarando o envelope na minha mão.



Mais tarde, quando consegui uma brecha, fui até o banheiro e peguei o envelope que havia enfiado dentro da bolsa. Surpreendentemente, ninguém tinha me perguntado a respeito dele. Recebi olhares curiosos, mas nada mais. Tirei o papel já familiar de dentro do envelope grosso e li o que estava escrito.

Roupas justas em todos os lugares certos. Outra coisa que deixa você linda.

Era tudo o que o bilhete dizia.



Três envelopes, três mensagens, uma delas ofensiva. Pelo menos eu achava que era. Ainda não tinha certeza. Ele podia ter mencionado minha personalidade, ou minha capacidade de fazê-lo rir, ou meu grande coração. De repente, eu me dei conta de que era nesses termos que Rush pensava em Blaire. Ninguém pensava em mim daquela forma. Quando alguém se lembrava de mim, tinha sempre a ver com meu corpo, não com meu coração.

Joguei a bolsa em cima da cama e troquei a roupa que havia usado para ir ao mercado pela minha calça de pijama e uma regata. Estava na hora de uma sessãozinha de Netflix com pipoca. Ia correr mais tarde. Não estava a fim de queimar calorias agora. Queria ficar ali emburrada. Talvez até colocasse uns chocolates na pipoca. Precisaria correr uns 15 quilômetros depois, mas ia valer a pena.

Se eu conseguisse parar de pensar naqueles malditos envelopes e na minha falta de qualidades que não fossem apenas físicas, ficaria bem. Aposto que ele não gostaria de me ver usando roupas justas se eu ganhasse 5 quilos. Talvez eu fizesse isso. Seria uma distração bem divertida. Quem sabe então eu encontrasse um homem que me amasse pelo que eu era. Não algum bonitinho idiota que só gostasse das minhas roupas justas. Babaca.

Major

Três dias, três envelopes e nada. Nada. Ela não me mandou nenhuma mensagem, não me ligou nem veio atrás de mim. Cope não fazia a menor ideia de como reconquistar uma mulher. Já eu sabia fazer isso melhor do que ninguém. Eu era um mestre manipulador. Por que ele achava que podia me obrigar a embarcar nessa porcaria de entrega de cartas e acreditar que funcionaria? Pelo jeito, fosse lá o que essas cartas diziam não era o bastante.

Cope era um soldado letal, frio e cruel. Não um conquistador. Eu precisava pensar em alguma coisa, porque a ideia dele era horrível.

Como se ele estivesse lendo a minha mente, meu celular vibrou.

Na casa dela. Agora. Leve o envelope azul.

Que bobagem. *É evidente que não está dando certo*, respondi, sentado no balcão da cozinha e tomando um refrigerante.

Faça isso, foi a resposta dele.

Desgraçado. Talvez eu odiasse aquele babaca.

Talvez, não. Com certeza eu odiava aquele babaca. Maluco controlador.

Nan

Eu estava com uma tigela de pipoca com pedaços de chocolate ao leite no colo e o quinto episódio da terceira temporada de *Gossip Girl* na TV à minha frente. Era uma fuga. Eu me sentia feliz ali. Sem cartas aparecendo, sem ninguém me observando e me julgando, supondo que sabia tudo a meu respeito quando não sabia nada. Bando de idiotas mesquinhos. Eu precisava de um Chuck Bass igualzinho ao da série. Ele iria me entender. Nós éramos iguais.

A campanha tocou, então eu coloquei a tigela de lado e suspirei de frustração. Era melhor ser alguém com um bom motivo para interromper minha tarde perfeita.

Eu devia ter olhado pelo olho mágico ou espiado pela janela, mas estava com pressa de me livrar da pessoa do outro lado da porta. Então, quando abri e vi Major parado com um envelope azul na mão, tive vontade de berrar.

– Qual é o seu problema com esses malditos envelopes? Não basta ficar me perseguindo em público? Precisa vir atrás de mim na minha casa também? Vou começar a mandar relatórios diários com meu itinerário, para você não perder seu tempo me perseguindo. Isso ajudaria?

Arranquei o envelope da mão dele de modo brusco, esperando que Major respondesse. Mas ele não falou nada. Simplesmente se virou e foi embora. De novo.

Merda.

Rasguei o envelope e tirei de dentro o papel de carta. A simples visão dele estava começando a me irritar.

Espirituosidade. Outra coisa que deixa você linda.

Ergui o olhar, esperando que Major ainda estivesse por perto para eu gritar uns palavrões e ver o que ele acharia desse tipo de espirituosidade. Mas ele já estava na caminhonete, indo embora.

◆ ◆ ◆

Havia quatro envelopes agora, e eu tentava não olhar quando passava por eles. Pensei em escondê-los em algum lugar ou talvez jogá-los no lixo. Mas não fiz nem uma coisa nem outra. A ideia de jogá-los fora não me agradava. Eram cartas para mim. Não diziam muita coisa, mas eram minhas. Sobre mim. Sobre algo que alguém tinha visto em mim e se dado o trabalho de escrever a respeito.

Eu podia não querer mais saber de Major Colt, mas as cartas eram importantes.

Ninguém tinha me dado cartas antes. Ninguém havia dedicado algum tempo a escrever sobre coisas que havia notado a meu respeito. Mesmo que minhas roupas justas tenham sido uma

delas. Aquilo tinha certa importância. Era mais do que eu imaginava que alguém fosse me dizer um dia, e de uma maneira tão única.

Palavras escritas eram tocantes. E, por mais que eu não quisesse admitir, despertavam algo em mim. Faziam os muros à minha volta cederem um pouco mais a cada toque. Faziam com que eu me sentisse menos inatingível e mais real.

Eu não sabia quando as cartas iriam parar. Quando ele desistiria de mim. Não queria que parassem. Estava começando a esperá-las. Elas estavam mexendo comigo, e eu queria que ele dissesse alguma coisa. Qualquer coisa. Que me dissesse por que estava fazendo aquilo.

Porém, mais do que tudo isso, eu queria que fosse Gannon. E era aí que estava o meu problema.

Major

Eu não ia fazer aquilo de novo. No dia anterior, ela havia ficado furiosa e berrado comigo. Esperar as instruções de Cope não ia levar a nada. Eu iria atrás dele para dizer que aquilo não estava funcionando e que eu precisava fazer as coisas do meu jeito. Não do jeito imbecil dele. Mas provavelmente não o chamaria de imbecil. Afinal, queria continuar vivo. Gostava da minha vida.

O velho hotel que ele usava como base para vigiar Nan era bem rústico, mas Cope gostava. Achava que chamava menos atenção em lugares assim. Ele também sabia tudo sobre o dono do lugar, sobre a família dele e havia quanto tempo que administrava o hotel – todo tipo de coisa. O proprietário não parecia ser muito falante, mas tinha curiosidade sobre as pessoas a seu redor e perguntava coisas a respeito delas. Surpreendentemente, elas respondiam.

Bati uma vez, consciente de que ele sabia muito bem que era eu quem estava ali fora. Cope tinha câmeras por toda parte e tinha me visto no instante em que cheguei de carro. Possivelmente antes.

A porta se abriu e ele olhou para mim como se já estivesse entediado com a minha presença.

– No Sugar Shak com Nate em uma hora. Entregue o verde para ela – disse ele, fechando a porta na minha cara.

Cope estava de sacanagem comigo? Eu não tinha ido até ali para receber as instruções seguintes. Ele sabia disso. Bati mais uma vez e tentei controlar meu mau humor.

Ele não atendeu.

Bati mais uma vez. Nada.

Escroto. Eu detestava aquele babaca.

Nan

— Tia Nan? Por que o Major está colocando aquela coisa na janela do seu carro? – perguntou Nate olhando para a rua onde eu havia estacionado e lambendo seu sorvete de chocolate na casquinha.

Eu me virei e vi Major se afastando do meu carro e voltando para a caminhonete dele. Havia um envelope verde-claro enfiado embaixo do meu limpador de para-brisa. Interessante. Ele não tinha ido me entregar em mãos nesse dia.

– Talvez ele precisasse me entregar um bilhete e não quisesse nos incomodar – sugeri.

– A gente podia ter dividido o sorvete com ele. Ele não sabe disso? – falou Nate.

– Talvez ele não quisesse perder o apetite para o jantar, então decidiu ficar longe do sorvete.

Nate pensou um pouco e assentiu, como se aquilo fizesse sentido.

– Acho que isso é coisa de adulto. Eu só quero o sorvete.

Sorri e dei uma lambida no meu *sorbet* de laranja.

– Sinceramente, Nate, eu também.

Meu sobrinho abriu um sorriso enorme, e achei uma graça o labiozinho superior dele sujo de sorvete.

– É por isso que a gente se dá bem, tia Nan. A gente pensa igual.

Não, não pensávamos. Os pensamentos dele eram puros e generosos, como os dos pais. Sentia um amor sincero pelas pessoas. Aceitava os defeitos delas e não guardava rancor.

– Esse é o maior elogio que alguém pode me fazer – falei.

Ele franziu o nariz.

– O que é um *eogio*?

Dei uma risada e senti um calorzinho no peito.

◆ ◆ ◆

Quando voltei para o carro depois de deixar Nate em casa, peguei o envelope que havia enfiado embaixo do meu banco, longe das mãos curiosas do meu sobrinho, e o abri.

Atitude. Outra coisa que faz você ser linda.

Reli três vezes antes de enfiar o envelope na bolsa e seguir para casa.

◆ ◆ ◆

Rosa, roxo, creme, azul e verde. Cinco envelopes que chegaram devagar ao meu coração. Eu não estava dizendo que amava Major. Apenas amava as palavras dele. A ideia por trás de cada

bilhete. Eles eram simples. Eram praticamente grátis. Não haviam custado quase nada, mas eram mais significativos do que qualquer presente que eu já havia ganhado, porque faziam com que eu sentisse que tinha valor. Talvez eu fosse suficiente. Talvez pudesse ser amada.

A não ser pelo comentário sobre minhas roupas justas, nenhum bilhete dissera que eu era bonita por causa da minha aparência. E mesmo aquele se referia mais às minhas escolhas de roupas, não à beleza do meu rosto ou do meu corpo.

Estava na hora de falar com Major em vez de gritar com ele. Era com os bilhetes que ele deveria ter começado, não com aquelas rosas ridículas. Os bilhetes tinham sido pensados, e havia emoção neles. Se no dia em que voltei ele tivesse feito isso, talvez estivéssemos juntos agora.

A imagem de Gannon passou pela minha cabeça e eu me encolhi com a dor que senti no peito. Não... isso não era suficiente para fazer o sofrimento ir embora. Ele não tinha me procurado mais. Não havia tentado explicar. Não havia feito nada para me impedir de sair correndo naquele dia. Mesmo sabendo a verdade a respeito dele, eu queria que ele tentasse me ver. Queria que lutasse por mim. Para Gannon, eu queria ser o bastante.

Apenas algumas semanas atrás, eu queria ser o bastante para Major, mas isso havia mudado bem rápido. Agora era tarde. A menos que eu pudesse obrigar meu coração a deixar para trás o que não podia ter e aceitar o que estava à minha frente. Se eu pudesse simplesmente dar uma chance a Major, a dor da lembrança de Gannon e do que poderíamos ter sido desapareceria.

Era o que eu esperava.

Major

Quando meu celular vibrou, tive vontade de jogá-lo do outro lado do quarto. Se ao menos eu pudesse atirá-lo na cara presunçosa de Cope... Meu Deus, o sujeito estava me levando à loucura. Eu mal tinha acordado e ele já estava me mandando ordens.

Esfreguei os olhos e li a mensagem.

Estou pronta para ouvir. Não era Cope. Era Nan.

Meu Deus! Os envelopes misteriosos haviam funcionado! Caramba!

Atirei as cobertas para longe e pulei da cama, então me dei conta de que deveria ligar para Cope. Digitei o número dele e fui cambaleando em direção ao banheiro, ainda zonzinho de sono.

– Ela está pronta – foi a saudação dele.

Como diabo ele sabia disso?

– É – respondi, odiando a forma como ele havia estragado a minha surpresa.

– Dê o amarelo a ela hoje. E então a trate direito.

Ele desligou e eu fiquei ali parado me perguntando por que havia me dado o trabalho de ligar para o sujeito. Ele sabia de tudo. Eu odiava o desgraçado.

Nan

Queria conversar com Major sobre como ele havia me tratado antes e perguntar o que o fizera decidir que me queria. Seria porque agora eu estava indisponível e ele gostava de um desafio? Agora que o desafio havia terminado, tudo voltaria a ser o que era? Será que eu devia abrir o coração para ele de novo? Será que eu conseguiria fazer isso? Meus sentimentos estavam muito mudados? Talvez pudéssemos ser apenas amigos.

Eu estava pronta para conversar com ele. No mínimo, a história precisava de uma conclusão. Minha cabeça e meu coração estavam confusos.

A campainha tocou e eu larguei o copo de suco de laranja para ir abrir a porta. Major estava lá parado, lindo como sempre. O rosto de um modelo, e ele sabia disso. Tirava proveito disso. Um dia pensei que aquilo era tudo de que eu precisava. Agora sabia que precisava de muito mais.

– Oi – falei, dando um passo para trás. – Entre.

Notei um envelope amarelo na mão dele e senti o peito apertar. Mesmo que não quisesse Major, eu queria aquelas palavras. Precisava delas.

– Fiquei feliz com a sua mensagem – disse ele, me encarando com um olhar sincero.

Parecia estar falando a verdade.

Dentro de mim, nada além de tristeza pelo fato de meus sentimentos por ele terem mudado tanto, pela possibilidade de ele ter matado qualquer coisa que eu pudesse nutrir por ele. Eu queria muito acreditar em Major, mas não conseguia me forçar a isso.

– Os bilhetes. Quero entender o objetivo deles. Mas, antes, você está com sede? Quer beber alguma coisa?

Agora ele parecia nervoso e desconfortável. Olhou na direção da cozinha.

– Hã... Sim. Um pouco d'água.

Ele estava tentando ganhar tempo. Interessante.

Fui para a cozinha e, sem pressa, enchi um copo com água gelada. Então voltei e olhei abertamente para o envelope amarelo na mão dele.

– Você trouxe mais um hoje.

Ele olhou para baixo como se tivesse esquecido que o envelope estava ali. Assentiu lentamente antes de me fitar de novo.

– Abra – falou, entregando-o para mim.

Peguei o envelope, ansiosa para ler o que ele havia escrito dessa vez. O que mais Major achava bonito em mim? Aqueles bilhetinhos significavam tanto que, embora eu não o amasse, gostava dele simplesmente por ter dedicado um tempo para pensar neles e escrevê-los.

Pegando o papel de carta que agora eu conhecia tanto como a textura da minha própria pele, li:

Elegância equina e graciosa. Outra coisa que faz você ser linda.

Precisei ler várias vezes antes de compreender o que ele queria dizer. Nunca imaginei que Major pudesse usar palavras tão eloquentes para descrever qualquer coisa. Era quase como se as palavras não fossem dele. Como se ele as tivesse roubado de outra pessoa.

Major

Eu realmente precisava ver o que ela estava lendo. Precisava de alguma pista do que os bilhetes diziam. Pelo jeito eles haviam sido poderosos, porque ela havia me procurado depois de afirmar que não queria me ver nunca mais. Cope tinha pensado em tudo, menos nisso? Por que ele não havia me contado o que havia escrito? De onde eu estava, dava para ver que era uma mensagem escrita à mão. E só.

Nan o leu várias vezes, depois me encarou.

– Você escreveu isto?

Droga. Por que ela estava me perguntando isso? Eu odiava Cope. Ele não havia pensado que algo assim poderia acontecer? Merda.

– Cada um deles – menti, sustentando o olhar dela. Eu não ia desviar os olhos. Precisava ficar no controle. Os bilhetes haviam me levado até ali. Estava na hora de eu fazer o resto. – Eu sinto sua falta, Nan. Sinto falta de tudo o que diz respeito a você.

O olhar dela se suavizou, e as dúvidas que o turvavam pareceram se dissipar. Ela balançou a cabeça e soltou uma risada baixinha.

– Não consigo entender você. Simplesmente não consigo.

– Eu cometi um erro. Caramba, eu cometi um milhão de erros com você, mas quero uma chance de consertá-los.

Nan largou o bilhete, e me controlei para não o pegar para ler.

– Por que foi tão fácil me magoar antes? – perguntou ela.

Isso eu podia responder sinceramente.

– Porque eu não me dei conta de que estava magoando você até ser tarde demais. Eu achava que a gente tinha uma relação casual. Tinha medo de dar um passo maior que esse por causa de... Bem, por sua causa. Por causa de quem você é, pela sua aparência e pelo que eu tinha ouvido falar de você. Eu não achava que conseguiria fazer você feliz. Então fiz tudo errado. Eu quero mais uma chance. Por favor.

Nan suspirou e inclinou a cabeça ligeiramente enquanto me observava. Eu sabia que o fato de ela ter me recebido era uma coisa boa, mas eu ainda não a havia reconquistado. Podia ver isso com bastante clareza. Precisava agir rápido.

– Saia comigo hoje à noite. Me deixe mostrar como podemos dar certo juntos.

Nan passou a língua pelo lábio inferior enquanto avaliava a proposta. Ela tinha uma boca linda. Do tipo que a maioria das mulheres pagaria para ter.

– Está bem.

Está bem. Ela estava concordando com um encontro. Pronto. Eu a tinha de volta. Conseguiria

consertar as coisas. Primeiro, precisava decidir sobre o encontro mágico que a reconquistaria de vez. Não ia perguntar a Cope. Ele ia ver que eu sabia como tratar uma mulher. Com ou sem os malditos bilhetes dele.

– Pegó você às sete.

Nan sorriu e assentiu.

– Combinado, então.

◆ ◆ ◆

No instante em que saí da entrada de veículos de Nan, meu celular vibrou. Cerrei os dentes, sabendo que era Cope. Ignorá-lo não adiantaria nada e provavelmente colocaria minha vida em risco. Então peguei o telefone.

Você vai precisar fazer mais do que o de sempre. Leve ela ao clube. Tudo vai estar preparado para vocês lá.

Eu não precisava da ajuda dele, e o clube não era mais do que o de sempre para Nan. Péssima ideia, Cope. Respondi: *Ela já está mais do que acostumada com o clube. Não é especial. Por que eu a levaria lá?*

Esperei uma resposta por pelo menos cinco minutos, o que me deixou bastante irritado. Eu estava parando o carro no estacionamento quando o celular finalmente vibrou no meu colo. *Apenas faça o que eu digo.*

Babaca.

Nan

O clube? Major estava falando sério? Era lá que ele queria que fosse nosso primeiro encontro agora que íamos tentar de novo? O cara que tinha escrito aqueles bilhetes não era o mesmo que estava me levando para um encontro no clube.

Tentei não revirar os olhos, mas tenho certeza de que não consegui quando ele parou a caminhonete em frente ao posto do manobrista no clube. O atendente abriu a porta do meu lado e eu saltei, segurando minha bolsa. Talvez eu já devesse esperar isso. Major era um homem da roça. Havia sido criado no Texas, pelo amor de Deus. Provavelmente achava que o clube era um bom lugar para um encontro.

– Boa noite, Sr. Colt. O Bentley já está pronto, esperando vocês.

Bentley? Ele havia reservado o Bentley?

– Ah, sim, obrigado – disse Major, parecendo quase tão surpreso quanto eu.

Mas quando se virou para olhar para mim, estava sorrindo como se tivesse tido a melhor ideia do mundo. Estendeu o braço para mim e fomos juntos até o carro. Pelo jeito, não iríamos ficar ali. Só tínhamos ido buscar um dos Bentleys para a nossa noite.

Depois de nos acomodarmos no banco traseiro, eu me virei para Major a fim de perguntar exatamente aonde íamos, e então o motorista falou:

– Chegaremos ao seu destino em cinco minutos, senhor.

Major assentiu.

– Obrigado. – Então se virou de novo para mim, ainda com o mesmo sorriso satisfeito. – Você não achou realmente que eu ia levar você para jantar no clube, achou?

Havia um tom de provocação na voz dele que me fez sorrir. Gostava de Major quando ele se comportava assim. Alegre e divertido.

– Acho que sim. Mas fiquei bem feliz ao ver que o clube não era nosso destino final.

Major deu um sorrisinho e se recostou no assento, confiante. Uma imagem de Gannon invadiu minha mente. Ele nunca parecia arrogante. Parecia seguro a respeito de quem era. Não precisava de elogios. Ou a pessoa o aceitava ou não. Senti um aperto no peito e afastei a imagem dele. Eu tinha que tirar aquilo da cabeça. Porque tinha sido apenas um caso. Gannon sabia como me fazer querê-lo e jogou bem com as cartas que tinha. Eu sabia que havia me apaixonado por ele, ou talvez pela ideia que tinha formado dele. O perigo inteligente que ele representava me fascinava. Eu duvidava que algum dia voltaria a sentir aquilo.

Olhei pela janela, determinada a expulsar aqueles pensamentos, e reconheci exatamente onde estávamos. Fazia anos que eu não ia até ali. Desde que Blaire tinha entrado na vida de Rush.

– Como você conhecia este lugar? – quis saber, quando o carro parou.

Major pareceu um pouco espantado com a minha pergunta. Por que ele estava tão estranho? O encontro havia sido ideia dele. Major tinha cavado fundo para descobrir o lugar especial da minha infância e da maior parte da minha vida. Só Rush poderia ter falado a ele sobre o jardim. O meu jardim.

Era um lugar secreto que eu havia encontrado quando criança, na ocasião em que tentei fugir. Eu nunca ia muito longe, porque sabia que minha mãe levaria dias para sentir a minha falta, e até que isso acontecesse eu poderia ser sequestrada ou morrer de fome.

O jardim não parecia pertencer a Rosemary Beach. Era muito inglês e, na minha imaginação, havia sido tirado de um dos meus contos de fadas preferidos e colocado ali só para eu ter para onde fugir, um lugar onde não havia country club, aulas de tênis, coquetéis ou uma fila interminável de homens passando pela minha casa para ver a minha mãe. Ali só eu existia. Era meu lugar de faz de conta, onde eu era uma princesa amada, adorada pelos pais.

Rush havia me encontrado no meu esconderijo ao voltar de um fim de semana na casa do pai. Eu tinha passado o dia ali, e minha mãe não havia notado. Ao perceber minha ausência, Rush descera a rua em pânico, gritando o meu nome, e, quando o escutei, tudo ficou bem outra vez. Alguém havia se importado comigo. Alguém me queria em segurança. Rush tinha sido meu herói na época, e ainda era.

Desde aquele momento, o jardim era a minha fuga, sobretudo nos fins de semana em que Rush ia ficar com o pai. Ele sempre voltava e me encontrava ali, e nós brincávamos juntos de faz de conta. Ele embarcava na minha fantasia boba de princesa para me tranquilizar. Meu irmão sempre tentava me tranquilizar.

– Perguntei por aí – respondeu Major, finalmente, como se não soubesse bem qual era a coisa certa a dizer.

Ele havia perguntado a Rush. Meu irmão provavelmente tinha pedido a Major que não me contasse, embora sem dúvida soubesse que eu adivinharia que tinha sido ele.

Sorrindo, abri a porta do carro antes que o motorista fizesse isso e descí. Estar ali era como estar em casa. Eu havia sentido tanta falta daquele lugar, e nem sequer havia me dado conta disso. A ideia de Rush não ir me procurar era dolorosa demais para suportar, então eu me mantinha longe de lá.

– Obrigada – falei, olhando por cima do ombro para Major. – Isso é perfeito.

Abri caminho em direção ao meu abrigo secreto, e meu coração se elevava a cada passo.

– De nada – disse Major, mas não olhei para trás novamente.

Entrei no local que eu conhecia tão bem e inspirei o aroma floral. Então minha fantasia de princesa voltou como se eu nunca a houvesse esquecido. A dor da minha infância perdida desaparecia quando eu estava ali no meu lugar feliz.

Reparei em uma mesa posta para dois, com toalha de tecido e velas. Nós íamos jantar ali. Eu havia feito muitos piqueniques com Rush naquele lugar, e também tinha tomado muitos chás com minhas bonecas preferidas. Rush devia ter falado a Major sobre isso. Ele havia pensado muito naquilo tudo, e meu coração se derreteu quando aceitei que talvez Major tivesse mudado. Que, se eu fosse inteligente, daria uma nova chance a ele.

Fiquei observando enquanto Major foi até uma das cadeiras e a puxou, voltando os olhos

azul-claros para mim. Tinha um sorriso nos lábios e estava evidentemente orgulhoso de si mesmo. Eu devia admitir que estava emocionada e impressionada. Nenhum homem havia feito nem um terço do que ele estava fazendo para me reconquistar.

– Rush contou a você sobre este lugar – falei.

Major continuou sorrindo e deu de ombros.

– É um ótimo lugar. Nunca imaginei que algo assim existisse em uma cidade litorânea.

– É por isso que é mágico – respondi, sem conseguir deixar de sorrir feito uma menininha boba para o menino por quem tem uma quedinha.

Aquilo estava fazendo com que me sentisse especial de uma maneira inédita. Eu jamais esqueceria. Major havia acabado de encontrar o caminho de volta para o meu coração.

Major

Eu não fazia a menor ideia de por que aquele jardim estava fazendo Nan olhar para mim como se tivesse coraçõezinhos nos olhos, mas estava absurdamente grato por isso.

Eu podia odiar o desgraçado, mas Cope era um babaca inteligente. Não fazia nada com descuido. Ele pesquisava e fazia as coisas certas. Para alguém tão frio, ele sem dúvida sabia conquistar uma mulher. Devia ser a racionalidade excessiva dele.

– Esta é a minha salada preferida... e o meu molho preferido.

O tom satisfeito de Nan me fez erguer os olhos do leito de castanhas, do queijo questionável e dos pedaços de morango na minha salada. Ela sorriu amplamente para mim ao pegar o garfo.

– Você pensou em tudo.

Cope, é claro, havia se certificado de que todas as comidas preferidas dela fossem servidas essa noite, e tinha inclusive providenciado para que duas pessoas nos servissem. A salada parecia horrorosa. Eu queria queijo cheddar, presunto, ovo cozido, bacon e o bom e velho molho *ranch*. Aquelas porcarias não deviam estar em uma salada. Como eu ia conseguir comer aquilo?

Comecei a me perguntar de que outras comidas Nan gostava. Esperava do fundo do coração que ficasse melhor do que aquilo.

– Como não teríamos um cardápio aqui para você escolher, quis ter certeza de que você ia gostar da comida – respondi, me preparando psicologicamente para comer aquela porcaria no meu prato.

Quem diabo come morangos com alface? Isso parecia tão errado. Onde estavam os croûtons?

– Obrigada. A noite está sendo perfeita. Se vier uma bruschetta de pão siciliano com salada de azeitonas agora, talvez você me conquiste para sempre.

Eu era do Texas e tinha morado perto de Louisiana a maior parte da vida. Então, eu sabia que diabo era um pão siciliano. Mas não sabia ao certo o que era uma bruschetta, e estava quase com medo de descobrir. Também não gostava de azeitonas, nem do cheiro nem do gosto. Se era isso que viria a seguir, eu não sabia como conseguiria mastigar e engolir sem ter ânsia de vômito.

Como se tivessem ouvido a deixa, os garçons apareceram com bandejas de prata cheias de coisas que pareciam torradas cobertas com um treco de azeitona. Droga.

– Ahhhh! Não acredito que você sabia disso! – exclamou Nan, dando um gritinho e batendo palmas quando colocaram aquele negócio fedido no prato dela.

O sorriso que eu estava tentando sustentar começou a desmoronar. Comer a salada já havia sido bastante difícil. Aquilo ia me matar.

Quando o garçom chegou ao meu lado da mesa, colocou as mesmas torradas no meu prato, mas cobertas com presunto e cream cheese.

– Porque o senhor não come azeitonas – disse o garçom antes de se virar para sair.

– Você não come azeitonas? – perguntou Nan, examinando meu prato.

Talvez eu tivesse me apaixonado por Cope naquele momento.

– Hã, não. Não como – respondi, com um dos meus sorrisos que me conseguiam diversos números de telefone. – Mas talvez mude de ideia depois de ver você ficar toda empolgada por elas assim.

Nan deu um sorrisinho e comeu um pedaço da coisa horrorosa de azeitona. Aproveitei a deixa e comi meu pão crocante com presunto e cream cheese. Acho que Cope não quis que eu estragasse meu disfarce vomitando azeitonas pela mesa toda. Sujeito inteligente.

Quando nossas taças foram enchidas, Nan abriu outro sorriso enorme para mim. O vinho tinto que serviram era – nenhuma surpresa – o preferido dela, e não era fácil de encontrar nos Estados Unidos. É claro. Nan não tomaria um vinho que fosse fácil de encontrar no mercado, como o resto das pessoas na Flórida.

O prato principal não era nada que eu reconhecesse. Nan, é claro, ficou empolgadíssima quando o garçom anunciou os folhados de halibute com molho de limão e cebolinha. Fiquei com um pé atrás. Eu gostava de peixe e limão, mas as outras coisas eram suspeitas.

– Isto foi preparado por Bleu Chevalier? – perguntou ela, os olhos arregalados de esperança.

O garçom deu um meio sorriso.

– Sim, assim como toda a refeição.

Nan olhou espantada para mim.

– Não apenas você descobriu quais são minhas comidas preferidas, como contratou meu chef preferido. Ninguém faz um halibute como Bleu Chevalier.

Caramba, Cope era o cara. Meu Deus, ele havia contratado até o chef que ela adorava. Eu estava arrasando! Ela estaria apaixonada por mim antes do final da noite. Isso porque eu ainda nem sabia as outras surpresas que Cope tinha reservado para nós.

– Estou tentando mostrar que mudei. Totalmente – falei.

Nan me observou por um instante antes de assentir.

– Estou vendo.

Ele havia conseguido. Havia conquistado Nan para mim. Ela era minha agora. Eu poderia terminar minha tarefa e seguiríamos em frente. Nan ficaria a salvo e eu teria uma vida de emoção e suspense. Só precisava provar meu valor dessa vez. Graças a Cope, eu ia ter essa chance.

Nan

Embora Major tivesse ido além de qualquer coisa que eu houvesse vivido com um homem, não o convidei para entrar. Não ia acabar na cama com ele de novo. Não confiava no meu coração, ia me envolver rápido demais. E mesmo depois do beijo que ele me deu do lado de fora, talvez eu não estivesse completamente pronta para aquilo. Major havia me proporcionado uma noite incrivelmente romântica, e isso deveria ter me deixado louca para arrancar as roupas dele, mas não foi o que aconteceu. Estava faltando alguma coisa.

A onda de adrenalina ou a expectativa, talvez? Eu não sabia ao certo. Só sabia que não ia dormir com Major naquele momento. Eu precisava querer. Não ia transar com ele só para agradecer pela noite atenciosa.

O beijo simplesmente... não tinha sido aquilo tudo. Pareceu meio vazio. Eu não conseguia identificar direito o problema, mas não senti o que esperava. O que uma garota quer sentir. Eu me senti apenas... solitária. Meu coração se sentiu sozinho.

Major estava esperando um convite para entrar. Eu tinha visto isso no rosto dele. Quando lhe dei boa-noite e o deixei ali na porta, ele ficou chocado. Eu não queria puni-lo ou bancar a difícil. Só não queria passar daquele ponto. A comida estava deliciosa e a noite havia sido planejada à perfeição, mas ainda assim eu não estava pronta para o passo seguinte. Queria que nossos beijos significassem mais. Que meus dedos dos pés se contorcessem e meu coração disparasse. Queria temer o que viria a seguir, mas desejar ir em frente mesmo assim.

Queria o que eu havia experimentado com Gannon. Ele havia me arruinado. Havia me mostrado algo inatingível. Será que esperar isso de outra pessoa era justo? Gannon era, no fim das contas, uma fraude. Ia ter um filho e havia feito com outra garota exatamente o que fizera comigo, mas a tinha abandonado grávida.

Gannon não fazia parte de um conto de fadas, mas eu temia que ele tivesse estabelecido um parâmetro tão alto que nunca mais alguém pudesse atingi-lo. Eu precisava deixar essa lembrança de lado e aceitar a realidade. A realidade em que um cara me levava para um jardim particular que eu adorava e servia todas as minhas comidas preferidas. Aquela era a minha realidade, e, embora os beijos dele não me deixassem tonta de desejo, eram reais. Esse foi meu último pensamento antes que eu caísse no sono.

◆ ◆ ◆

A escuridão me cercou e, embora eu não conseguisse vê-lo, sentia o corpo e o cheiro dele. Meu corpo reagiu. Eu deveria estar apavorada ou ao menos preocupada, mas não senti medo.

Meu coração disparou diante da ideia de vê-lo, de senti-lo perto de mim. Um desejo que reconheci começou a crescer, e eu o procurei na escuridão da noite.

– Shhh – fez uma voz grave, e eu fiquei paralisada.

Sabendo tudo o que sabia a respeito dele, eu ainda o queria em meus sonhos. Era seguro tê-lo ali. Abraçá-lo... inspirar o perfume dele, que eu desejava tão profundamente que era uma parte de mim.

– Por favor – implorei quando ele não se aproximou.

– Você sente saudade de mim? – perguntou, em um sussurro que deveria provocar medo, mas só despertou expectativa.

– Sinto – respondi sinceramente.

Não havia razão para mentir em um sonho. Eu podia ser honesta com ele ali. E comigo também. Nenhum bom senso ou compromisso com a realidade para interferir nas minhas escolhas.

– Você beijou Major – disse ele, quase em tom de reprovação, como se estivesse insatisfeito.

Queria lembrá-lo que ele não tinha direito de me impedir. Gannon havia me deixado ir embora com muita facilidade. Mas não falei nada. Tinha medo de que ele desaparecesse.

– Ele foi atencioso. Fez com que me sentisse especial. Eu não tenho isso. Nunca.

A reprovação estava igualmente presente no meu tom.

O dedo comprido dele desceu devagar da minha têmpora até o queixo, e depois pelo pescoço. Arqueei-me para ele, ávida por qualquer toque que me proporcionasse. Nenhum romance se comparava às sensações que aquele homem despertava em meu corpo. Eu era atraída para ele a cada pequeno contato.

Quando a mão dele chegou à altura da minha garganta, ele apertou suavemente.

– Ele colocou os lábios no que é meu.

Dele? Eu era dele? Eu deveria gritar que não era de ninguém. Que nenhum homem era meu dono. Mas meu corpo formigava de prazer, e eu estremei. Ele não aumentou a pressão do aperto nem prejudicou minha respiração, mas manteve a mão em volta do meu pescoço, em um gesto de controle – ou seria de posse? Eu gostava de ambas as ideias.

Gannon exalava poder. E isso me dava ainda mais vontade de me entregar a ele e deixar que assumisse o controle. Eu nunca havia confiado em alguém para me proteger, me agradar, me querer. Com ele, eu consegui. Mesmo que ele fosse uma fantasia trazida por meus próprios desejos.

A outra mão dele desceu pelo meu colo até o espaço entre os meus seios, depois abriu caminho até o umbigo, passando por cima dele antes de chegar à calcinha de renda. Prendi a respiração quando meu peito começou a se mover rapidamente com a expectativa da mão dele me tocando... lá.

– Você me quer. Estou sentindo o seu cheiro – sussurrou ele, abaixando a cabeça até o meu ouvido e fazendo mais pressão no pescoço, dessa vez me deixando zozza antes de aliviar o toque. – Onde você quer que eu toque?

Estendi o braço para levar a mão dele mais para baixo.

– Não! – rosnou ele, segurando meu pulso e empurrando-o com força contra o travesseiro,

acima da minha cabeça. – Quero que você *diga* – ordenou. – Onde quer que eu toque?

Ele queria que eu falasse sacanagem. E não iria tocar onde eu mais queria enquanto eu não entrasse no jogo. Eu faria qualquer coisa para ter a mão dele no meio das minhas pernas.

– Quero que você toque na minha boceta – respondi, sentindo a pele ficar quente de vergonha.

Ele soltou uma risada baixa e grave e deu um beijo na minha têmpora.

– Era tudo o que eu precisava ouvir – falou, levando as duas mãos até minha calcinha e em seguida abaixando-a até os tornozelos. – Abra as pernas – murmurou.

Antes que eu as abrisse totalmente, sua boca estava em mim. A aspereza da barba dele só aumentou meu desejo.

– Ahhh! – gritei, enquanto a língua dele deslizava para dentro de mim, depois circundava meu clitóris antes de mergulhar mais uma vez.

O gemido que veio do fundo da garganta dele vibrou em mim. Enterrei as mãos em seu cabelo e me segurei com força enquanto o orgasmo se aproximava tão rápido que achei que talvez não fosse mais conseguir respirar. Meu coração podia não suportar, mas eu não me importava. Desde que eu mergulhasse no toque daquele homem, estaria feliz.

Ele recuou, e gemi em protesto.

– Você quer mais? – O tom era provocador, quase brutal.

– Quero – arfei, pronta para dizer ou fazer qualquer coisa que ele exigisse.

– Esta bocetinha é minha?

– É – concordei sem pensar.

– Diga.

Mais uma vez, ele queria que eu entrasse no jogo dele. Eu queria a beleza que só ele era capaz de me dar, então obedeci.

– Minha boceta é sua.

A boca dele voltou imediatamente para mim, e ele lambeu e saboreou até eu estar gritando o nome dele, de Deus e de outras coisas que nem sequer lembro, antes de a escuridão me engolir mais uma vez e eu estar sozinha.

Major

Ela havia me virado as costas. Fiquei pensando nisso durante quase toda a madrugada e me convenci de que Nan tinha me virado as costas – e não da forma que eu gostava.

Ela tinha simplesmente fechado a porta na minha cara depois de um rápido boa-noite. Como assim? Eu a havia levado até um jardim secreto que ela adorava e lhe servido todas as suas comidas preferidas, preparadas pelo chef favorito dela. Eu merecia um maldito convite para entrar.

A mensagem de texto de Cope mandando que eu o encontrasse no quarto dele em cinco minutos não melhorou meu humor. Ele também esperava mais. Eu tinha fracassado, é claro. Ele havia armado o encontro perfeito para mim, mas, em algum momento, eu tinha perdido a mão. Eu tinha comido aquela salada esquisita por ela. O que mais Nan podia querer?

Eu já tinha levantado a mão para bater à porta quando ela se abriu. Logo depois, Cope se voltou para os monitores na parede à direita, onde estava observando Nan dormir. Bem assustador, mas era o que a gente fazia. Ela estava linda e tranquila em seu sono. Aquela língua afiada dela não estava em ação.

– Ela não convidou você para entrar. Por quê?

Como se eu soubesse.

– Não sei. Eu fiz tudo o que normalmente faço, e até comi aquela salada nojenta. Obrigado pela bruschetta sem azeitona, aliás. Acho que não teria conseguido engolir aquilo.

Cope não desviou os olhos das telas.

– Foram horas de pesquisa para fazer a noite de ontem ser uma porta de entrada para você. Alguma coisa que não fez direito a impediu de convidar você para entrar. Nós não vamos conseguir as informações que queremos se não for capaz de levá-la para a cama.

A voz dele se tornou um rugido alto no final, e eu odiava quando Cope fazia isso. Eu sempre esperava o momento que ele ia sacar a arma, dizer “Foda-se” e me acertar no meio dos olhos ou alguma maluquice do tipo.

– Vou trabalhar nisso hoje. Acho que ela ficou impressionada demais com o encontro sensacional de ontem à noite e não soube o que fazer ou pensar.

– O beijo. Ela se aproximou de você durante o beijo?

Não, não exatamente. Chegou a parecer que ela nem sequer estava presente. Estava distante.

– Sim, claro. Como sempre.

Cope me lançou um olhar furioso e descrente e voltou a observá-la.

– Leve-a para a cama.

Sim, senhor. Babaca. Eu odiava o desgraçado. Não importava que ele tivesse dado um jeito

de me poupar de comer a bruschetta com azeitona. Ele ainda era um desgraçado.



Assim que saí do quarto do Capitão Cuzão, mandei uma mensagem para Nan. Sabia que ela estava acordada, porque tinha visto pelo monitor pouco antes de Cope me mandar sumir da frente dele e consertar as coisas. Ela não tinha se levantado, mas abrira os olhos e se espreguiçara. Nossa, ela era maravilhosa. Imaginei se até o hálito dela era bom de manhã. Provavelmente não. Ninguém tinha hálito bom de manhã.

Bom dia. Está a fim de dar uma corrida na praia?, perguntei.

Eu sabia que Nan adorava fazer isso. Imaginei que se sugerisse uma de suas coisas preferidas, ela iria me querer por perto.

Dez minutos mais tarde, Nan enfim respondeu.

Claro. Fico pronta em quinze minutos.

Ótimo. Quinze minutos e eu a teria todinha para mim de novo. Eu precisava de um plano. Para começar, eu tinha que fazê-la falar sobre seu passado recente – por exemplo, sobre quando tinha estado em Paris, em julho, com um homem chamado Franco Livingston. Eu duvidava que ela fizesse alguma ideia sobre o passado do sujeito. Se soubesse que estava saindo com um abusador de crianças e traficante de drogas, Nan teria ficado horrorizada.

Antes, porém, eu precisava passar alguns dias com ela, ficar o maior tempo possível em sua companhia. Depois talvez pudesse iniciar uma conversa sobre nossos relacionamentos anteriores. Poderia perguntar a Cope como fazer isso, mas não queria mais a ajuda dele. Eu me certificaria de que Nan não tinha qualquer conexão com Livingston e depois seguiria em frente.

Eu havia saído da minha casa temporária naquela manhã pronto para correr na praia, como tinha planejado antes de ir para a cama na noite anterior. Depois de me despedir de Nan, eu não havia procurado outra mulher, e parte de mim achava que eu merecia um prêmio por isso. Tinha ido para casa sozinho e feito anotações sobre a noite, depois bebido um pouco de uísque e ido dormir.

Eu não ia deixar aquela tarefa de trabalho encerrar a minha carreira antes de ela começar de verdade. Capitão havia trabalhado com aquilo durante anos e se saído muito bem. Eu era tão fodão quanto ele. Podia fazer essa porcaria. Ia fazer. Eu tinha anotações! Um monte de malditas anotações!

O sonho estava me assombrando. Eu não conseguia me concentrar. Não conseguia comer. Não conseguia focar em nada que Major dizia. Eu tinha inclusive conferido minha calcinha ao acordar de manhã, para ver se ainda estava com ela. O sonho havia parecido muito real. A decepção que senti quando toquei nela foi insuportável. Claro, eu ainda não havia despertado totalmente quando a ideia de um homem que eu mal conhecia entrando no meu quarto enquanto eu dormia e fazendo o melhor sexo oral da minha vida pareceu boa. Nem um pouco assustadora. É.

Foi uma fantasia. Do tipo que mexe com a nossa cabeça e a nossa realidade, fazendo as duas coisas parecerem uma porcaria. Porque, naquele momento, se Major falasse mais uma coisa sem sentido, eu ia atirar meu sanduíche de pasta de frango nele.

Eu havia sugerido irmos ao clube para almoçar porque conhecia três das garçonetes com quem ele havia transado. Pedi para sentarmos na parte que elas atendiam só para vê-lo se contorcer, observar se ele acabaria fazendo uma de suas pausas prolongadas para ir ao banheiro, pelas quais estava se tornando conhecido em toda a cidade.

Mas ele não estava se contorcendo nem fazendo contato visual com a garçonete que nos atendia. E ela estava claramente incomodada. Provavelmente magoada. Bem, eu não sabia o que fazer com aquilo. Se eu não tivesse ido para Las Vegas e conhecido Gannon, estaria sorrindo para ela de forma presunçosa, como se tivesse ganhado uma competição. Mas ganhado o quê? Major? Eu não o queria.

Mesmo com todas aquelas coisas fofas que ele havia feito, um sonho com Gannon tinha bastado para me lembrar do que faltava em Major. E era uma lista bem longa. Talvez o homem de rostinho bonito fosse o que a maioria das garotas queria, mas enquanto não conhecessem alguém cujo principal interesse não fosse falar sobre si mesmo sem parar, elas não saberiam o que estavam perdendo.

Major amava a si mesmo. Falava sobre si mesmo o tempo todo. Isso me deixava louca. Eu nunca havia percebido isso. Eu só sorria e concordava com ele. Sim, o cabelo dele estava ficando mais comprido. Sim, ele ficava bem de azul. Sim, o bíceps dele parecia maior. Blá-blá-blá. Argh.

– Quer? – perguntou ele, e eu olhei para aquele rosto perfeito sem sentir absolutamente nada.

– Hã? – respondi, sem saber sobre o que ele estava falando.

Percebi a irritação na expressão dele. Ops.

– Quer jogar uma partida de tênis quando terminarmos de comer?

A voz dele pareceu tensa dessa vez. Minha evidente falta de interesse na conversa o estava deixando nervoso.

– Hoje não. Acho que vou visitar meu sobrinho à tarde.

Esse não era meu plano original, mas eu queria conversar com meu irmão, e passar um tempinho com Nate seria revigorante.

Major quase pareceu aliviado. Ele vinha tentando me distrair e estava fracassando.

Eu não conseguia me concentrar nele ou na vida naquele momento. Não com o sonho ainda na minha cabeça. Será que eu estava obcecada por Gannon? Será que estava com alguma fascinação estranha e nociva por ele?

– Que tal jantar hoje à noite? Podíamos pedir alguma coisa e ver um filme na sua casa.

Eu queria dizer não de novo, mas me senti culpada depois de tudo o que ele havia feito para atrair minha atenção naquela semana. Eu poderia ser uma pessoa diferente, disposta a estar com Major em todos os momentos, se aquele sonho não tivesse me lembrado por que eu o havia esquecido.

– Claro. Vou estar em casa por volta das seis. Quer que eu peça a comida? – perguntei, já sabendo a resposta.

Major gostava que cuidassem dele. Devia estar exausto depois de uma semana me servindo.

– Sim, ótimo! – exclamou ele, com um sorriso.

Nenhuma surpresa.

Estava marcado. Fantástico.



Avisei Rush que estava indo à casa dele. Quando cheguei à extensa entrada de veículos, vi meu irmão parado na varanda dos fundos me esperando. Fazia muito tempo que eu não ligava para perguntar se ele estava por lá para conversar... muito tempo mesmo. Ele provavelmente achou que eu estivesse com alguma doença terminal ou grávida. Dava para ver a preocupação no rosto dele a 30 metros de distância.

Estacionei e fui até ele. Rush também veio em direção a mim e nos encontramos no meio do caminho.

– O que aconteceu? – foi logo perguntando.

– Não posso simplesmente querer ver meu irmão e visitar meu sobrinho? – falei, com uma sobrancelha arqueada.

– Não. Quero dizer, claro que pode, mas você nunca mais fez isso. Sim, vem pegar Nate para passear, mas não vem mais me ver.

Ele tinha razão. Eu raramente visitava a família. Também não pedia mais para conversar com Rush sobre qualquer coisa séria. Eu o mantinha atualizado sobre a minha vida através de mensagens de texto e deixava que ele adivinhasse o que eu não dizia. Em geral meu irmão acertava tudo.

– Vim só fazer uma visita – garanti a ele. – Ainda está na hora do cochilo de Nate?

Rush me observava como se não acreditasse em nenhuma palavra que eu estava dizendo.

– Sim – respondeu lentamente. – Com a Blaire.

– Quer dar uma caminhada? – perguntei.

Isso o fez levantar as duas sobrancelhas.

– Por quê? Qual é o problema, Nan?

O tom preocupado dele me fez sorrir.

– Eu não estou morrendo e não estou grávida. Podemos só dar uma caminhada?

A tensão dele aliviou um pouco e Rush finalmente pareceu relaxar.

– Claro.

Perguntei sobre Nate e a gravidez. Quando Rush começou a falar sobre a família dele, eu queria me manter concentrada na conversa, mas meu pensamentos ficavam voltando para Gannon. Para o tempo que eu havia passado com ele.

– Quando você conheceu a Blaire, você soube? Soube que ela mudaria tudo na sua vida? – perguntei quando ele ficou em silêncio.

– Soube. Fiquei morrendo de medo, mas soube.

Eu imaginava isso. Ele nunca mais tinha sido o mesmo depois da noite em que ela entrou na casa dele. Por mais que eu a odiasse na época, eu via a maneira como ela fazia os olhos do meu irmão brilharem. Será que ele tinha se sentido como eu estava me sentindo? Querendo alguém que não podia ter?

Major

Eu não sabia ao certo o que havia feito de errado, mas com certeza tinha feito. Nan não estava comigo de verdade. Ela estava distraída, em outro lugar. Havia sido assim o dia todo, e eu não imaginava como trazê-la de volta. O pior era que eu sabia que Cope podia nos ver agora. Ele sabia que eu estava fracassando.

– O jantar estava ótimo. Obrigado. Mas eu ia pagar – falei, imaginando se o fato de ela ter pago pela comida a estava incomodando.

Ela havia feito o pedido, e a comida tinha chegado antes de mim, então eu não estava lá para pagar a conta. Seria uma tolice se fosse esse o problema.

– Não, tudo bem. Que bom que você gostou – disse ela com um sorriso forçado, voltando a atenção para o filme.

Era um filme qualquer de ação. Ela o havia escolhido pensando em mim, eu tinha certeza, e na maior parte das vezes eu adorava ver filmes. Naquela noite, porém, queria ter um momento romântico com Nan, mas não estava dando certo. Ela não parecia querer ficar abraçadinha comigo como costumava fazer. Eu não estava acostumado com esse comportamento.

Virei os olhos para a câmera escondida apontada para nós e tive vontade de desligar aquela porcaria. Ver o filme ali havia sido uma má ideia. Era como se Cope estivesse me julgando.

– Está gostando do filme? – perguntei, percebendo que parecia patético tentar conseguir a atenção dela.

– Sim, claro, é ótimo – respondeu ela, sem nem sequer olhar na minha direção dessa vez.

Era como se estivesse contando mentalmente os minutos que faltavam para que eu fosse embora. Isso doeu como uma estaca no coração. Caramba, ela não estava mesmo interessada em me ter por perto.

Meu ego simplesmente não existia a essa altura. Eu não podia continuar com aquilo. Precisava de outro plano. Se Nan não queria nem ter uma conversa casual comigo, com certeza não ia abrir o coração sobre seus ex-namorados.

Desisti de tentar fazê-la se dar conta de que eu estava ali. Me recostei no sofá e comecei a prestar atenção ao filme, que não era ruim. Eu gostei.

Nan pegou no sono.



Depois de carregá-la para o andar de cima, cobri-la e trancar a porta, fui embora. A noite havia sido um fracasso. Talvez fosse culpa minha, por não ter planejado melhor as coisas. Eu

devia ter ido com um plano definido na cabeça. Cope tinha um plano certo a cada jogada. Por isso ele era o melhor. Desgraçado.

Talvez eu devesse deixar que ele terminasse o trabalho. Talvez eu só estivesse insistindo naquilo com Nan porque queria provar o meu valor. Caramba, se a mulher não me queria, eu não podia fazer nada.

Se eu fosse menos homem, aceitaria a rejeição e iria embora. Mas eu era Major Colt, droga, e gostava de desafios. Era movido a desafios. Aceitava os que surgiam na minha vida e detonava. Eu ia conseguir desvendar Nan. Ela era uma mulher, afinal de contas.

Antes que eu traçasse outra estratégia, porém, ia procurar aquela garçonete do clube. Hannah? Tabitha? Ou era Tammy? Ora, que diferença fazia? Eu sabia como ela era. Ia encontrá-la.

Nan

Senti meu corpo sendo carregado pelo sono.

Senti o cheiro dele. Inspirando profundamente, eu o segui, me virando na direção do que eu sabia ser o peito largo e forte dele. Era aquilo que eu estava esperando. O sono. Era nesses momentos que ele vinha até mim, e eu precisava dele. Todos os meus pensamentos estavam centrados nele.

O sono era meu amigo, meu santuário, o único lugar onde eu encontrava felicidade. Ali não havia pessoas superficiais que se consideravam minhas amigas, nem a necessidade de fingir. Só havia nós dois. Gannon e eu. Em um mundo que não podia existir de verdade, mas que eu queria tanto que existisse.

Passei uma mão ao redor do braço dele com desejo, enquanto ele se abaixava sobre mim na cama. Eu não queria soltá-lo. Será que ele desapareceria agora? Aquilo era tudo o que eu teria essa noite? Não bastava. Eu queria saborear a pele dele, sentir seu corpo firme se movendo sobre o meu. Queria que Gannon exercesse controle total sobre mim e lambesse meu corpo, chegando perto da dor, mas com um toque delicado como uma pluma.

Murmurei um apelo e mantive os olhos bem fechados, esperando não acordar para não perdê-lo.

– Shhh, docinho. Não vou embora ainda.

O sussurro dele me fez estremecer e eu quase chorei de alívio.

Ele ainda estava ali.

Ouvi o farfalhar das roupas sendo tiradas e quis vê-lo, mas temi que pudesse despertar. Então neguei a mim mesma a beleza do corpo dele na esperança de mantê-lo ali por mais tempo. O dorso da mão dele acariciou meu braço nu e continuou descendo pela minha cintura. Eu estava nua. Estávamos mais próximos do que eu havia imaginado.

– Vire.

O tom dele era duro e frio. Em vez de me assustar, isso me excitava. Era algo que só fazia sentido com Gannon. Eu confiava nele, embora uma parte de mim o temesse. A combinação era inebriante, diferente de tudo o que eu já havia experimentado. Minha fantasia.

Arqueei as costas e a palma da mão dele me empurrou para baixo.

– Não. Eu digo quando você deve mexer esse corpo lindo. – A ponta do dedo dele continuou percorrendo meu corpo. Cada toque era uma carícia tão ardente que deixava a minha pele em chamas. – Não rebole, ou vou ser obrigado a dar um tapa em você.

Por mais sombria e perversa que a ameaça parecesse, eu era ainda mais, porque me excitava com ela. Quando a mistura de expectativa e medo começou a crescer, a mão dele em concha

deslizou por entre as minhas pernas e me tocou com pressão suficiente apenas para me fazer gritar de alívio. Eu estava ávida por ele. Seu toque era a única coisa capaz de aliviar aquele doce desespero.

– Empine a bunda – ordenou ele, a voz virando um sussurro rouco.

Não discuti nem demorei; fiz exatamente o que Gannon mandou.

Um riso baixo tomou conta do quarto.

– Caramba, eu estava esperando que você me desse um motivo para dar um tapa nessa pele clara. Para ver a marca da minha mão em você.

Ah. Talvez um tapa não fosse assim tão ruim, afinal. Seria a marca de posse dele. Gostei da ideia. Queria isso.

Então remexi a bunda e prenda a respiração.

O tapa que eu imaginei que fosse ser desferido na minha bunda foi, em vez disso, na parte interna da coxa, e doeu. O segundo tapa foi atrás, e a dor repentina foi ainda mais intensa. Eu me afastei, e Gannon gemeu antes de me jogar de costas na cama e deslizar a mão de novo entre as minhas pernas, enfiando vários dedos dentro de mim. Meus olhos se abriram e o preto das pupilas dele agora escondia o tom claro de seus olhos. Eles estavam escuros e perigosos, e eu ainda não havia acordado. Ele ainda estava ali, e eu podia vê-lo.

Havia maldade naqueles olhos escuros, e eu queria me aproximar mais. A mão dele se manteve em ação até que eu gritasse seu nome e arqueasse os quadris para ele.

O tapa no meu rosto me assustou e me fez gritar o nome de Gannon ao mesmo tempo. Não que tivesse doído; na verdade, havia sido erótico. A força que ele empregou no tapa havia sido o suficiente para atrair minha atenção, mas não para me machucar.

– Não se mexa – ordenou ele, e eu assenti.

Não sabia se queria levar outro tapa ou não. Ninguém nunca havia me dado um tapa no rosto. O gesto quase feriu meus sentimentos, mas também me fez rebolar de novo. Isso queria dizer que eu era tão perturbada quanto ele?

– Abra essas pernas lindas.

A ordem foi suave, e meu corpo obedeceu antes que meu cérebro pudesse registrar o som delicioso e ardente do que ele estava dizendo.

– Você gosta quando eu bato em você. – A voz dele agora estava igualmente excitada e sombria.

Assenti.

– Você está encharcada. Caramba, você é muito safada.

Então, com um movimento dos quadris, ele estava dentro de mim. Gritei o nome dele e me segurei em seus ombros. Ninguém jamais havia me possuído como Gannon. Agarrei suas costas, precisando dele mais perto, com medo de acordar.

Erguendo os dois joelhos, eu o puxei mais para dentro de mim, até doer. A grossura e o comprimento dele eram mais do que meu corpo havia experimentado. A dor que veio da invasão dele me deixou sem fôlego, mas mesmo assim eu queria mais. Até conhecer Gannon, eu nunca havia compreendido a ideia de prazer com dor.

Quando ele saiu de dentro de mim, eu me senti mais vazia do que em toda a minha vida.

Tentei agarrá-lo e ele me jogou de bruços de novo.

– Empine essa bunda – murmurou ele, agarrando meus quadris e os erguendo antes de entrar em mim de novo. – Me dê essa boceta, Nan. Rebole essa bunda para mim e me dê essa boceta – ordenou.

Estava doendo. Ele entrou muito mais fundo, mas eu queria aquilo, então fiz exatamente o que ele mandou, até o orgasmo me dominar e eu desabar, exausta, na cama.

O rugido do orgasmo dele desapareceu, distante, enquanto a escuridão reassumia seu lugar.



O sol entrando por entre as cortinas não me aqueceu. Era uma sensação fria. Eu sabia que, quando abrisse os olhos, estaria sozinha no quarto. Meu sonho havia sido muito real. Toquei meu corpo de leve, sentindo-o exausto. Minha mente estava me pregando peças. Minha calcinha estava no lugar e, embora eu me sentisse saciada, sabia que havia sido tudo fruto da minha imaginação. A pontada no peito por causa do vazio ao meu redor estava ali, me perseguindo. Me lembrando de como eu estava sozinha. Estar sozinha antes de Gannon era mais fácil. Antes de conhecer a sensação de perfeição, eu era forte.

Nada até então tivera o poder de me destruir. Ter um pai que não me queria nem me amava, perder meu único herói para outra mulher, ver minha irmã ser idolatrada pelo cara que eu acreditava amar. Eu havia me mantido forte em todas as situações. Havia sido uma rocha. Mas agora... eu não queria isso. Eu queria algo que nunca tive. Me enrosquei em posição fetal e tentei aliviar o vazio e a tristeza que me dominaram.

Major

O nome dela era Jill. Eu não tinha chegado nem perto. Rolando na cama, franzi a testa e fechei os olhos quando me dei conta de que Jill ainda estava lá, com todo aquele cabelo louro espalhado nos meus travesseiros. Não era nada sacrificante olhar para ela, nem desagradável acordar a seu lado. Só que não era ela quem deveria estar na minha cama. Era apenas uma distração.

Uma distração realmente muito bonita. Eu gostava de seu sotaque. Era bem pronunciado. Ela não era de Rosemary Beach. Pelos sons anasalados, eu apostava em Mississippi ou Alabama. Quando ela gozou, gemeu de um jeito rouco que me fez ter outra ereção só de pensar nele. Eu queria aquilo de novo.

Bem, que mal ia fazer comer Jill outra vez? Depois eu precisaria concentrar toda a minha atenção em uma mulher para quem não fazia a menor diferença se eu estava vivo ou não. Era melhor aproveitar uma que gostava de gritar meu nome com aquele sotaque arrastado.

Inclinei-me na direção dela, beijei o ombro nu e inspirei o perfume adocicado. Ela usava uma fragrância de baunilha que me lembrava biscoitos, e eu adorava biscoitos. Especialmente os bem doces. Fui beijando o braço dela até chegar à barriga lisa. Lambi seu umbigo e ela começou a se virar para mim.

Um sorriso surgiu no rosto sonolento, e eu gostei daquilo. Eu precisava daquilo. Meu ego precisava. Claro, ela nem se comparava a Nan. Não havia muitas mulheres que se comparassem, mas ela era uma graça. Eu podia aproveitar o tempo com ela e depois voltar a correr atrás da complicada, exigente e sexy Nan.

– Bom dia – falei, em um sussurro rouco que sabia que ela iria gostar.

Então comecei a beijar mais embaixo e ela abriu as pernas para mim. Todo o aroma de baunilha desapareceu e deu lugar ao cheiro do sexo que fizemos na noite anterior. E esse cheiro era mais gostoso que o de baunilha.

Estendi a mão até a mesa de cabeceira, peguei mais uma camisinha e sorri ao ver as outras duas embalagens vazias no chão. Eu a havia deixado exausta, mas ela estava pronta para mais. Na noite anterior eu ainda nem sabia o nome dela e Jill já estava pronta para transar comigo.

– Ah – gemeu ela, quando minha língua percorreu sua área rosada e intumescida. – Isso – falou, arfando, enquanto erguia os quadris.

Eu não conseguiria continuar ali por muito tempo. Precisava gozar também. Depois de mais algumas lambidas, me levantei, coloquei a camisinha e mergulhei dentro dela, fechando os olhos quando ela me recebeu com tanta avidez. Nossa, como eu adorava transar.

– Está gostoso, gata? – perguntei, sabendo, pela forma como ela se mexia e gemia, que estava

adorando.

– Muito – respondeu ela, se abrindo mais para mim. – Mete mais.

Com um sorriso largo, dei uma estocada atrás da outra enquanto ela gritava meu nome sem parar. Adorei isso. Perdi um pouco o controle e ela provavelmente ia ficar um pouco dolorida, mas ia se lembrar de mim.



Não fazia muito tempo que Jill tinha ido embora quando a porta se abriu e Cope entrou. Não parecia satisfeito. Grande surpresa. Ele estava sempre irritado com alguma coisa.

– Se diverti? – perguntou ele em um tom enojado.

O cara nunca transava? Qual era a dele? Um homem precisava de sexo.

– Bastante. Ela era insaciável. Me arranhou todo, gemeu alto... Até gritou um pouco.

Cope não pareceu achar divertido. Na verdade, pareceu que nem tinha me ouvido.

– Você não vai conseguir nada com a Nan. Ela está fria com você. Desligada, até. Falei com DeCarlo e ele vai transferir você para outro trabalho. Você ferrou com este. Arrume suas coisas, prepare suas desculpas e esteja pronto para ir embora às três horas.

Então o desgraçado mandão se virou para ir embora.

– O quê? Espere aí! – exclamei, largando minha xícara ainda vazia.

– Eu preciso soletrar? – disse ele, parando e se virando de novo para mim. – Um rostinho bonito não basta para conquistá-la. Ela precisa de mais do que beleza.

– Eu tenho um plano – menti, porque eu havia passado a noite anterior inteira transando com Jill em vez de pensar num plano, como deveria.

– Não, não tem. *Eu* tenho. Você vai embora às três.

Abri a boca para argumentar de novo quando o olhar dele ficou mais sombrio. Embora eu não tivesse medo de muita coisa, aquele desgraçado era assustador demais.

– Esteja pronto às três – ordenou, então se virou e saiu.

Merda. Eu havia fracassado no meu primeiro trabalho. Merda. Jill havia sido boa, mas não tanto. Eu queria ser bem-sucedido e mostrar para aqueles cretinos que eu era capaz. Nan deveria ter sido a tarefa mais fácil que eu tive na vida. Porém, havia sido a mulher mais difícil com quem cruzei.

Se eu arrumasse minhas coisas e fosse embora, estaria desistindo. Estaria deixando claro que era um covarde, e eu não sou um covarde. Não ia deixar Nan ferrar a situação para mim. A teimosia e o humor instável dela que fossem para o inferno. Eu tinha dado a ela bilhetes e um encontro romântico, e a noite anterior tinha sido a forma dela de agradecer? Ah, não, de jeito nenhum.

Eu tinha até as três horas para consertar aquilo. Ela se apaixonaria por mim de novo. Ou pelo menos me desejaria mais uma vez. Eu só precisava de um maldito plano. Eu tinha, ah, seis horas para pensar em um. Droga, eu estava ferrado.

Nan

Recebi duas mensagens de Major, mas eu não estava no clima. Na noite anterior, eu queria tanto que ele fosse embora que caí no sono durante o filme. Foi legal da parte dele me levar no colo até meu quarto, mas ainda assim eu não me livrava da sensação de que Major era apenas uma grande perda de tempo. Ele nunca chegaria aos pés de Gannon, mas a única forma de me fazer esquecer Gannon seria um... homem como Gannon.

Estava sentada com meu robe vermelho de seda junto ao balcão, com um copo de suco de laranja e um iogurte grego. Um café da manhã rápido antes de sair para correr. Meu corpo estava exausto, como se eu tivesse passado a noite fazendo amor – fazendo amor, não; fazendo sexo selvagem – com Gannon.

Corando, pensei na região dolorida entre minhas pernas e me perguntei se eu havia realmente me tocado durante o sono. Acho que devia ter me masturbado, sim. Ri, pensando que estava ficando maluca. Em breve eu estaria fingindo que era outra pessoa durante o sono. Eu precisava de ajuda.

Deitada na cama de manhã, eu havia pensado em voltar a Las Vegas e procurar Gannon. Eu não tinha muita moral. Não me importava mesmo que ele tivesse engravidado uma garota? Bem, em minha defesa, eu duvidava que ele fosse se casar com ela, e só precisava tirá-lo da cabeça. Se eu pudesse provar que na minha fantasia ele era melhor do que na realidade, isso poderia me ajudar. Mas então decidi que não queria aquele sonho destruído. Mesmo que só acontecesse enquanto eu dormia, ainda era meu e me fazia muito feliz.

Minha vida havia sido cheia de decepções. Eu não queria mais uma. Se precisasse encontrar a felicidade nos meus sonhos, qual era o problema? Era a minha vida. Não afetava mais ninguém.

O toque da campainha interrompeu meus pensamentos e eu suspirei, detestando o fato de o mundo real estar prestes a entrar na minha vida, deixando a noite realmente para trás. Enfim, eu precisava aceitar a realidade. Larguei o sorvete grego e saí de perto do balcão para atender a porta.

Eram dez horas. Ninguém deveria estar acordado e me fazendo uma visita às dez da manhã. As pessoas não sabiam que eu dormia até tarde?

Abri a porta sem ver quem era, porque, sinceramente, estávamos em Rosemary Beach, e ali era muito seguro. Exceto por caras irritantes como Major, que nunca se mancavam.

– Está cedo – falei, sem conseguir esconder a irritação.

Ele não havia percebido a falta de química entre nós na noite anterior? Tinha sido sem graça como uma torrada integral.

– Está na hora da sua corrida. Quer companhia?

Ele sorriu e eu nem o achei bonito. Estava arrasada.

– Hã, bem, acho que sim – respondi, sem saber se eu devia simplesmente ser grosseira e dizer que não ou aceitar a companhia dele para uma última corrida e esperar que ele entendesse que estava tudo acabado entre a gente.

Major sorriu e entrou. O olhar dele percorreu meu robe vermelho e as pernas nuas, depois subiu novamente, como se ele estivesse apreciando o que via.

– Você fica linda de manhã.

Ele estava mesmo dando em cima de mim? Depois do constrangimento da noite anterior?

– Obrigada – respondi, me virando para voltar ao iogurte e ao suco.

– Você passou café?

Se eu passei café? Ele ainda estava vivendo na década passada?

– Eu tenho uma máquina de *espresso*, Major. Eu não “passo café” – respondi, revirando os olhos.

Ele riu como se eu estivesse tentando ser engraçada e começou a procurar uma xícara. Deixei que procurasse. Ele havia estado na minha casa vezes suficientes para saber onde ficavam as malditas xícaras. Ele era tão burro assim?

– A esta altura eu já devia saber onde elas ficam – disse ele em seu tom alegre.

– Sim – concordei, irritada.

Ele não reagiu à minha exasperação nem sequer pareceu notar que eu não estava sendo simpática. Isso me deixou com mais raiva ainda.

– Você está tentando destruir qualquer vestígio de amizade que ainda possamos ter? Porque não estou entendendo por que você continua aparecendo e insistindo. Não existe mais nada entre nós.

Pronto, falei. Ele podia se tornar um adulto e lidar com a situação.

Major largou a xícara, que finalmente tinha encontrado depois de abrir quatro armários.

– É isso que você acha? Que não existe mais nada entre nós?

– Eu não acho. Eu sei.

Ele pareceu triste, mas Major era bom em usar a tristeza para conseguir o que queria. Mas isso também fazia com que ele parecesse fraco, e eu não gosto de fraqueza. Eu não era fraca e não queria estar perto de ninguém assim.

– Eu gosto de você – disse ele. – Se você não estivesse ocupada sendo tão fria e indiferente, veria que podemos dar certo. Se não existisse nada entre nós, você não teria ficado tão magoada comigo antes. Agora você só não quer me perdoar e nos dar uma chance.

Se isso fosse verdade, eu poderia aceitar e tentar agir de outra forma. Mas ele estava errado. Totalmente errado.

– Eu estava solitária. Você apareceu e eu achei que ficar com você preencheria aquele vazio. Mas não preencheu. Você não foi o bastante. Nunca vai ser. Você é fraco, apaixonado demais por si mesmo e autocentrado. Não consigo amar alguém assim, e não consigo preencher meu vazio com isso.

Ele não gostou do que eu disse. A raiva em seu olhar foi o primeiro sinal de força que

realmente vi nele.

– E você não é? – falou ele, a voz um tom acima do normal.

– Eu não sou fraca, Major. As outras coisas podem ser verdade, mas eu as assumo. Eu me conheço. Você finge que é perfeito. Acha que a sua beleza compensa todas as suas falhas. Você não é perfeito. Na verdade, é irritante.

Major ficou sem palavras. Eu era mais inteligente do que ele. Mais um ponto para mim.

– Você é fraca – conseguiu dizer, enfim. – Se fosse forte, não precisaria procurar um homem para completá-la. Isso é fraqueza, Nan.

Major tinha razão. Um ponto para ele.

– Então somos iguais – falei. – Você nunca ouviu que os opostos se atraem? Nós somos tão parecidos que acabaríamos nos matando.

Pronto, eu queria ver se ele conseguiria sair dessa. Eu não ia negar os meus defeitos. Eu os conhecia melhor do que ninguém. Houve um tempo em que eu inventava justificativas para eles, mas não mais. Estava irritando a mim mesma com isso.

Duvidava que acontecesse o mesmo com Major. Ele devia se olhar no espelho, arrumar o cabelo, admirar a própria beleza e ignorar qualquer defeito que tivesse.

– Já tinham me falado da sua frieza, mas não acreditei quando me alertaram. Achava que uma pessoa tão bonita não podia ser tão má assim. Você devia ter alguma coisa que valesse a pena amar. Mas as pessoas tinham razão. Especialmente Mase. Ele me disse que tinha motivos para não amá-la e não querer qualquer contato com você. Você é fria, e nenhuma beleza é capaz de consertar isso, Nan. Você vai morrer sozinha. Sem filhos, sem marido que a ame. Porque você é uma vagabunda. Uma vagabunda raivosa e cruel, tão amarga que não consegue reconhecer um homem bom quando o vê.

O rosto dele foi ficando vermelho enquanto me dizia essas coisas, e ele falava cada vez mais alto. Logo estaria gritando comigo.

Ele achava que estava me magoando? Que eu já não tinha ouvido exatamente a mesma coisa antes? Talvez Major não soubesse que, embora tivesse minhas fraquezas, eu não era completamente fraca. Agressões verbais não me afetavam. Eu havia sido alvo delas a vida inteira, a começar pela minha mãe.

– Já acabou? – perguntei, antes de comer mais uma colherada do meu iogurte.

Eu gostava muito daquele iogurte. Tinha pedaços de frutas, o que dava ao sabor azedo um toque de doçura. Só 130 calorias por porção. Não podia ser melhor.

– Sim, Nan. Acabei – disse ele, a voz voltando ao normal. – Com você – acrescentou, como se isso fosse me ferir.

Tolinho. Ele não sabia de nada.

– Você sabe onde fica a porta. A empregada vai recolher sua xícara.

Ele me encarou e eu ergui o olhar do pote de iogurte pelo qual estava subitamente apaixonada, sorrindo. Fui fria e amarga como ele me acusou de ser.

Eu não precisava de Major Colt, nem o queria. Que Deus ajudasse qualquer mulher burra o suficiente para amá-lo. Ele jamais amaria ninguém tanto quanto amava a si mesmo. Se ao menos

soubesse como precisava melhorar na cama... Eu quase bocejava pensando em como o sexo com ele era sem graça.

– É isso, então? É assim que você quer terminar tudo? – perguntou ele, largando a xícara depois de apenas um gole.

– Já tinha terminado. Só que você levou mais tempo do que eu para entender.

Ele estreitou os olhos e balançou a cabeça como se não pudesse acreditar no que eu estava dizendo.

– Vagabunda maluca – resmungou.

Eu estava farta dele, me chamando de vagabunda na minha própria casa. Se queria me xingar, tudo bem, mas fazer isso dentro da minha casa era um exagero. O sujeito não tinha nem um pinga de educação?

– Se você me chamar de vagabunda mais uma vez aqui na minha casa, vou esmagar esse seu narizinho perfeito com uma frigideira – alertei, com uma voz calma e entediada.

Então comi mais uma colherada do meu iogurte, porque estava delicioso.

Major abriu a boca e eu ergui uma sobrancelha, dando a entender que não estava brincando. Ele olhou para um canto da cozinha, balançou a cabeça e foi embora.

Esperei até a porta da frente se fechar e soltei a respiração que estava prendendo.

– Até que enfim ele foi embora. Meu Deus, que coisa cansativa. Preciso de outro iogurte.

Cope

A *té que enfim ele foi embora. Meu Deus, que coisa cansativa. Preciso de outro iogurte.*
Havia tantas coisas que a gente poderia fazer com aquele iogurte que ela iria adorar... Não estranhei o sorriso que Nan me fez dar. Ela vinha me fazendo sorrir tanto ultimamente que eu já esperava isso. Já saboreava esses momentos.

Mas ela não comeu outro iogurte. Ficou parada por um instante olhando para a geladeira aberta, então se virou e foi vestir as roupas de corrida. O shortinho justo que colocou era a minha peça de roupa preferida.

Eu daria um tapa nela por isso mais tarde. Talvez envolvesse o pescoço dela com as mãos e apertasse suavemente também. Aquele short despertava meu desejo de fazer sexo selvagem com ela.

Meu celular vibrou. Era Major. Ignorei. Ele sabia que eu tinha visto a coisa estúpida que havia acabado de fazer. Ele havia desobedecido ordens. Eu podia mandar uma mensagem de texto e, em poucos segundos, a linha telefônica dele estaria cortada e ele receberia a ordem de evacuar o apartamento imediatamente. Eu já teria desaparecido a essa altura. Ele não conseguiria me encontrar.

Major não ia continuar trabalhando conosco. Ele havia feito a escolha errada. No entanto, continuaria vivo. Pelo menos se DeCarlo dissesse que sim. Se quisesse que ele fosse eliminado, eu não poderia fazer nada por ele.

Major não havia nascido para aquele tipo de trabalho. Capitão estava errado. Por outro lado, o próprio Capitão também não era como eu. Havia embarcado naquilo por vingança. Já eu apenas gostava de matar. Gostava da sensação de controle e de saber que eu estava corrigindo algo.

Nan saiu para correr e eu soube que tinha chegado a hora de um novo plano. Major estava fora da jogada e Gannon estava de volta. Porque Nan havia adorado o que Gannon lhe proporcionou, e ele conseguiria arrancar as informações dela sem o drama que Major criava.

Naquela noite, Gannon a chamaria de vagabunda no sexo durante o sono. Para ver se ela seria insolente daquela forma com ele. Meu Deus, eu esperava que sim.

Nan

Parte de mim temeu que Major fosse burro o bastante para aparecer na corrida. Mas quando terminei meus mais de 10 quilômetros sem o ver, fiquei confiante de que ele enfim havia desistido. Agora eu precisava resistir à tentação de chegar em casa e me trancar no quarto escuro para dormir, na esperança de mais um sonho. Isso iria me transformar oficialmente em uma louca. Eu ainda não tinha chegado a esse ponto.

Eu poderia ir para Las Vegas.

Se eu quisesse mesmo... poderia simplesmente ir.

Havia uma boa chance de eu não o encontrar de novo, mas a tal grávida trabalhava lá, porque estava usando uma roupa de dançarina. Pelo menos eu podia encontrá-la. Talvez ela quisesse me bater, e eu não poderia revidar, porque ela estava grávida, e isso seria muito injusto.

Que situação... Ela estava grávida de um filho de Gannon e eu estava ali pensando em ir atrás dele. Eu só podia ser louca. Ele precisava se dedicar à mulher que havia engravidado. E eu não era essa mulher.

Quase chegando em casa, levei a mão à barriga automaticamente e senti um aperto no peito. Saber que não estava grávida de um filho dele e que jamais estaria doeu. Ela teria uma ligação com ele que eu nunca teria.

Meu Deus, eu estava arrasada.

– Bom dia, Nan.

O sotaque sulista de Blaire me pegou de surpresa, e eu ergui os olhos para vê-la saindo do carro parado à porta da minha casa e vindo na minha direção. Estava com um prato de biscoitos em uma mão e com a outra segurava a de Nate.

– Tia Nan! – Ele soltou a mão da mãe e correu na minha direção. – Mamãe e eu fizemos biscoitos para você. De aveia com farinha *gânica* e passas. São saudáveis e gostosos. Tinham que ser *gânicos*.

Blaire riu.

– Ele quer dizer *orgânicos*.

Sorri, puxando-o na minha direção. Eu havia entendido. Sabia falar bem a língua do meu sobrinho. Mas não disse isso a Blaire. Seria grosseiro, e ela tinha feito biscoitos para mim e levado Nate para me ver.

– Muito obrigada. Eu adoro biscoitos *gânicos* – falei, beijando sua cabecinha. Então olhei para Blaire. – Eu estava precisando de biscoitos e do Nate hoje. Obrigada.

Ela sorriu e assentiu.

– Rush falou que talvez você precisasse de companhia. Então pensamos em fazer uma coisa

gostosa e trazer para você.

A barriga dela tinha a forma perfeita de uma bola de basquete, mesmo que seu corpo fosse minúsculo. Blaire tinha o cuidado de comer apenas coisas saudáveis e não processadas, e alimentava Nate da mesma forma. Até mesmo Rush havia se rendido e começado a comer coisas mais saudáveis. Eu precisava contar a ela sobre o iogurte que eu tinha descoberto. Ela ia adorar.

– Tenho até um leite de amêndoas que vai ficar delicioso com esses biscoitos. Agora que acabei de correr, preciso mesmo fazer um lanche. Quer entrar e dividir um biscoito comigo? – perguntei a Nate.

Ele pareceu em dúvida por um instante, então se recostou em mim.

– Pode ser um pra cada? Eu gosto de comer um biscoito inteiro.

Rindo, eu me ergui e segurei a mão dele.

– Pode, sim. Vamos esbanjar. Um biscoito inteiro para cada, então.

– Oba! – comemorou ele, segurando forte minha mão.

Enquanto entrávamos em casa, pensei que, se eu decidisse ir a Las Vegas, não tentaria encontrar Gannon. Apenas veria se ele iria atrás de mim. Isso seria saudável. Não seria?

– Pensamentos profundos? – perguntou Blaire.

Eu poderia desabafar com ela. Fazia sentido pedir sua opinião. Ou de alguma outra pessoa. Mas eu temia que qualquer um com quem eu falasse fosse me aconselhar a deixá-lo para trás e seguir em frente, e eu não gostava de pensar nisso.

Nem um pouquinho.

– É um cara aí... – disparei, surpreendendo a mim mesma e a Blaire, a julgar pelos olhos arregalados dela.

Nós não éramos próximas. Havíamos aprendido a conviver porque amávamos Rush e Nate. Mas não éramos amigas. Havia coisas que simplesmente eram impossíveis de mudar.

– Então ele deve ser especial – disse ela, fechando a porta.

Nate soltou a minha mão e correu para a cozinha, dizendo que ia pegar o leite.

– É, sim – falei.

Blaire assentiu.

– Que bom. Estava na hora de você encontrar alguém especial. Você merece.

Aquelas palavras não tinham nenhum poder especial, não eram mágicas nem nada parecido. Mas eu me perguntei se o fato de não sermos amigas era mesmo tão impossível de mudar como eu imaginava.

Major

Ele agiu rápido.

O senhorio estava parado na porta do meu apartamento com dois policiais, esperando que eu arrumasse minhas coisas. Aparentemente eu estava sendo despejado por diversos motivos, todos falsos, mas não fazia sentido discutir. Aquilo era coisa de Cope, não do senhorio, que era inocente. Eu teria ligado para Cope, mas meu celular também havia sido cortado.

Aquilo não era para mim. Eu não gostava de Cope. Odiava o desgraçado. Seguiria meu próprio caminho. Eles não queriam que eu trabalhasse para eles. Caramba, eu havia ferrado um trabalho fácil. Se Nan não tivesse sido tão carente no começo, eu teria conseguido ir até o fim. Mas a mulher me queria só para ela, e eu não era um homem de uma mulher só. Jamais seria. Não me permitiria ser amarrado quando queria aventura.

Devia haver muitos negócios como o de DeCarlo por aí. De preferência sem um cara como Cope na história. Ele acabava com toda a diversão. Eu duvidava que ele tivesse transado nos últimos dez anos. DeCarlo precisava pagar uma stripper para o braço direito dele, a fim de acalmá-lo um pouco. Para liberar aquela tensão que irradiava dele.

Peguei minha única mochila, assenti e me preparei para ir embora.

– Bom, foi divertido, pessoal. Não deixem toda a emoção e o perigo de Rosemary Beach serem de mais para vocês – brinquei, saindo do apartamento com um sorriso.

Eles eram marionetes, e nem sequer sabiam disso.

Mas eu não era uma marionete. Não mais. Aquele trabalho tinha acabado. Eu precisava de algo melhor. Com armas e coisas assim. Não com mulheres carentes.

Quando olhei na direção da minha caminhonete, vi um espaço vazio onde ela deveria estar. Droga. Eles haviam tirado meu meio de locomoção também. O que esperavam que eu fizesse? Fosse embora andando?

Uma caminhonete conhecida parou na entrada de veículos, e vi Capitão ao volante. Haviam ligado para ele e mandado que fosse me buscar. Ótimo. Acho que pensaram que ele precisava dar um jeito na própria confusão. Eu.

Fui até o lado do passageiro e entrei.

– Bem, acho que você é minha carona – falei, largando a mochila entre nós.

– Iam mandar outra pessoa. Eu me ofereci para vir, porque fui eu que indiquei você para o trabalho.

Capitão achava que eu era durão o suficiente e que seria uma arma mortal com meu rostinho bonito. Palavras dele, não minhas. Embora eu gostasse do meu rosto. Capitão não estava errado em imaginar isso.

– Não dá para trabalhar com Cope – expliquei.

– Cope é um mestre. Você fracassou porque não conseguiu manter o foco no trabalho.

Tudo bem. Ele adorava Cope. Problema dele.

– Nan é uma megera. Tente manter o foco lidando com uma mulher que é uma megera raivosa.

Capitão olhou para mim.

– Ela não era uma megera raivosa na última vez em que falei com você. Ela estava totalmente na sua. Então você a deixou furiosa com seu jeito mulherengo e a megera surgiu como acontece com todas as mulheres. E você fracassou.

Eu não estava a fim de discutir. Ele ia ganhar.

– Não foi para esse tipo de trabalho que eu me ofereci – resmunguei.

Capitão riu.

– Ah, foi sim. Você gostou da ideia de ficar correndo atrás de um rabo de saia. Achou que seria divertido. Você fracassou, Major. Admita.

Tudo bem. Eu tinha fracassado. Precisava aceitar e lidar com isso.

– Não importa. Eu jamais ia conseguir trabalhar com Cope. Ele é um filho da mãe.

Capitão assentiu.

– Isso ele é. Não conheceu o pai e foi abandonado nas ruas pela mãe drogada quando tinha 10 anos. Essa foi a única coisa que DeCarlo me contou sobre o passado dele. E só me contou recentemente. Cope é um mistério para todos. Ele não tem coração. Mas é um deus nesse mundo. É impossível matá-lo. Sabe rastrear pessoas como ninguém, e é brilhante. Fala dez línguas, que aprendeu sozinho, vivendo de lixo. Ele é o único fodão de verdade. Você o transformou em inimigo. Não devia ter feito isso.

Ótimo. Agora eu precisava me preocupar com o risco de o gênio poliglota me matar.

– Se eu desaparecer como ele mandou, isso não vai livrar a minha cara?

Capitão deu de ombros.

– Não sei. Ninguém sabe o que Cope fará a seguir. Mas pare de irritá-lo. DeCarlo está surpreso que ele tenha deixado você vivo até agora. Enfim, eu já saí desse mundo. Só vim buscar você porque devia isso a eles. Fui eu que indiquei você, e estava na hora de tirá-lo de cena. Eles vão procurar você e lhe dar um ultimato. Faça o que for preciso para continuar vivo e depois vá embora.

Esse era o conselho dele? Fofo.

– Entendi. Para onde estou indo agora?

– México – respondeu Capitão, parando logo depois da fronteira de Rosemary Beach. – Boa sorte.

Franzindo a testa, olhei para ele.

– Você está me mandando sair do carro?

Ele assentiu.

– Estou. Falei que não faço mais parte desse mundo.

– Como diabo eu vou chegar ao México?

Ele deu de ombros.

– Isso não é problema meu. Tenho certeza de que alguém vai aparecer para pegar você, em algum momento. Por enquanto, comece a caminhar.

– Você está falando sério?

– Totalmente – foi só o que ele disse.

Ir ao mercado não era algo que eu costumasse fazer. Tinha gente que fazia isso para mim. Então, quando entrei no Whole Foods, fiquei um pouco perdida. Queria mais iogurte, mas também queria dar uma volta e escolher outras coisas, para variar. Passar o tempo todo dentro de casa estava me levando à loucura. Eu precisava parar de me esconder entre quatro paredes. Meus pensamentos se fixavam em Gannon sempre que eu estava sozinha.

Para ocupar a cabeça, decidi que tinha que fazer compras. Eu nunca havia feito isso antes e, sinceramente, aquele monte de opções era impressionante. Minha mente não ia ter tempo de pensar em pegar um avião para Las Vegas. Eu estava ocupada demais absorvendo tudo aquilo.

A variedade de legumes e verduras orgânicos me deixou tonta, assim como a de frutas. Escolhi alguns itens de que eu sabia que gostava e outros que queria experimentar. Pensei em começar a cozinhar. Seria uma ótima maneira de me distrair. Sobre tudo se eu pusesse fogo na casa, o que era uma possibilidade bem real.

Passei direto pelas castanhas, porque, embora fossem deliciosas e saudáveis, tinham mais gordura do que eu estava disposta a consumir. Mesmo que fosse gordura do tipo bom. Ninguém podia discutir sobre isso comigo. Para mim, era não e pronto.

As opções de iogurte grego eram mais variadas do que eu poderia esperar. Passei mais tempo nessa seção do que em qualquer outra. Minhas taxas de cálcio iam ficar ótimas. Comprei o suficiente para alimentar uma cidade inteira com iogurte, caso todos os habitantes fossem me visitar. O que não iria acontecer, porque eu provavelmente os expulsaria.

Eu havia virado para entrar na seção de cereais quando vi um homem no fim do corredor, saindo, e o reconheci. A cor familiar dos cabelos arrumados para cima em um coque. A barba. A calça jeans justa exatamente como eu me lembrava. Ele se movimentava como Gannon. Não fazia sentido que ele estivesse ali em Rosemary Beach, no Whole Foods, mas eu o havia visto. Não havia?

Deixei meu carrinho na frente das caixas de cereais e saí em disparada atrás dele. Nenhum homem podia ser tão parecido com ele. Gannon era único. Minhas pernas compridas percorreram a distância rapidamente, e eu tinha consciência de que as pessoas estavam me encarando, mas não me importei.

Quando virei no corredor aonde achava que ele tinha ido, estava vazio, exceto por uma hippie com um bebê chorando no carrinho. Não havia homem nenhum. Nada de Gannon. Eu tinha imaginado aquilo, o que fazia mais sentido. Mas como eu não estava pronta para desistir ainda, comecei a correr por vários corredores; queria checar todos.

– Com licença, moça, posso ajudar? – disse um dos funcionários que estava abastecendo as

prateleiras.

Quando ele interrompeu minha busca frenética, eu me dei conta de que já estava envolvida nela havia algum tempo. Gannon não estava no Whole Foods, e eu estava ficando maluca.

Balancei a cabeça e voltei para a seção de cereais, para encontrar o carrinho que havia abandonado. Eu não queria mais nada dali. Estava na hora de ir embora. Peguei o iogurte, as frutas e os legumes que tinha escolhido e fui para o caixa. A atendente ficou me olhando como se eu estivesse prestes a sair correndo como uma louca pela porta. Imaginei que ela tivesse me visto em minha busca alucinada.

Paguei e fui embora. Era o fim da minha distração. Como eu não iria para Las Vegas atrás dele, aparentemente ia ficar tendo alucinações ali em Rosemary Beach. Mas eu estava tão certa de que o tinha visto... Como alguém consegue inventar isso? Ele não estava nem usando alguma camisa que eu já tivesse visto. Aquela era cinza de mangas compridas. Seria normal a nossa cabeça criar coisas assim?

Durante todo o caminho de volta para casa, repassei na mente o que eu havia visto e tentei me convencer de que eu não tinha enlouquecido. Devia ter sido um homem parecido com Gannon. Eu não tinha inventado aquilo do nada. O iogurte ocupou mais espaço na geladeira do que eu previa, e deixei um de manga do lado de fora. Peguei uma colher. Estava na hora de ver um pouco de *Gossip Girl*. Qualquer coisa para parar de pensar em Gannon. Ele estava acabando comigo. Eu precisava colocar um ponto final naquela história, mas como conseguiria isso se nunca mais o visse?

A ideia de nunca mais o ver me fez sentir uma pontada no peito. Eu não queria pensar nisso. Mas era verdade. Em pouco tempo Gannon seria apenas uma lembrança, e eu teria que encontrar uma maneira de seguir em frente. Tinha que existir alguém que me ajudasse a esquecê-lo. Eu só tinha passado alguns dias com ele e estava mais difícil superá-lo do que qualquer outro cara com quem eu havia tido relacionamentos de verdade. Meu Deus, como eu queria nunca tê-lo conhecido...

Isso era uma mentira. Apesar de estar ficando maluca por causa dele, eu estava feliz pelo que havíamos vivido. Porque, até conhecê-lo, eu nunca havia experimentado aquela energia. Agora eu sabia que era possível sentir algo assim.



A luz da TV ainda lançava um brilho no ambiente escuro. Quando o corpo dele se moveu para cima do meu, fiquei tensa por um instante, achando que estivesse acordada e que fosse ele mesmo, até me dar conta de que isso era impossível. Eu estava dormindo e ele estava ali na sala. A TV estava sem som, e eu sabia que havia adormecido com o volume ligado. Minha mente apenas corrigia as coisas que poderiam estragar a minha fantasia.

Eu deveria agradecer por isso, considerando que naquele dia essa mesma mente havia me feito achar que podia estar louca. Gemi quando a mão dele levantou a minha blusa e arqueei o corpo, ansiosa por mais.

– Eu não disse que você podia se mexer – disse ele. A voz tinha um tom provocador que eu

não estava acostumada a ouvir. – Mas gosto de olhar para você. Mesmo que minha mão esteja coçando para dar um tapa na sua bunda por ter usado aquele short de corrida, deixando à mostra cada centímetro do seu corpo.

Ah. Certo. Eu não tinha aberto os olhos ainda. Gostava da proximidade dele. Quando Gannon estava comigo daquela forma, era como se fôssemos apenas um. Ele fazia com que eu me sentisse segura e desejada de um jeito único.

– Você gosta do meu toque, tanto no prazer quanto na dor, não é? – perguntou ele, apesar de saber a resposta.

Eu me arqueei de novo e mordi o lábio, pouco antes de a mão dele desferir um tapa na minha barriga. Gannon emitiu um pequeno som de prazer, então arrancou minha blusa e deu um tapa nos meus seios nus antes de cobrir um dos mamilos com a boca e começar a sugá-lo. A dor acalmada pela boca quente dele fez uma corrente de prazer percorrer meu corpo. Àquela altura eu já estava bem perto do orgasmo.

Ele enfiou a mão entre as minhas pernas com brutalidade e não aliviou a força quando deslizou os dedos para dentro de mim. Aquela agressividade só me fez estremecer de excitação e querer mais. Isso deixava claro que eu era tão perturbada quanto ele. Eu sabia disso, mas não me importava.

– Chupa o meu pau... vagabunda – disse ele, como se para me testar, como se soubesse que eu havia sido chamada de vagabunda mais cedo na minha casa e não tivesse gostado nem um pouco daquilo.

Como aquele era o meu sonho, eu queria aquilo dele.

Receber ordens daquele jeito fazia com que eu percebesse coisas em mim que nunca havia imaginado existirem. Gannon, ou a fantasia de Gannon, estava me mostrando exatamente o que havia na minha psique.

Ele me agarrou pelo cabelo e então me puxou para fora do sofá, me colocando de joelhos diante do seu corpo alto, imenso e musculoso. Eu agora estava de olhos abertos, e a luz da TV ao redor dele formava uma espécie de aura, o fazia parecer um deus que estava ali para me possuir e depois destruir.

Mesmo com esse pensamento, eu queria agradá-lo. Queria que me tratasse com brutalidade. Segurando o membro dele com as duas mãos, deslizei sua ereção lentamente para dentro da boca. Ele nunca caberia inteiro na minha boca, mas eu tentaria até engasgar.

Na primeira engasgada, ele gemeu e agarrou minha cabeça, pressionando mais fundo até eu não conseguir respirar e achar que poderia realmente vomitar. Então ele me soltou e eu recuei, arfando em busca de ar, com saliva escorrendo pelo queixo. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu olhei para Gannon, imaginando se era isso que ele queria ver.

Ele segurou meu rosto com a mão.

– Meu Deus, você é linda demais.

Essas palavras bastaram. Comecei a chupá-lo mais fundo e ele não tocou na minha cabeça novamente, a não ser para passar os dedos pelo meu cabelo e me elogiar. Fui ficando tão determinada e excitada a cada palavra de estímulo que nem me dei conta quando o pau dele começou a intumescer e a veia de baixo a pulsar, me avisando que ele estava prestes a gozar.

De repente, ele me jogou em cima do sofá.

– Tire a calcinha – ordenou, e eu a arranquei enquanto ele colocava uma camisinha. – Isso. Sua gostosa. Agora, fica de quatro para mim – acrescentou, vindo na minha direção.

Fiz o que ele mandou e empinei a bunda na direção dele, sabendo que era o que ele queria. Esperei o tapa que veio depois disso.

– Rebola pra mim de novo, que eu vou te comer – sussurrou ele. Então, em uma estocada, Gannon mergulhou em mim, e senti seu hálito no meu pescoço. – A boceta mais apertadinha que eu já comi. – Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. – Essa bunda gostosa gosta de me provocar – falou, enquanto começava a se movimentar dentro de mim.

Agarrou os meus ombros e apertou quase ao ponto da dor, enquanto continuava com as estocadas, cada vez mais fortes. Eu queria gritar para ele parar, mas, em vez disso, comecei a implorar por mais.

– Se doer, quero ver suas lágrimas.

A voz sombria dele tornou a cena mais erótica, e eu gritei com a proximidade do orgasmo.

– Vou gozar – avisei, arfando, sabendo que as únicas lágrimas que ele veria seriam as de puro prazer.

– Então goze. Agora!

E eu gozei.

Meu corpo estremeceu e as mãos dele se enroscaram ao redor do meu pescoço. Gannon o apertou até eu sentir a cabeça leve e meu prazer atingir novos patamares. Eu não sabia se sobreviveria àquilo. Era mais do que um ser humano podia suportar, eu tinha certeza. A má notícia era que aquilo era um sonho, e eu acordaria sem ter vivido absolutamente nada.

As lágrimas vieram pouco antes de ele me puxar ainda mais para si. Gannon sussurrou palavras doces, mas eu estava cansada demais para compreendê-las.



Las Vegas era sempre a mesma toda vez que eu ia até lá.

Sim, eu estava em Las Vegas. Não me julgue.

Eu também não dissera a verdade a Rush. Sempre que saía da cidade, eu dizia a ele aonde estava indo. Dessa vez não queria explicar que ia atrás de um cara que estava assombrando meus sonhos, um cara que tinha ficado em Las Vegas com a namorada grávida. É... eu não ia contar isso a meu irmão.

Eu não precisava que ninguém me dissesse que aquela era uma má ideia. Eu sabia disso, mas queria colocar um ponto final naquela história. Naquela manhã, eu havia acordado com uma mancha roxa no ombro esquerdo e a vagina muito sensível. Um sonho não causava isso, então eu só podia estar ficando louca. Era a única explicação. Aquele homem estava me fazendo perder a cabeça.

Eu precisava encontrá-lo. Precisava superar aquilo e seguir em frente. Acabar com aqueles sonhos loucos que aparentemente estavam fazendo com que batesse em mim mesma durante o sono.

Então agora meu irmão mais velho achava que eu tinha ido passar umas semanas em Barcelona com algumas amigas. Isso era verossímil. Eu adorava a Espanha. Ele nem sequer me questionou. Só pediu que eu mantivesse contato para ele saber que eu estava bem.

Meu objetivo era encontrar Gannon, colocar um fim naquela história e desaparecer de Las Vegas. Quanto mais tempo eu ficasse ali, mais difícil seria. Tudo me fazia lembrar dele. Não eram lembranças ruins. Eram boas. Coisas que eu queria e que não podia ter. Bem, talvez pudesse, mas o fato de ele ter uma namorada grávida meio que diminuía as chances. Por outro lado, ele evidentemente não a amava, e as pessoas cometem erros.

Balançando a cabeça para afastar pensamentos desse tipo, terminei de tirar as roupas da mala e fui até o frigobar para pegar uma garrafa d'água. Viajar de avião sempre me deixava desidratada. Ia beber meio litro enquanto relaxava no sofá, planejando meu passo seguinte. Porque agora que estava ali, eu não sabia direito como poderia encontrá-lo.

Ficar no Bellagio era meu único plano até agora. Porém, Gannon não morava ali. Logo, ele podia muito bem ter voltado para casa, onde quer que fosse, e talvez eu nem sequer o encontrasse.

Então, minha primeira ideia foi ir a todos os shows com dançarinas no Bellagio e no Caesars, até encontrar a garota. Isso pareceu uma ideia maluca, mas de que outro jeito eu poderia encontrá-la? E ela era a minha única chance de achá-lo. Eu sabia que ela morava e trabalhava em Las Vegas. Isso me deu a esperança de que Gannon passasse muito tempo na cidade, já que tinha engravidado uma dançarina dali. A construtora dele construía cassinos, afinal. Isso explicava a presença dele na cidade o tempo todo.

Isso era loucura. Eu estava louca. Por outro lado, tinha sido por aquilo que fui a Las Vegas.



Pensei em ir à Hyde, que era onde tínhamos nos conhecido. Mas ele disse que não gostava muito de boates, que só tinha ido lá naquela noite, então seria difícil encontrá-lo lá novamente. Ir atrás da mulher era a melhor ideia. O que eu perguntaria a ela quando estivéssemos frente a frente eu ainda não sabia.

O minivestido preto que eu usava atraía atenção para as minhas pernas, e eu sempre gostei da forma como minha pele clara e meu cabelo ruivo contrastavam com a cor escura. Eu estava confiante e preparada para o que ia fazer. Haveria um show às sete da noite no Bellagio, e eu iria assistir. Tinha reservado um lugar na primeira fileira, para poder ver os rostos claramente, e estava muito nervosa, mas também bastante preparada. Havia chegado até ali. Precisava acabar com aquilo.

No entanto, meu planejamento e minha estratégia não serviram para nada. Quando saí do elevador, lá estava ele, olhando para mim. Quase como se estivesse esperando me encontrar. A perplexidade que eu sabia que estava evidente no meu rosto não existia no dele. Era como se Gannon estivesse me esperando.

– Nan – falou, com um sorrisinho erguendo os cantos de seus lábios.

Ele estava satisfeito em me ver, mas havia uma sensação de perigo naquele olhar que eu

conhecia dos meus sonhos.

Meu coração retomou o ritmo.

– Gannon – respondi, quase sem saber se estava imaginando aquilo e se a minha loucura havia acabado de atingir um novo nível.

– Que bom que você voltou.

O sorriso satisfeito dele era quase uma expressão de orgulho agora. Maldito.

– Não foi por você – disparei, no tom mais arrogante que consegui.

Isso o fez rir, um som intenso e grave que provocou vibrações por todo o meu corpo.

– Ainda assim, fico feliz por você ter voltado – acrescentou.

Ah. Bem. Ah. Fiquei sem saber o que dizer. O problema de ele estar bem ali, tão fácil de encontrar, era que eu não havia preparado o que ia dizer.

– Você tem uma namorada, e ela está grávida – foram as palavras que saíram dos meus lábios.

Eu não podia confiar na minha boca. Ela sempre dizia exatamente o que eu estava pensando, sem filtrar nada, e isso não havia me ajudado muito na vida. Eu tinha feito muitos inimigos. Na verdade, não era justo que as pessoas não me perdoassem por dizer as coisas sem pensar. Ao menos elas nunca precisavam imaginar o que se passava pela minha cabeça. As pessoas simplesmente mentiam muito. Em geral não compartilhavam seus sentimentos e engoliam coisas que acabavam lhes deixando amarguradas.

Ele fez uma expressão que parecia ser de remorso.

– Ela não é minha namorada. Nunca foi. Só ficamos juntos uma vez. Nós nos conhecemos através de amigos em comum, e então, uma noite, depois de muitos drinques, fomos para a cama. Ela não estava tomando pílula, e a camisinha estourou. Na semana passada, ela perdeu o bebê.

Eu não soube o que dizer.

– Posso levar você para jantar? – perguntou ele, e acrescentou, sem esperar a resposta: – Ou você já tinha outros planos?

Eu estava assimilando o fato de que ele não tinha uma namorada ou um bebê a caminho. Assenti.

– Eu adoraria.

Ele sorriu novamente.

– Então você estava toda arrumada por nada?

Olhei para mim mesma, lembrando que, na verdade, eu estava indo a um show de dança na esperança de encontrar a mãe do bebê dele. Mas eu não ia admitir isso.

– Hã... é, acho que sim.

Ele estendeu o braço para mim, e eu o aceitei.

– Ótimo. Eu detestaria fazer você cancelar seus planos. Mas faria se achasse necessário.

A firmeza e o poder no tom de voz dele deveriam ter me deixado irritada. Ele era muito mandão e confiante. Mas, em vez de me irritar, aquilo me excitava. Eu estava louca.

◆ ◆ ◆

A mesa de canto, nos fundos, tinha o formato de U e ficava escondida do restante do restaurante movimentado. Quando entramos, a recepcionista nem sequer perguntou a Gannon quantas pessoas seriam ou onde ele gostaria de se sentar. Olhou para ele como se o conhecesse e sorriu, então pegou dois cardápios e nos levou até a mesa. Ele devia morar em Las Vegas durante parte do ano. Eram perguntas que eu não havia feito antes. Coisas que eu queria saber.

– Você vem sempre aqui? – perguntei quando a recepcionista se afastou, assegurando que nosso garçom, Greg, logo nos atenderia.

Ele deu de ombros.

– De vez em quando.

Gannon não era de se abrir muito. Eu queria saber mais a respeito do homem que aparecia nos meus sonhos e que tinha bagunçado minha cabeça a tal ponto que eu não queria mais saber de nenhum outro.

– Você mora em Las Vegas? Ou perto daqui? – perguntei, precisando saber mais.

– Não – foi tudo o que ele disse.

Senti vontade de rosnar de frustração. Pessoas normais continuariam a resposta dizendo onde moravam.

– Então onde você mora? – insisti.

– Vários lugares. Depende do meu trabalho no momento.

Ele estava brincando comigo? Era um teste para me fazer ter um chilique? Suspirando, derrotada, eu me inclinei para trás e cruzei os braços.

– Certo. Você não quer me contar nada a seu respeito. Então vou só ficar aqui quietinha e deixar você em paz.

A mão grande e forte dele imediatamente foi parar na minha coxa, segurando com um toque firme, quase doloroso.

Prendi a respiração, sem saber que gatilho eu havia acionado, mas esperando para ver se havia sido algum de cunho sexual ou de raiva mesmo, que faria com que ele me enchesse de porrada e depois me atirasse em uma vala ao lado da estrada. Com aquele homem, não havia como ter certeza. Caramba, eu não sabia nem onde ele morava.

– Não seja insolente com essa boca maravilhosa.

A voz dele estava permeada por alerta e desejo.

Eu devia ter respondido com mais insolência ainda, mas não sabia se era seguro fazer isso. E, de um jeito estranho, eu queria agradá-lo. Então assenti e respondi:

– Sim, senhor.

Antes de eu ficar com nojo de mim mesma por aquela resposta submissa, ele começou a acariciar a coxa que provavelmente havia deixado roxa.

– Assim é melhor – sussurrou, inclinando-se para a frente e capturando minha boca em um beijo, bem ali na frente de todo mundo.

Bem, nós estávamos meio escondidos, mas Greg, o garçom, poderia aparecer a qualquer momento para testemunhar nossos amassos.

Ele interrompeu o beijo tão rápido quanto começou e se recostou, com a mão ainda na minha coxa, como se fosse meu dono e quisesse me lembrar disso.

Um cara alto e magro com cabelo ruivo e rosto muito sardento apareceu. Devia ser Greg. As faces dele pareciam ruborizadas, e eu me perguntei se ele havia aparecido segundos antes, quando meus lábios e os de Gannon estavam apaixonadamente colados. Como ele não me olhou nos olhos, imaginei que sim. Esperava que sim, aliás, porque, se não fosse esse o caso, seria uma pena a pele dele ser sempre tão vermelha. Ele já tinha todas aquelas sardas e aquele cabelo horroroso. Um bom cabeleireiro poderia dar um jeito naquilo com uma cor mais castanho-avermelhada que pelo menos tornaria as sardas menos evidentes.

– Boa noite. Meu nome é Greg e eu vou atender vocês esta noite. O que desejam beber? – perguntou ele, parecendo nervoso.

– Uma garrafa de Chave Hermitage 1990 – disse Gannon, como se tivesse certeza de que o lugar teria um vinho francês tão desconhecido nos Estados Unidos.

Por acaso, também era meu vinho tinto preferido.

Enquanto Greg enchia nossos copos com água, eu olhava fixamente para Gannon, tentando entender se tinha sido uma piada.

– Sim, senhor – respondeu Greg, e se afastou.

– Você acabou de pedir uma garrafa de Hermitage em um restaurante de cassino? – falei.

Talvez eu tivesse escutado mal.

Gannon olhou para mim e deu um sorrisinho.

– Sim.

Claro que isso era tudo o que ele tinha para dizer.

– É meu vinho tinto preferido, mas não é tão fácil de encontrar nos Estados Unidos, principalmente em um restaurante como este. É um Hermitage *vintage*.

Gannon pareceu irritado e apertou minha coxa com força de novo.

Quando ele fazia isso, eu sabia que havia cruzado a linha invisível que ele mantinha entre nós. Era algo que deveria me incomodar, mas não incomodava. Eu gostava da ideia da linha me desafiando a cruzá-la.

– Eu não preciso de uma aula sobre vinhos. Sei o que pedi. Maldita mulher exigente – acrescentou ele, com um suspiro exasperado.

– Você acabou de me chamar de exigente? – perguntei, endireitando a postura e lançando um olhar furioso para Gannon, que definitivamente estava ultrapassando a *minha* linha invisível.

Ele se virou para mim depois de beber um gole de água e quase riu.

– Sim, querida, acabei. Você é a mulher mais exigente que eu já conheci.

Aquilo não pareceu nem um pouco bom. Mas talvez ele estivesse certo. Eu era mesmo terrivelmente exigente. Ainda assim, foi rude da parte dele dizer isso.

– Que coisa mais grosseira – falei.

– Assim como você, minha querida.

Eu havia aberto a boca para dizer algo incrivelmente insolente quando o garçom apareceu com o vinho. Fiquei animadíssima ao ver que eles tinham aquele rótulo. Achava difícil acreditar que Gannon tivesse escolhido meu vinho preferido por acaso. Não era um chute fácil.

– Como você sabia que esse era o meu vinho preferido? – perguntei.

– Porque eu me importo com você – disse ele, e então começou a pedir a entrada, sem me

consultar.

Fiquei aliviada em ver que era tartare de atum, então não reclamei. Mas uma parte de mim queria reclamar. Só por reclamar.

Entre ironias e amenidades, descobri muito pouco sobre Gannon. Ele, porém, ficou sabendo que eu morava em Rosemary Beach, que era filha da lenda do rock Kiro Manning, que tinha dois irmãos por parte de pai, com os quais não tinha muito contato, um irmão por parte de mãe, de quem era muito próxima, e um sobrinho que adorava.

De alguma maneira, ele havia conseguido me manter falando ao mesmo tempo que se esquivava de todas as minhas perguntas. Sujeito teimoso.

Major

Aquela era provavelmente a coisa mais burra que eu faria na vida, mas estava bêbado e furioso. Não iria caminhar até o México. De jeito nenhum. Quem em sã consciência poderia achar que eu era tão burro? Que se danasse aquilo tudo. Eu iria aonde quisesse. Logo depois de deixar um bilhete para Nan.

Tropecei nos degraus da entrada da casa dela e abri a porta usando o código que eu conhecia de cor, depois desarme o alarme. Antes de entrar, olhei para as roupas pretas e para o meu equipamento de arrombamento e sorri. Eu havia pensado naquela porcaria. Enquanto tomava oito doses de tequila.

Coloquei o bilhete bem ali, em cima do balcão da cozinha. Era simples e nem um pouco sofisticado como aqueles envelopes coloridos que Cope havia me mandado dar a ela. O meu não teria nenhum soneto de amor ou o que quer que houvesse nos dele. Não... esse teria a verdade. O que Nan precisava saber.

Porque era claro que ela era inocente. Nan era superficial e envolvida demais com outras coisas, como a próxima viagem a Paris, para se relacionar com um criminoso. Não fazia o estilo dela. Se Cope não tinha percebido isso ainda, ele não era tão incrível como todo mundo pensava.

A questão era que eu não achava que ele realmente acreditasse que Nan tivesse alguma culpa no cartório. Nos últimos dois meses, ele a observava enquanto ela comia, dormia, via TV, tomava banho. Cope *sabia* que ela era inocente. Por que estava determinado a demonstrar o contrário, eu não sabia. Mas ela precisava ser avisada disso.

Olhei ao redor da casa dela uma última vez e senti uma pontada de tristeza. Eu ia sentir falta de Nan. Falta das vezes que nos divertimos, antes de tudo dar errado. Talvez ela pudesse ter sido a garota certa para mim. Talvez, se eu a tivesse amado quando ela queria, ela pudesse ter mudado a minha vida. Mas isso não havia acontecido, e agora ela estava fora do meu alcance.

Eu devia aquilo a ela. Nan tinha que saber a verdade. O que eles estavam fazendo era errado. Ela era especial. Havia sido mal compreendida a vida toda, e aquela era só mais uma crueldade que ela teria que superar. Jamais iria me perdoar, e contar tudo a ela só faria com que ela me odiasse ainda mais.

Mas Nan tinha sido muito importante para mim, e eu queria que ela soubesse. Provavelmente, dali a muitos anos, eu me lembraria dela como a garota que havia deixado escapar e me perguntaria como teria sido se houvéssemos ficado juntos. Agora estava tudo acabado. Tudo.

Estava na hora de eu me tranquilizar.

Meu corpo estava maravilhosamente exausto quando me espreguicei na manhã seguinte. O sol entrava na minha suíte, e havia braços fortes ao meu redor, me puxando junto a um peito largo que fazia com que me sentisse segura. Depois da nossa deliciosa refeição e de duas garrafas de vinho, Gannon e eu tínhamos voltado para o quarto e feito sexo selvagem durante horas.

Eu nunca havia realmente transado por duas horas seguidas, e não achava que fosse possível. E não estava sequer contando as preliminares. Perdi a conta dos orgasmos que tive. Gannon era ainda melhor do que nos meus sonhos.

Toquei na minha bochecha. O tapa que ele tinha me dado me assustou, porque eu achava que aquilo só acontecia nos meus sonhos. Pelo visto, eu tinha me enganado. Não estava sentindo nenhuma dor, então soube que não havia ficado marca. Toquei no meu ombro e ele ainda estava sensível do apertão que Gannon me dera no meu sonho real demais. Ele não tinha feito nenhum comentário sobre o hematoma, mas, também, nós tínhamos outras preocupações em mente.

– Você está tomando pílula – disse ele.

Foi mais uma afirmação do que uma pergunta, mas ainda assim eu assenti. Nem parecia que ele estivesse dormindo. A voz tinha o mesmo tom sombrio, grave e suave de sempre.

– Eu não tenho doença nenhuma – acrescentou. – Meus exames estão em dia e, desde a última vez que fiz, não estive com outra mulher.

Nós havíamos nos empolgado na noite anterior, e a camisinha tinha estourado. Nenhum de nós pareceu se importar. Ele apenas tirou-a do caminho, jogou fora e nós continuamos o que estávamos fazendo. De manhã, o que tinha acontecido nem havia me passado mais pela cabeça. Eu confiava em Gannon. Provavelmente era uma burrice, mas eu não podia evitar. Eu apenas confiava nele.

– Eu também faço exames sempre – assegurei a ele. – Mas eu nunca tinha transado sem camisinha. Até ontem.

Ele apertou o braço ao meu redor.

– Ótimo. Não quero transar com nada entre a gente.

Meu coração deu um pulo, e eu passei os braços ao redor dele, sorrindo. Eu estava feliz. Completamente extasiada. Nunca havia me sentido assim. Eu sabia que Gannon me queria. Que iria me proteger. Eu tinha me apaixonado por aquele homem louco, brilhante e sexy. Não era a minha intenção. Eu nunca havia me permitido amar alguém de verdade, mas agora isso mudara. Eu tinha aberto o coração para Gannon porque confiava nele.

Eu não sabia ao certo se ele seria capaz de me amar também, mas aproveitaria o que tivesse

para me oferecer. Até ele ir embora. Fechando bem os olhos, tentei manter aquele pensamento triste distante. Eu estava feliz e iria aproveitar aquilo. Cada momento que eu tivesse.

– Quer correr depois do café da manhã? – perguntou ele perto do meu ouvido, e eu estremei com o hálito quente dele.

– Quero.

Se ele ia correr, eu queria estar junto.

– Conheço um lugar legal. É onde eu corro quando estou na cidade.

Sorrindo, me aninhei mais perto dele.

– Se continuar esfregando essa bunda gostosa em mim, vou te comer antes do café da manhã. Eu ia dar um descanso para essa boceta apertadinha, mas você está pedindo pra ser comida.

O jeito safado como ele falava me fazia ser insaciável. Gannon tinha razão – eu estava dolorida –, mas quando falava comigo daquele jeito, nada mais importava. Eu queria mais. Então fiz o que qualquer mulher na minha situação faria. Esfreguei a bunda nele.

Ele me colocou de bruços com a bunda empinada e apertou a minha cintura com as duas mãos antes que eu conseguisse dar mais uma respiração completa. Enfiou dois travesseiros embaixo da minha barriga e então deu um tapa forte na minha nádega esquerda.

– Você quer que eu te coma, então vou te comer.

Ele foi bruto, mas não tanto quanto na noite anterior. O fato de ter colocado travesseiros embaixo da minha barriga, tentando me deixar mais confortável, e a maneira como deslizou devagar para dentro de mim, em vez de entrar com força, mexeram com o meu coração. Gannon se importava. Estava cuidando de mim. Mesmo falando aquelas coisas safadas e tendo aquela atitude ameaçadora, ele não queria me machucar.

Isso em si foi o suficiente para me fazer chegar rapidamente ao primeiro orgasmo. A maneira suave como ele passou as mãos pelas minhas costas e agarrou a minha bunda foi o que bastou para me levar ao segundo. Eu ia morrer de tanto gozar com aquele homem, mas eu não me importava. Era um bom jeito de morrer.



O Red Rock Canyon era de tirar o fôlego. Eu gostava da minha corrida na orla todas as manhãs quando estava em Rosemary Beach, mas aquilo era diferente. Era uma trilha de cânions, picos e saliências. Eu queria assimilar tudo aquilo, mas também queria assimilar como o corpo de Gannon ficava quando ele corria. Sobre tudo suas pernas musculosas naquele short. Aquilo me distraía demais das belezas da natureza.

Não conversamos muito durante a corrida, o que foi bom. Eu não queria correr e falar ao mesmo tempo. Minha mente vagava quando eu me exercitava, e era quase como se eu ficasse sozinha com meus pensamentos. Mas ali eu não estava sozinha, é claro, porque a presença de Gannon ficava sempre atraindo meu olhar.

Infelizmente, ele não havia olhado na minha direção uma vez sequer, e eu tinha colocado o short justo e o top que ele havia mencionado no meu sonho. Pelo jeito o Gannon da vida real não sentia vontade de fazer sexo selvagem ao me ver com aquela roupa. Maldita fantasia.

Quando diminuímos o ritmo, mais perto do final da trilha, fomos ultrapassados por pessoas fazendo caminhada. Em casa eu estava acostumada a correr no plano, mesmo quando corria na areia, e era mais fácil do que correr naquele tipo de terreno. Minha respiração estava ofegante e o suor escorria pelas minhas costas. Passei o braço na testa para secar um pouco o suor e dei um suspiro de alívio quando chegamos de volta ao ponto onde havíamos começado.

Gannon foi até o carro e pegou nossas garrafas d'água e toalhas de mão, e me estendeu uma de cada. Terminei de secar o suor e bebi a água toda. Só então me senti pronta para me mover novamente.

Fomos embora e seguimos até o lugar aonde ele havia me levado pela primeira vez para tomar café, na Velha Las Vegas. Adorei as opções saudáveis e aproveitei a refeição ao máximo, enquanto ele me fazia mais perguntas sobre a minha vida. Eu havia desistido de tentar saber coisas sobre ele e, então decidi que ele me contaria o que quisesse quando estivesse pronto.

De alguma forma, o assunto levou a um fracassado com quem eu saí por um tempo em Paris, na primavera. O cara se chamava Franco alguma coisa, eu não conseguia lembrar o sobrenome. Ele me irritava, mas era bonito e tinha muito dinheiro. Sem falar nas pessoas que conhecia. Eu gostava dessas conexões e dos lugares aonde ele me levava por conta de sua influência. No fim das contas, porém, ele me dava calafrios, e eu acabei descobrindo coisas a respeito dele que despertaram meu alerta, então o deixei em Paris e voltei para casa.

Quando acabei de falar sobre aquele episódio na Cretinolândia, ergui o olhar das minhas torradas com clara de ovo e vi que a atenção de Gannon estava totalmente focada em mim. Eu não sabia ao certo por que ele parecia tão sério, como se estivesse tentando entender o que havia por trás das minhas palavras. Eu só tinha respondido às perguntas dele e jogado conversa fora.

– Por acaso você está me julgando por ter dado um pé na bunda dele? Você nunca percebeu que uma mulher era uma perda de tempo e pulou fora? – perguntei com um sorriso que esperava que fosse tranquilizá-lo. – Não se sinta mal pelo Franco. Ele não estava apaixonado nem nada. Foi um casinho rápido, só isso. Um erro meu, porque acho que o sujeito estava envolvido com umas coisas bem graves. Quando comecei a perceber isso, voltei para casa.

Gannon tirou o guardanapo do colo, colocou-o em cima da mesa e deixou junto uma nota de cem dólares.

– Vamos lá – falou em um tom autoritário que não deixava espaço para discussão.
Então obedeci.



A porta da minha suíte bateu no instante em que eu a atravesssei, e eu me virei, assustada.

– Tire a roupa. Agora!

Gannon disse isso enquanto arrancava a própria camiseta e começava a desamarrar o cadarço do short.

Eu gostava da expressão de sexo raivoso de Gannon, e ela estava no rosto dele agora. Suas pupilas ficavam dilatadas e a escuridão em seus olhos era sufocante. Eu me abaixei para

desamarrar os tênis e, antes que conseguisse tirar o primeiro, ele me agarrou e me empurrou na direção da parede.

– Você me leva à loucura quando usa essas roupas. Os homens na rua comem você com os olhos, mas eu sou o único que vem para o quarto. Só que você me fez esperar por isso. Eu não gosto de esperar, porra.

A violência no tom de voz dele me fez arfar de ansiedade. A boca de Gannon capturou a minha em um beijo, e eu envolvi o pescoço dele com os braços enquanto inspirava seu cheiro e sentia seu sabor. Eu adorava tudo nele. A maneira como me tratava, a forma como olhava para mim, como me fazia rir, como prestava atenção a tudo o que eu dizia, o jeito como fazia com que eu me sentisse segura.

Gannon afastou a boca da minha e arrancou o top por cima da minha cabeça, jogando-o para o lado antes de abaixar a cabeça e começar a chupar meus peitos. Eu adorava o cabelo dele, adorava afundar as mãos nos fios. Adorei o calor e a umidade ao redor dos meus mamilos, assim como as mordidinhas que ele dava na minha pele macia. Eu já estava com várias marcas das mordidas dele nos seios e na barriga, mas eu gostava delas. Elas me davam a sensação de que pertencia a ele de verdade.

Gannon puxou meu short junto com minha calcinha até meus calcanhares e me virou.

– Mãos na parede – rosnou.

Fiz o que ele mandou e no instante seguinte Gannon estava dentro de mim, me preenchendo até eu gritar com a invasão.

– Aguenta, Nan. Aguenta como uma boa menina – sussurrou ele no meu ouvido, depois me levou até o céu e me largou lá de cima.

Eu aguentaria qualquer coisa que ele quisesse. Quando ele ficava daquele jeito, me levava à loucura que eu tanto queria. Eu jamais acreditaria que um homem um dia fosse me deixar com tesão agindo da forma como Gannon agia. Havia uma instabilidade nele que não era segura. No entanto, eu nunca me sentia tão segura como quando estava nos braços dele. Mesmo quando Gannon me machucava, ele me amava também. Nada jamais chegaria à altura daquilo. Nunca.

– É isso que você quer, não é? – disse ele, puxando meu cabelo e fazendo meu pescoço arquear para trás. – É isso que você quer. É disso que precisa.

– Isso, é isso.

Aquilo era, definitivamente, do que eu precisava. O que eu queria.

– Só eu – gemeu ele no meu ouvido. – Você só quer transar comigo. Ninguém mais pode dar isso a você.

Mais uma vez, ele estava completamente certo. Eu só queria aquilo dele.

– Diga! – exclamou ele, puxando minha cabeça com força para trás. – Me diga.

Deixei que ele puxasse com força suficiente para meus olhos lacrimejarem, e então sorri.

– Só você! – gritei, antes de gozar.



São aqueles momentos pouco antes de acordar que nos fazem saber que alguma coisa está

errada. Que as coisas não estão exatamente nos eixos. O sono profundo e revigorante se vai e o desconforto se instala ao nosso redor. Sentimos vontade de voltar para debaixo das cobertas, para a segurança do sono, mas precisamos abrir os olhos e encarar a verdade. Qualquer que seja, precisamos aceitá-la. Eu odiava esses momentos. Eles eram reais demais na minha vida, mas eu sabia que, dessa vez, eu não voltaria a ser a mesma. Aquilo me mudaria. Mudaria a minha vida e eu nunca poderia voltar a ser como era. Então fiquei deitada ali, de olhos fechados, sentindo o frio ao meu redor. Deixando a realidade penetrar na minha pele e me preparar para o que estava por vir.

Porque, quando eu abrisse os olhos, eu sabia – simplesmente sabia – que ele não estaria mais ali. Eu senti isso. De alguma forma eu soube, quando ele deixou de me comer para fazer amor comigo, como se não conseguisse entrar em mim o suficiente. Como se ele quisesse viver dentro de mim, embaixo da minha pele. Eu sabia que aquilo era diferente. A força que eu tinha visto nele havia falhado, e ele estava demonstrando uma fraqueza.

Eu não deveria ter cedido à exaustão e caído no sono nos braços dele. Devia ter ficado acordada e o encarado, confrontado. Mas eu havia sido tola e esperado que meu instinto estivesse errado. Que ele não estivesse me dizendo adeus.

Abri os olhos devagar no quarto agora iluminado pelo sol do fim de tarde, e ele estava vazio. Eu poderia pular da cama e procurar freneticamente por um bilhete ou ficar esperando que ele voltasse, mas nenhuma dessas coisas iria acontecer. Gannon havia partido sem deixar bilhete algum. Isso não fazia o estilo dele. Ele não tinha apego a nada. Apenas ia embora quando chegava a hora.

Para ele, a hora havia chegado. Eu vi isso nos olhos dele e na maneira como parecia tentar guardar cada traço meu na memória. Meu coração havia tentado me preparar, e eu o tinha ignorado. Agora, enfrentaria as consequências.

Eu amava um homem que jamais me amaria. Eu não era suficiente para ele, ou ele teria ficado. Ir atrás de Gannon era inútil. Ele não queria ser encontrado. Havia me dado o que eu tinha ido procurar: um ponto final para a história.

Eu tivera meu ponto final, e ele, o dele.

Seria difícil encontrar uma maneira de seguir em frente agora. Eu talvez jamais conseguisse fazer isso. Não iria atrás dele, mas passaria um tempo de luto. Como se ele tivesse morrido. Meu coração ficaria frágil, e eu abraçaria a dor e a tristeza. Até conhecer Gannon, eu nunca havia sido realmente feliz. Ninguém jamais havia feito com que eu me sentisse completa ou como se pertencesse a algum lugar. Nos braços dele, eu encontrei um lar que não era realmente meu, portanto eu não podia tê-lo.

Sentei na cama e fiquei olhando para as fontes lá fora, lembrando da visão delas enquanto ele me fazia gozar na noite anterior. Era uma imagem que eu guardaria na memória para sempre. Era a minha garantia de que ele havia sido real e que fora meu, ainda que por muito pouco tempo.

Fui até o banheiro e peguei na nécessaire a pequena embalagem de plástico em que eu guardava minhas pílulas anticoncepcionais. No dia anterior eu não tinha me lembrado de tomar, ou havia esquecido de propósito. Estava começando a acreditar na segunda alternativa. Agora,

decidi “esquecer” de novo. Soltei levemente a embalagem na lata de lixo prateada, deixando as pílulas ali para serem esquecidas para sempre.

Aquilo não era certo, mas era tudo o que me restava. Uma chance de ter um pedaço dele comigo para sempre. Eu nunca mais amaria outro homem como o amava. Ninguém mais se encaixaria em mim com tanta perfeição. Então eu estava fazendo o que muita gente acharia errado, baixo, traiçoeiro ou cruel. Eu não me importava. Queria um filho. Um filho dele. Se tivesse sorte suficiente para ter engravidado de Gannon, eu daria ao bebê o amor que nunca tive.

O mundo que se danasse. Era uma escolha minha. Nosso filho seria mais amado do que qualquer criança. Não havia nada de errado em ter isso.

Se havia, eu não me importava.

Cope

Ela havia saído do hotel fazia mais de duas horas, mas o quarto ainda tinha o perfume dela. Fiquei olhando fixamente para a cama, lembrando de como ela ficava quando dormia, da sensação dela aninhada nos meus braços. Era dessa forma que aquilo deveria terminar.

Eu tinha conseguido as informações, e sabia que eram verdadeiras. Nan havia me contado tudo o que sabia. Estava na hora de seguir em frente. Franco Livingston não tinha tentado entrar em contato com ela, nem ela com ele, nos meses que passamos vigiando todos os passos dela. Nan não sabia que tinha se envolvido com um chefão do crime. Ela estava limpa.

O que eu não esperava era aquela dor no meu peito. Ou talvez esperasse. Nan havia se tornado parte de mim antes mesmo de eu tocá-la pela primeira vez. Ao começar minha vigilância, fui lentamente passando a gostar da mulher linda e solitária, mas também tão durona. Tinha começado a adorar as pequenas coisas que ninguém via.

Me afastar dela foi como arrancar uma parte do meu próprio corpo, mas era necessário. Não havia lugar para uma mulher na minha vida. Sobretudo uma mulher como Nan. Alguém que precisava ser amado de verdade.

Eu não era um homem inteiro. Eu era um cretino maluco com um lado sombrio que não devia entrar em contato com a delicadeza de uma mulher como ela. No entanto, eu havia feito isso. Nan abraçara o mal que escorria da minha alma como se quisesse se aproximar da escuridão. Ninguém jamais havia se aberto para mim daquele jeito, com tanta confiança e tanto desejo. Ela tinha vindo até mim. Eu. Ela havia me escolhido.

Aquela seria a última vez que eu sentiria seu cheiro. Aquele quarto guardaria as últimas lembranças que eu teria dela. Eu queria me enroscar naquela cama e me inundar de quaisquer resquícios dela que ainda houvesse ali. Meu coração tinha voltado a bater por causa de Nan.

Peguei o travesseiro dela e inspirei fundo, sem querer soltá-lo. Se eu tivesse ficado por um instante a mais, jamais teria conseguido ir embora. Mas ela não precisava de mim. Precisava de mais do que eu podia oferecer.

Eu queria que Nan tivesse seu conto de fadas, aquele que ela havia criado em sua imaginação quando criança, no jardim secreto, em que um homem iria salvá-la e realizar os sonhos dela. Esse homem não era eu.

Um dia, ela conseguiria o que queria. Havia muita beleza em sua alma que nem ela conseguia ver. A língua ferina e o temperamento difícil não eram tudo. O homem que conseguisse ver além dessas coisas e chegasse à beleza interior receberia o presente que eu não havia me dado o direito de tocar.

Não havia restado nada dela ali que eu pudesse levar comigo. Nenhum bilhete, nenhuma

lembrança. Vasculhei o quarto atrás de qualquer coisa que ela tivesse esquecido, e então fui até a lata de lixo no banheiro e vi uma pequena embalagem redonda de plástico lá dentro. Me abaixei, enfiei a mão na lata e a peguei.

Já sabia o que havia lá dentro antes de abri-la, mas abri mesmo assim.

Fiquei vários instantes parado ali, olhando fixamente para as pílulas, antes de entender. Eu não podia ficar com raiva. Tentei me sentir violado de alguma maneira, mas não consegui.

A única coisa de que eu tinha certeza era que não estava tudo acabado. Dali a mais ou menos um mês, eu voltaria para visitar Nan. Aquele não era o fim, afinal.

Uma leveza em meu peito aliviou parte da dor, por mais tolo que isso pudesse ser, e eu enfiei as pílulas no bolso, pensando que talvez o destino mudasse o meu caminho de alguma maneira.

Nan

O voo para casa foi solitário e doloroso. Eu não iria mais voltar a Las Vegas. Eu jamais conseguiria olhar para aquela cidade da mesma maneira.

Ela guardava um pedaço do meu coração que eu não consegui trazer quando saí daquela suíte. Eu trouxe as lembranças, e a cidade ficou com algo mais.

Pelo menos a minha casa não tinha lembranças de Gannon. Lá ele só aparecia para mim em meus sonhos. Lutei contra a vontade de correr até o meu quarto e ir para a cama na esperança de que ele me visitasse. Mas, no fundo, eu sabia que isso também não aconteceria.

Meu coração havia sido destruído. Com ele, meus sonhos. Eu estava arrasada. Todos os pecados que eu tinha cometido, todas as palavras duras que eu disse, todas as minhas atitudes cruéis estavam voltando para mim. Aquele era o meu pagamento. Eu colhia o que havia plantado. Todas as pessoas que eu tinha prejudicado achariam que eu merecia toda a dor e o sofrimento que me devoravam, e elas estariam certas. Eu merecia. Aquela era a minha penitência – ou eu sobreviveria a ela ou ela me destruiria.

De qualquer maneira, eu sabia que não existia ninguém que se importasse comigo. Eu não era a filha, irmã ou amiga preferida de ninguém. As pessoas me toleravam. Era a vida que eu havia criado para mim mesma, e agora eu precisava encará-la.

Quatro semanas depois

A corrida havia tomado conta da minha vida. Eu corria todas as manhãs, para diminuir o vazio. Corria todas as tardes, para superar a solidão. E então corria à noite, esperando me perder e pôr um fim em tudo aquilo. Era assim que eu tinha conseguido suportar as últimas semanas.

Naquela manhã, porém, foi diferente. Eu havia me levantado para correr, mas em vez disso corri até o banheiro para vomitar. Surpreendentemente, me senti melhor depois, então fui pegar um suco de laranja e preparar um sanduíche de clara de ovo para comer junto com um iogurte grego. Porém, quando senti o cheiro da clara, meu estômago se revirou e eu corri de volta para o banheiro, para vomitar mais uma vez.

Fiquei ali parada na cozinha, olhando fixamente para o fogão como se ele fosse meu inimigo, apesar de estar morta de fome. Eu ainda queria o iogurte, então tapei o nariz, peguei o pote e saí apressada na direção da porta de casa. Eu queria distância daquele cheiro de ovo.

Abri a porta com tudo, dei um grito de surpresa, então fiquei paralisada, olhando para aquele rosto que eu não via fazia muito tempo. Um rosto que eu não esperava ver novamente. Não consegui pensar em um bom motivo para ele estar ali nem em como tinha descoberto onde eu morava.

Não houve alegria no reencontro. Jamais imaginei que fosse haver. O medo de que ele um dia fosse atrás de mim sempre existiu, mas eu o ignorava. Até aquele momento. Agora eu precisaria encarar aquilo. Me esconder não era uma alternativa.

– Franco?

O nome dele saiu dos meus lábios com facilidade, mas o rosto dele não era bem-vindo. Eu o havia deixado em Paris, e era lá que ele devia ter ficado. O medo começou a me invadir enquanto eu pensava em um milhão de motivos pelos quais Franco podia ter aparecido quase um ano depois de nos vermos pela última vez.

– Olá, Nan. Você parece estar... hã... mal, na verdade. Está tudo bem?

Tinha havido um tempo em que o timbre suave e sofisticado da voz dele me intrigava. Agora, eu tinha medo dele. Sabia que Franco era mais do que um rosto bonito e uma conta bancária recheada. Era perigoso. Não tinha aparecido ali porque havia sentido a minha falta.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei, desejando estar com meu celular para poder ligar para Rush.

Ele sabia de Franco e da razão para eu ter fugido dele. Havia sido um erro no meu passado que não tinha certeza se algum dia poderia superar. Por mais que eu tentasse fingir que havíamos tido apenas um romance casual, a verdade, ocultada por mim, era que eu sabia de coisas que não queria saber. Coisas que muito provavelmente poderiam me levar a ser morta.

– Senti saudade, *bella*.

Ele me tratou da mesma forma carinhosa que usava quando me levou para o mundo dele sem que eu soubesse.

– Não, Franco, não sentiu. Você ficava entediado comigo. Você mesmo chegou a dizer isso

uma vez. Então por que está aqui? – perguntei, desejando ter disfarçado a insolência na minha voz, porque aquele homem não era como os outros.

Era um louco. Um sorriso cruel curvou seus lábios e eu soube que isso significava que em seguida viria a dor. Talvez eu vomitasse nele.

– Você está sozinha. Eu estava observando você.

Ele deu um passo na minha direção e eu tive vontade de sair correndo, mas fiquei firme.

– Rush está a caminho – menti. – Vamos sair para tomar café da manhã juntos.

Franco riu e balançou a cabeça, enquanto o brilho maldoso em seus olhos me fez ter calafrios.

– Não, querida, não está. Ele está no clube tomando café com a doce família dele. Eu sempre tomo todas as precauções. Você sabe disso.

Merda, merda, merda. Eu precisava de um plano.

– O que você quer comigo? – perguntei, enfrentando meu medo, porque não tinha outra alternativa.

Franco passou o polegar pelo queixo e deu o beliscão de que eu me lembrava e que odiava.

– A mesma coisa que queria da última vez que nos vimos, *bella*. Me leve para o papaizinho querido – disse ele, naquela voz autoritária, suave e arrastada, que me dava vontade de cuspir na cara dele.

Ele queria conhecer Kiro. Queria alguma ligação com Kiro, algo relacionado a drogas, que lhe daria algum poder que eu não compreendia nem queria compreender. A única coisa que eu sabia era que Franco era o maior fornecedor de drogas para a indústria musical no Reino Unido, e isso o havia transformado em um homem rico. Agora ele queria atuar no mercado dos Estados Unidos e que meu pai fosse sua porta de entrada. Quando descobriu que eu era filha de Kiro Manning, veio atrás de mim para me seduzir antes de me mostrar as atrocidades do seu mundo. Depois que percebi como havia entrado na vida dele, era tarde demais. Fugir de Franco havia sido assustador, mas, com a ajuda de Rush, eu tinha conseguido.

– Kiro não usa mais drogas. Eu falei isso para você.

Era verdade. Ele havia largado as drogas e começado a dedicar todo o seu tempo à mulher, a mãe de Harlow, que passara a precisar de cuidados constantes depois do acidente de carro que lhe causara danos cerebrais gravíssimos anos antes.

Franco riu, atirando a cabeça para trás como se eu tivesse dito algo hilário. Esperei até a risada louca dele se silenciar.

– Estou falando sério. Ele nem está mais fazendo turnês. Você não notou?

Franco se aproximou mais de mim e eu engoli em seco, tentando não gemer.

– Estou cagando para isso. Quero que você me apresente a ele. É a única coisa que estou pedindo, Nanette.

– Não – respondi, sem pensar como ele reagiria à minha recusa.

Ele segurou meu braço e me puxou para si até meu rosto estar colado ao dele.

– Sim, você vai me apresentar a ele, ou então vou entrar com você nesta casa e cortar um dedo seu de cada vez enquanto você grita e suja esse piso caro todo de sangue. Quando você

finalmente tiver chegado ao limite, vou acabar com a sua existência ridícula com uma única bala. Bem – ele colocou o dedo médio no meio das minhas sobrancelhas – aqui.

– Saia de perto dela ou eu vou meter uma única bala na sua nuca.

A voz de Major veio do nada e, por um breve instante, eu me perguntei se aquilo tudo não passava de um sonho. O vômito, Franco, Major... A situação estava ficando mais inacreditável a cada momento.

Franco estreitou os olhos e me encarou furioso, como se aquilo fosse culpa minha. Eu estava tão confusa quanto ele. Major não deveria estar ali. Ele havia desaparecido da cidade mais de um mês antes, sem se despedir. Não que eu estivesse esperando uma despedida, já que as coisas com ele não tinham acabado bem.

Franco se mexeu e eu dei um grito ao ouvir um tiro ser disparado. Em seguida, Franco disse um palavrão e se virou de costas para mim na direção de Major.

Major

A arma de Franco caiu no chão quando ele agarrou sua mão que sangrava. Eu era um ótimo atirador. Se não fosse, jamais teria disparado tão perto de Nan. Saber que ele estava prestes a encostar uma arma nela tinha sido o único sinal de que eu precisava para agir. Eu não ia esperar um momento melhor. O idiota arrogante havia ido até a casa dela sozinho.

Péssima jogada, Franco. Péssima jogada. Eu podia ter sido designado para outro trabalho por DeCarlo, mas não ia desistir tão fácil. Eu havia recebido uma pista sobre Franco assim que ele entrou nos Estados Unidos, e sabia que ele procuraria Nan. Então esperei.

Franco empurrou Nan para trás com uma das mãos, com força suficiente para derrubá-la. Isso me deixou extremamente irritado. Ela não havia feito nada para aquele cretino insensível. Então, quando ele se virou para mim, mirei no ombro dele. Eu não queria apenas matá-lo. Queria que ele sangrasse devagar até morrer com os vários buracos de bala que eu faria nele. O sujeito havia estuprado meninas e depois as vendera a quem oferecesse mais dinheiro. Franco merecia uma morte dolorosa pelo que havia feito.

– Que porra é essa? – rugiu ele ao me encarar.

Não respondi. Dei outro tiro, agora no ombro direito de Franco, que gritou outro palavrão enquanto caía sentado com o impacto.

– AH, MEU DEUS! – berrou Nan, afastando-se para trás.

Olhei na direção dela por um segundo e acenei com a cabeça para tranquilizá-la, antes de voltar a atenção novamente para o homem caído no chão. Ele tentaria pegar o celular para pedir ajuda, e eu precisava impedi-lo. Ninguém apareceria para ajudar Franco. Não naquele dia.

Indo devagar em direção a ele, eu o vi segurar o ombro ferido com a mão sangrando, se contorcendo de dor. Era uma visão divertida. Eu nunca havia pensado em mim como um homem cruel e duro, mas diante de alguém que merecia morrer, percebi que eu gostava de administrar a punição.

Capitão tinha razão ao achar que eu havia nascido para aquilo.

– Você está bem, Nan? – perguntei, mantendo os olhos fixos em Franco.

– Estou – respondeu ela, parecendo bastante ansiosa. – O que você está fazendo?

– Tentando não matar esse filho da mãe até virem buscá-lo – respondi calmamente.

Franco me encarou com um misto de dor e ódio nos olhos.

– Mas vou matá-lo se ele se meter a besta – acrescentei.

– Até quem vir buscá-lo? A polícia? Ele é um chefe do tráfico, Major. Muito, muito perigoso. Você não sabe no que acabou de se meter.

Então ela sabia. Interessante. Nan sabia a respeito de Franco, mas havia enganado a Cope e a

mim. Eu precisava reconhecer que ela era uma ótima atriz. Nunca imaginaria que ela fazia alguma ideia de quem Franco realmente era.

– Você nos enganou, Nan. Parabéns – falei, com toda a sinceridade. – Agora, pegue seu celular e ligue para Cope, querida. Conte a ele exatamente o que acabou de acontecer.

– Quem? – perguntou ela, franzindo a testa, e eu me dei conta do meu erro.

– Desculpe. Gannon. Ligue para Gannon – falei. – Ele ainda está com o número que você tem. Aposto o que você quiser nisso.

Nan não se mexeu. Senti os olhos dela cravados em mim e me perguntei por que ela ainda não sabia de tudo aquilo. Eu havia deixado o maldito bilhete. Por que ela estava tão confusa?

– As câmeras, Nan. O bilhete que eu deixei para você. Sobre Cope. Quer dizer, Gannon. Ah, merda, Nan, só ligue para ele. Se esse filho da mãe se mexer, vou ter que atirar nele de novo, e prefiro que ele não sangre até a morte antes de Cope chegar aqui.

Franco se mexeu um pouco, então mirei no joelho dele e atirei, só porque queria ouvi-lo gritar. Nan também gritou. A casa dela era distante o suficiente dos vizinhos para que ninguém ouvisse os tiros, e ainda havia o som do mar, mas eu não sabia por quanto tempo ninguém perceberia a comoção.

Nan levantou em um pulo e correu para pegar o telefone e ligar para Cope – pelo menos era o que eu esperava. Se ela chamasse a polícia, aquilo ia ser mais difícil de explicar. E Cope ainda ia ficar puto. Enfiei a mão no bolso e peguei o meu celular. Era melhor lidar com aquilo pessoalmente. Decidi ligar para Capitão. Eu tinha a sensação de que ele era o único motivo pelo qual eu ainda estava vivo. Quando, em vez de ir para o México, fiquei em Rosemary Beach e ninguém foi atrás de mim, eu soube que tinha sido graças a Capitão.

– Pronto – falou ele do outro lado da linha.

– Estou com Franco sangrando aos meus pés na entrada da casa da Nan. Avise Cope.

Em seguida, desliguei e coloquei o celular de volta no bolso. Olhei de novo para Franco, sorri.

– Cope é o homem que vai acabar matando você. Eu sou apenas o comitê de boas-vindas. Ele é um doido filho da puta. Não posso dizer que goste muito dele, mas gosto mais dele do que de você, seu escroto.

Franco se mexeu, gemendo baixinho, e eu estalei os lábios.

– A menos que você queira que eu atire no seu outro joelho, é melhor ficar quietinho. Depois vou atirar nas suas bolas, que era onde eu deveria ter começado, seu pervertido. Abusador de crianças.

– Ele não atendeu – disse Nan, parada com o telefone na mão, pálida como um fantasma e parecendo apavorada.

– Tudo bem, eu já resolvi. Vá lá para dentro e tome um suco ou algo do tipo. Isto vai acabar logo.

– Eu liguei para o Rush – falou ela, já parecendo arrependida, como uma criança confessando algo errado.

Droga. Rush não precisava se envolver com aquilo.

– Certo. Eu falo com ele quando chegar. Vá lá para dentro e fique em segurança. Você vai

precisar responder a algumas perguntas quando Cope chegar aqui. A vigilância e tudo mais, lembra?

Ela franziu a testa, ainda parecendo confusa e apavorada.

– Que vigilância? – falou.

Suspirando, desviei os olhos de Franco e a fitei com a testa franzida.

– O bilhete que eu deixei para você em cima do balcão da cozinha, explicando tudo.

Avisando sobre as câmeras, Gannon e todo o resto.

Ela continuava franzindo a testa.

– Hã?

Franco se mexeu e eu finalmente pude atirar nas bolas dele. O grito dele me fez rir.

– Acho que você não vai tentar se mexer de novo – brinquei, achando aquilo muito divertido.

Nan

Muita coisa não fazia sentido. Mas eu havia me beliscado umas cinco vezes, tentando acordar, até enfim aceitar que estava completamente acordada. Major havia acabado de atirar várias vezes em Franco na frente da minha casa. Major conhecia Gannon, mas o chamava de Cope. E havia alguma vigilância por ali? Eu estava muito confusa.

Também estava prestes a vomitar de novo. Corri para o lavabo mais próximo e me arrependi de ter ligado para Rush. Ele não precisava se envolver com aquilo. Aquele erro era meu, não dele, e Major estava armado. Assim como Franco, até que Major atirasse a arma dele para longe. Fiquei de joelhos, que já estavam roxos, me encolhi e afastei os cabelos do rosto ao começar a ter ânsia de vômito diante do vaso sanitário.

– Nan!

A voz de Rush atravessou a casa, e eu esperei mais um segundo para ter certeza de que a ânsia havia passado antes de dar a descarga e me levantar.

Ainda não tinha forças para responder a ele. Joguei água gelada no rosto e inspirei profundamente. Então, quando me virei para sair do lavabo, dei com meu irmão me procurando com uma expressão de desespero.

– Nan – chamou ele, me puxando para um abraço apertado. – Está tudo bem. Eu estou aqui. Major também, e ele claramente está louco. – Rush afundou o nariz nos meus cabelos. – Este pesadelo está quase no fim. Vá para o seu quarto e fique lá. Não saia até eu ir buscar você. Está bem?

Eu não ia deixar Rush ir lá fora, onde havia homens loucos e armas.

– Não. Você fica comigo.

– Você vai ficar segura. Apenas fique no seu quarto. Major me garantiu que há reforços a caminho.

– Eu não quero você lá fora no meio daquilo – falei. – Blaire e as crianças precisam de você. Fique comigo, por favor.

Ele fez uma pausa e, por um instante, eu soube que ele estava pensando no que eu havia dito. Eu tinha sido sincera. Eu precisava dele, sim, mas sua família precisava mais.

– Tudo bem, me deixe só avisar Major enquanto você sobe para o quarto.

Concordei.

– Vá rápido.

– Pode deixar.

Meu quarto parecia diferente do que era apenas uma hora antes. Não mais um lugar seguro.

Nada mais parecia seguro, e eu duvidava que algum dia voltasse a parecer. Comecei a sentir fome de novo. Quem sentia fome em uma hora dessas? Eu era alguma doente?

Nenhuma virose que eu já tivera havia sido como essa. Vomitava num momento, ficava faminta no seguinte. Sem mencionar que eu tinha acabado de testemunhar um homem ser baleado mais de uma vez na entrada da minha casa. Seria um sonho? Será que os beliscões não tinham adiantado? Quem se belisca em um sonho realmente acorda? Porque não necessariamente ela está se beliscando na vida real, então... Nada fazia sentido.

Sentada na beira da cama, cheguei à conclusão de que eu havia enlouquecido. Havia um chefão do tráfico sangrando do lado de fora da minha casa. Enquanto o mantinha sob a mira da arma, Major havia me dito para entrar em contato com Gannon, como se eles fosse grandes amigos. Aquilo só podia ser um sonho. E minha barriga continuava roncando. Será que isso era possível nos sonhos? O meu estômago não sabia que eu tinha acabado de ver um homem ser baleado?

Mais um ronco alto. Toquei na minha barriga e foi naquele instante que me dei conta. O pesadelo acabara de ter uma virada e se transformar em uma luz no fim do túnel. Algo para fazer minha vida valer a pena. Algo que me manteria sã e me encheria de amor. Levando a outra mão à barriga, não tive dúvida. Eu deveria ter menstruado mais de duas semanas antes. Eu estava tão envolvida na dor e no sofrimento que não notara.

Eu estava grávida. Quero dizer, isso se eu realmente estivesse acordada.

Major

Ver um homem sangrar até quase morrer era algo novo para mim. Franco gemia e xingava muito. Essa parte era boa. Eu sabia que precisava mantê-lo vivo para fazê-lo falar, mas estava com receio de que a hemorragia fosse demais para ele.

O barulho de um motor de veículo vindo de trás de mim chamou minha atenção e eu me virei, a arma preparada para o caso de ser algum reforço de Franco. A visão da conhecida caminhonete de Cope foi um alívio, já que Franco podia estar próximo de seu último suspiro.

Rush saiu de casa, depois de ter entrado enlouquecido atrás de Nan.

– Você vai me dizer que diabo está acontecendo? – perguntou.

– Não. Não posso – respondi por cima do ombro, e voltei a atenção para Cope. – É melhor se apressar. Não acho que ele vá durar muito.

Cope resmungou um palavrão e bateu a porta da caminhonete antes de se aproximar de nós a passos largos.

– Por que Finlay está aqui? – rosnou para mim.

– Nan ligou para ele.

– Onde ela está? Ela está bem?

Fiz um sinal com a cabeça na direção de Rush.

– Pergunte a ele.

– Ela está apavorada e enjoada no quarto dela. Que diabo está acontecendo? – insistiu Rush.

Pensei em dizer para ele não falar com Cope daquela maneira, que ele era um homem perigoso, mas era eu quem estava com a arma engatilhada, então imaginei que estivesse tudo bem.

– Enjoada? – disse Cope de repente, parecendo um pouco preocupado demais.

Cope havia esquecido que aquele homem ali tinha as informações de que ele precisava e estava morrendo? Meu Deus.

– Sim, mas isso era de se esperar depois do que ela viu. O que está acontecendo? – quis saber Rush mais uma vez.

Cope voltou a atenção para Franco.

– Coloque-o na caçamba da caminhonete – disse para mim. – Não quero que ele suje minhas coisas de sangue.

Então ele foi na direção da porta da frente como se fosse a casa dele.

– Quem diabo é você? – exigiu saber Rush.

Ele estava irritado agora. Ninguém ignorava Rush, e aquela era uma novidade para ele.

– Sou um amigo. Quero falar com Nan – respondeu Cope, calmo e sensato.

– Ela não vai querer falar com você. Já está sabendo sobre a vigilância e todo o resto. Eu fiquei bravo e vim aqui deixar um bilhete para ela.

Cope olhou para mim.

– E, quando eu mandei limparem a casa, o bilhete foi destruído, idiota. Ela nunca o leu.

Ah, droga. Eu não havia pensado que ele ainda teria que mandar tirar as câmeras e todo o resto.

– Foi por isso que ela não entendeu quando me referi a você como Cope. Ela não sabe que seu nome é Cope, não Gannon.

Ele se virou para Rush.

– Preciso falar com Nan.

– Primeiro você precisa me dizer quem você é, cacete – disse Rush.

– Gannon? – chamou Nan, aparecendo por trás de Rush.

Caramba, as coisas iam ficar feias agora.

– É Cope, Nan. Meu nome é Cope.

Foi um jeito frio de dizer que ele havia mentido para ela. Não gostei de ver a dor e a decepção que surgiram no rosto dela. Nan já havia sido muito ferida na vida. Havia sido mal compreendida e odiada. Com Gannon, pela primeira vez ela acreditara que poderia confiar em alguém, e havia acabado de descobrir que tinha sido tudo mentira. Mas não, o desgraçado não pensou em como isso iria magoá-la. Em como poderia destruí-la. Simplesmente jogou aquilo na cara dela.

Pelo menos o meu bilhete havia sido mais gentil. Eu tinha explicado tudo e deixado claro que ela era importante para mim. Que era especial e que um pedaço do meu coração pertencia a ela, mesmo que eu tentasse não me importar. Ela havia mexido com meus sentimentos.

– Cope? – perguntou ela.

A expressão dela ao compreender fez meu coração ficar apertado.

– É. Meu nome é Cope. Eu estava trabalhando com Major.

Ah, droga. O olhar arrasado de Nan me deixou furioso.

– Cale a boca, Cope! – gritei, antes que ele a fizesse sofrer ainda mais com as idiotices que estava dizendo.

– Ela precisa saber a verdade – falou, sem desviar os olhos dela.

– Não! Não dessa forma! Apenas arranque desse cara as informações de que você precisa antes que ele sangre até a morte!

Cope se virou para mim.

– Eu já sei de tudo. Descobri há duas semanas. É por isso que ele está aqui.

– O quê? – falei.

Eu estava completamente confuso. Estava rastreando aquele desgraçado. Como Cope já tinha conseguido o que precisava?

Cope havia começado a responder quando o vi pegar a arma. Os olhos dele focaram em alguma coisa logo acima do meu ombro, e eu me preparei. Eu sabia. Não precisei me virar para descobrir o que ele estava vendo.

Ouvi o tiro antes de o mundo ao meu redor ficar escuro.

Nan

Eu não conseguia parar de gritar. Era o som da dor saindo da minha alma. Rush tentava me segurar pelos ombros enquanto eu me desvencilhava, minha voz aguda dizendo para ele parar. Para me deixar sozinha.

Ele estava morto. Major estava morto. Aquele rosto bonito e o sorriso arrogante varridos do mapa para sempre.

– Não. Não, não, não, não, não, não...

Eu repetia as palavras sem parar, com o coração despedaçado. Aquilo não podia estar acontecendo. Major não podia estar morto.

– Acorde! – gritei, atirando a cabeça para trás e fechando os olhos com força.

Eu precisava acordar.

Rush estava me dizendo alguma coisa. Eu o escutei, mas não conseguia focar. A imagem de Major caindo no chão ficava se repetindo na minha cabeça, ininterruptamente. Senti o tranco da tristeza me sacudir.

– Eu preciso acordar – falei a Rush, freneticamente.

– Você não está dormindo, querida. Venha aqui – disse Rush com a voz suave enquanto me puxava para seus braços.

Dessa vez eu obedeci. Porque não sabia se conseguiria continuar de pé. Precisava de apoio.

– Ele está morto! – exclamei, chorando no peito dele.

Rush não respondeu. Apenas me abraçou mais forte. Ficamos assim por um tempo, então Rush me pegou no colo, e eu deixei. Não olhei mais para Major. Não podia ver aquilo de novo. Queria me lembrar do rosto lindo dele dando risada. Usando o charme que sabia que o livraria de qualquer problema para fazer com que eu o perdoasse.

– Fique com ela lá dentro. Vamos resolver isso. Chamei ajuda.

Era Gannon... não, Cope. O nome dele era Cope, e ele estava trabalhando com Major. Não havíamos nos conhecido por acaso. Ele não tinha feito amor comigo. Tinha me usado. Eu era só uma ferramenta. Fazia sentido. Alguém como Gannon era bom demais para mim. Aquele homem não havia sido real. Ele estava fingindo.

Rush não respondeu. Sirenes começaram a soar ao longe e eu afundei mais a cabeça no peito do meu irmão. O jardim na frente da minha casa era uma cena de crime. A escuridão tinha tomado conta da minha vida de uma maneira que eu jamais havia esperado. Seria impossível ser feliz de novo.

Então eu me lembrei. Levei a mão à barriga e lágrimas arderam em meus olhos. Eu estava

esperando um bebê. O filho de um homem que eu nem sequer conhecia. Meu bebê também não ia ter um pai. Exatamente como eu.

Não... meu filho não seria como eu. Eu daria a ele todo o amor e a dedicação que minha mãe nunca teve tempo ou vontade de me dar. Ele não ia precisar de um pai porque eu bastaria. Seria tudo para aquele bebê, e meu filho jamais teria dúvida de que era amado.

A minha história não iria se repetir. Eu me certificaria disso.

Meu filho teria mais. Tudo o que eu nunca tive.

– Tome isto – disse Rush, depois de me colocar na cama.

Olhei para o sedativo na mão dele e soube que não conseguiria fugir daquele pesadelo tão facilmente. Eu tinha um bebê para proteger agora.

– Não. Apenas me deixe sozinha – falei, virando a cabeça para longe do remédio.

– Vai ajudar você a descansar.

– Eu falei que não quero.

Ele assentiu.

– Está bem. Vou ver como estão as coisas lá fora. Depois volto para ver como você está.

– Ligue para Capitão. Ele precisa saber por você – falei, pensando em todas as pessoas que a morte de Major iria afetar.

– É a primeira ligação que vou fazer – garantiu-me ele.

Fechei os olhos, pensando que talvez, quando acordasse, descobrisse que tudo tinha sido um sonho, mas sabendo que os sonhos seriam minha única fuga da realidade.

Cope

DeCarlo havia mandado os agentes federais que trabalhavam para ele limpar aquela bagunça. Já tínhamos nos preparado para isso ao ver Franco tomar o caminho da casa de Nan, com Major logo atrás. Sabíamos que aquele confronto aconteceria e nos planejamos para lidar com ele. Só não achei que matar Franco fizesse parte dos planos.

Agora Franco Livingston estava a caminho do necrotério. Não tinha sido um dia ruim. DeCarlo estava satisfeito e o trabalho estava concluído.

O enterro de Major aconteceria no dia seguinte, em Fort Worth. A família Colt tinha um cemitério próprio, e era para lá que eu iria a seguir. Depois, tinha um assunto mais importante para resolver: Nan.

Ela vira mais coisas do que podia suportar. Aquilo tudo fazia parte do meu mundo. O vazio e a dureza que me guiavam tinham tornado o dia anterior mais fácil para mim. Mesmo sabendo que ela estava desmoronando, eu havia conseguido me manter focado e terminar o trabalho que tinha começado. Eu havia prometido a DeCarlo que conseguiria fazer aquilo, mesmo com Nan envolvida. Eu precisava estar lá para garantir a segurança dela. Quando descobri que Franco estava a caminho da casa de Nan, a única coisa que me fez manter a sanidade foi saber que Major o estava seguindo. Enquanto eu não chegasse, ele poderia protegê-la.

Queria que Nan não tivesse visto a conclusão daquela história, mas Franco foi direto para a casa dela, e fomos obrigados a reagir. Ele a teria ferido, e eu não podia permitir isso. Major também não permitiria. Ele não disse, mas a amava. Pude ver nos olhos dele quando eu a magoei contando a verdade. Ele tinha ficado furioso comigo. Eu não podia olhar para ele, porque temia matá-lo por amar o que era meu. Saber que Nan podia sentir alguma coisa por ele estava acabando comigo. A imagem dela gritando o nome dele ainda me assombrava. Por mais que me doesse pensar nisso, talvez Nan precisasse saber que Major a amava.

O que eu tinha visto naqueles últimos minutos de vida dele fora amor. Major não havia se dado conta, mas eu, sim. Eu só a amava mais. E, por conta disso, não poderia contar a ela como Major se sentia. Ela jamais saberia que ele a amava. Major não havia tido a chance de aceitar isso e dizer a ela. Eu não ia cometer o mesmo erro.

Nan estava sofrendo. Eu lhe daria um tempo, mas não muito. Estava cansado de esperar. DeCarlo precisava que aquele trabalho fosse concluído, e isso estava feito. Eu estava livre. Aquela vida tinha terminado para mim. Haveria outro para assumir o meu lugar. Alguém mais poderoso que eu, que andaria pelas sombras sem ser visto.

Eu já tinha permanecido naquele mundo por tempo suficiente. Agora havia outra vida que eu queria. Eu não merecia, mas queria mesmo assim, e não sossegaria enquanto não a conseguisse.

Nan havia se tornado tudo para mim. Desde o instante em que eu a tinha visto pela primeira vez, ela se tornara a minha luz no mais profundo inferno.

Ela ainda nem me conhecia quando me apaixonei. Durante toda a minha vida, eu não tinha acreditado no amor. Não era uma emoção real. Então, de uma hora para outra, o sentimento me invadiu com tanta força que mudou tudo. Provar a inocência de Nan havia sido meu único objetivo. Protegê-la e depois tê-la fora o que me mantivera firme até o fim.

O sacrifício para protegê-la foi algo que Major não compreendeu. O amor dele era sincero, mas apenas de um jovem. Ele achou que dizer a verdade a ela foi duro, mas eu sabia que era o que precisava ser feito. Depois, quando ela estivesse enfrentando a dor, se lembraria da minha sinceridade. Nan precisaria confiar em mim e, naquele momento, eu plantara a primeira semente para isso. Eu havia desistido de usar a vulnerabilidade dela a meu favor e contara o que ela merecia saber.

Isso era sacrifício.

Porque conquistar o amor dela seria ainda mais difícil agora. Mas eu nunca havia desistido. Ela era meu maior e mais importante desafio. Nan era dona do meu coração e carregava nosso futuro na barriga.

Eles eram a minha família. A primeira e única que eu teria.

Enquanto o pastor falava, meus pensamentos estavam em outro lugar. Olhando para os túmulos em que Major e eu brincávamos de esconde-esconde na infância, pensei que nunca imaginara que um dia estaria ali enterrando o corpo dele. As pessoas se preparam para a morte dos avós e mesmo dos pais, mas nunca para a de um irmão ou do melhor amigo. Major não era só meu primo. Era um irmão para mim, e meu melhor amigo. Do seu jeito maluco e confuso, ele havia sido a única pessoa para quem eu contei meus segredos, com quem descumpri regras e a quem perdoei por praticamente tudo.

Ele era doido e estava sempre em busca de aventura. Como se houvesse um vazio dentro dele que nada era capaz de preencher. Até conhecer Reese, eu sabia o que era isso, mas nunca no nível que ele parecia sentir. O pai de Major era a raiz do problema, daquela necessidade dele de encontrar algo por que valesse a pena viver. Eu queria odiar meu tio, mas só porque precisava de alguém para culpar. Não era justo o que tinha acontecido. Major iluminava tudo quando estava por perto. Ele se tornava o centro das atenções, e as pessoas o adoravam. Só que ele nunca tinha compreendido isso. Nunca tinha ficado satisfeito.

Minha mãe chorava baixinho ao meu lado, com o lenço que meu padrasto havia lhe dado mais cedo cobrindo o nariz e a boca. Major havia sido como um filho para ela. Minha mãe era encantada por ele, como a maioria das mulheres. Quando ele precisava de um porto seguro, ela abria os braços e a casa para ele. Mas nem isso fora suficiente. Ela havia oferecido um amor de mãe a ele, mas no fim das contas não era a mãe dele. Esse era outro vazio na vida de Major. Outra pessoa que eu queria culpar.

Reese estava recostada em mim do outro lado, fungando enquanto o pastor falava, apertando meu braço como se quisesse me manter de pé. Ela convivera com Major por muito pouco tempo, mas ele a havia conquistado também. Havia ligado na semana anterior, prometendo nos fazer uma visita, e ela prometeu fazer os brownies com a cobertura que ele gostava. Eu sabia que ele flertava com a minha mulher só para implicar comigo. Reese ficava vermelha, depois todos acabávamos rindo e batendo papo ao redor da lareira.

Ele havia voltado, sim, mas não da forma como tínhamos planejado. Nem de longe. A necessidade de aventura de Major finalmente havia chegado ao limite. Saber que ele tinha morrido protegendo minha irmã me dava um aperto no peito, de tristeza e orgulho. Mesmo no fim, ele tinha sido um homem honrado.

Capitão

Eu estava de mãos dadas com Addy e Franny. As duas mulheres da minha vida estavam ao meu lado, naquela colina no Texas, vendo um rapaz que não tivera a chance de se transformar em um homem ser enterrado. Poderia ter sido eu. Muitas vezes. Eu havia recebido mais chances do que qualquer ser humano deveria receber. Balas que deveriam ter acabado com a minha vida erraram o alvo, milagrosamente.

Agora, ali com as duas, eu sabia por quê. O destino não estava pronto para me levar porque eu tinha uma família que não sabia existir. Uma família pela qual viver. Uma família que precisava de mim e que me modificaria.

Major jamais teria isso. Uma vida mais emocionante do que aquela que ele buscava. O perigo não era a emoção de que ele precisava para preencher o vazio. Vazio, todos temos. Nascemos com ele. Encontrar algo que o preencha não é fácil. Às vezes essa coisa aparece na nossa frente e deixamos passar, às vezes a perdemos, às vezes não sabemos procurá-la. Quando temos sorte, ela não desiste de nós.

Eu fui um dos que tiveram sorte. Major, não.

A vida é injusta. Um lugar cheio de dor que ninguém compreende de verdade. Eu conhecia o vazio que Major estava tentando preencher. Eu tinha passado por aquilo e sabia que a solução não era uma arma na mão. Aquilo nunca fora o suficiente para mim. Quase me destruía, até Addy me encontrar e me salvar... de novo.

Lágrimas escorriam pelo rosto das pessoas ao redor do túmulo em que Major logo seria sepultado. Ele havia sido amado por muita gente. Se eu tivesse morrido na idade dele, não teria sequer havido um velório. DeCarlo encobriria minha morte e, no dia seguinte, o mundo já teria voltado ao normal. Eu não tinha amigos nem família na época.

Major havia sido egoísta e não pensara na dor que causaria se alguma coisa acontecesse com ele. Mas, por outro lado, ele achava que era invencível, embora eu tivesse lhe dito tantas vezes que não era. Ninguém é.

Nenhuma daquelas pessoas jamais saberia o que realmente acontecera. Nem Mase ou o pai dele. Não poderiam saber. A verdade seria encoberta, mas pelo menos Major morrera como um herói. Tinha salvado a irmã do primo. Era disso que todos se lembrariam. Eu estava grato por ele ter morrido assim. Se as coisas tivessem acontecido de outra forma, talvez jamais tivéssemos a chance de enterrá-lo.

Isso dava à nossa família o encerramento necessário e merecido.

Nan

Eu não tinha mais lágrimas para chorar. Meu peito doía e minha cabeça latejava. Aquilo tudo era muito real. Meu desejo de acordar e descobrir que havia sido um sonho nunca se realizou. Major estava morto.

Ele estava trabalhando como informante da polícia federal o tempo todo para me proteger do breve período que eu havia passado com um chefe do crime. Se eu soubesse como Franco era perigoso, teria tomado mais cuidado. Não teria ficado com ele.

Por causa da minha burrice, Major estava morto.

Cope também estava me protegendo, e tinha conseguido sobreviver. Fechei os olhos, bloqueando o terror que senti com a ideia da morte dele. Embora tivesse mentido para mim, fizera isso para me proteger, e eu não conseguia odiá-lo. Não podia desejar que ele estivesse morto. Ainda assim, o trabalho dele o colocava em perigo todos os dias. Ele iria embora e eu nunca mais o veria de novo. Nunca saberia quando uma arma acabaria com a vida dele.

Minha respiração ficou difícil diante do medo, e senti o braço de Blaire envolver minha cintura. Nos últimos dois dias, ela havia ficado do meu lado sempre que Rush não podia. Não falava muito, mas me trazia chá e preparava refeições. Quando eu não queria comer, ela não me obrigava.

Naquela manhã, Blaire tinha segurado meu cabelo quando vomitei, e depois me deu um pano úmido para que eu limpasse o rosto. Quando olhei para ela, esperei um olhar de pena, mas não vi isso. Vi apenas um incentivo silencioso. Sem usar palavras, ela me lembrava de que eu era forte.

A ponte que eu nunca imaginei que fosse existir estava se formando aos poucos entre nós, e eu não a odiava mais. A vida era muito curta. Não sabíamos se estaríamos vivos no dia seguinte. Perder nosso tempo odiando os outros ou as coisas que nos acontecem não serve para nada. O melhor é aceitar e fazer o melhor que conseguirmos.

Eu me recostei em Blaire, para que ela soubesse que eu estava gostando de sua presença ali. Ela não precisava me aceitar ou gostar de mim. Rush a amaria de qualquer maneira. Eu merecia o ódio dela.

Meu irmão a amava por muitos motivos, e pela atitude dela em relação a mim, dava para entender por quê. O coração de Blaire era enorme, maior do que o de qualquer pessoa que eu conhecia. Eu me sentia grata por ela ser a mulher que amava meu irmão e ser a mãe do meu sobrinho e da minha sobrinha por nascer.

Desviei o olhar das flores em cima do caixão de Major e o fixei no de Cope.

Nós não havíamos mais nos falado. Os policiais federais que me interrogaram a respeito do que havia acontecido e de minha ligação com Franco me explicaram a participação de Cope na

história. Eu enfim compreendi o que Major tentara me dizer sobre ele. Toda a vigilância fazia sentido agora. Eles estavam me protegendo o tempo todo.

Minha necessidade de ser amada era tão grande e tão ridícula que eu havia acreditado que Gannon era algo que não era. Eu não podia odiá-lo por isso. A culpa pela mágoa que eu agora precisava superar era da minha necessidade maluca de ser desejada.

Major estava morto. Isso tinha mais importância do que o fato de eu ter descoberto que amava um homem que nem sequer existia. Eu havia escolhido engravidar dele e agora faria o melhor possível, sendo a melhor mãe do mundo.

Cope continuou me encarando, e eu queria que aquele olhar sombrio me dissesse coisas que não estavam ali. Que jamais estariam. Estava tudo acabado agora. Ele iria embora, e minhas lembranças seriam para sempre nubladas pela tristeza e pela trágica morte de Major.

Mas eu era forte. Autossuficiente. Eu iria ficar bem.

Cope

Eu não conhecia Blaire Finlay, mas vê-la consolar Nan quando eu não podia fazer isso me fez gostar dela. Blaire havia sofrido nas mãos de uma Nan amarga e raivosa. Eu conhecia as histórias. Havia estudado o passado. Sabia de tudo relacionado a Nan. A maioria das pessoas presentes naquele velório estava ali para apoiar Mase, Capitão e Nan. Eu poderia categorizar cada uma delas e listar as interações que haviam tido com Nan ao longo dos anos.

A ausência da mãe de Nan durante o episódio devia ser o suficiente para fazer mudarem de ideia todos os que ainda não estavam prontos para perdoar Nan por seus erros, pelo menos era o que eu esperava. Vilões não nascem vilões. Isso era algo que eu havia aprendido na prática. Que havia testemunhado várias vezes.

Embora Nan não fosse uma vilã, era uma mulher profundamente ferida e magoada. Podia haver algo mais perigoso? Eu duvidava.

Finalmente, ela desviou o olhar do meu e a frieza que eu estava sentindo antes voltou a me dominar. Eu sentia falta dela desde que ela havia ido embora de Las Vegas. Enfieei a mão direita no bolso e peguei a embalagem de pílulas anticoncepcionais que ela havia jogado fora. Eu tinha guardado aquilo porque pertencia a ela, e era um lembrete de que Nan havia me amado. Aquela era a minha prova.

Se um ano antes alguém tivesse me dito que uma mulher engravidaria de mim de propósito, eu teria rido e a chamado de burra, porque isso não me prenderia. Nada me prenderia.

Até que vi Nan saindo do carro dela pela primeira vez e soube. A vida mudou a partir dali. Meus planos, decisões, crenças e ódio pela humanidade haviam se transformado. E eu não voltaria atrás.

Major

Meu pai não chorou. Eu meio que achei que ele fosse chorar. Cheguei até a esperar isso. Filho da puta durão. Me perguntei se ele ainda guardava rancor de mim por eu ter comido minha madrasta. A mulher era dois anos mais velha do que eu. Poderia ser filha dele. Tarado. Eu o havia salvo de mais um divórcio horroroso, em que ele perderia metade do seu dinheiro. Ele deveria ter me agradecido. Além disso, ela não era nem um pouco memorável na cama. Sim, tinha peitos incríveis, mas era só isso. A bunda dela precisava de mais carne.

Cope poderia parecer mais arrasado. Quero dizer, eu tinha “morrido” e tudo. Mas ele estava preocupado demais em reconquistar Nan para se concentrar em mim. Eu sabia como terminaria aquela história. Ele basicamente havia me contado na noite anterior. Qualquer sentimento que eu tivesse por Nan não existia mais, assim como eu. Eu nunca poderia dizer a ela como de fato me sentia. Que uma parte de mim a amava, apesar de eu ter imaginado que jamais fosse amar alguém.

Amar uma mulher nunca estivera nos meus planos. Eu tinha muitas coisas para conquistar. Agora estava na hora de fazer isso. Sem drama, apenas ação. Voltei a atenção para meu primo.

Mase era o que me deixava mais culpado. Ele parecia devastado. Eu achava mesmo que meu primo fosse ficar arrasado com a minha morte, e ele não estava decepcionando. Cheguei a ver lágrimas em seus olhos. Isso fez os meus arderem um pouco também. Eu detestava estar fazendo aquilo com ele.

Observei o restante dos presentes e foi bom saber que eu era amado e que faria falta. A maior parte das pessoas não tem a chance de ver o próprio enterro. Bom, pelo menos eu achava que não. Eu não estava realmente morto. Caramba, os mortos talvez conseguissem ficar por perto e ver. Quem podia saber? Eu esperava que sim, porque era uma sensação boa. Fazia a gente valorizar mais as pessoas e a vida. Saber que fomos importantes para as pessoas e que elas sentiriam a nossa falta. Ver as lágrimas nos olhos delas também era legal, mas eu senti um pouco de culpa por isso.

Cope olhou para mim. Era a minha deixa.

Estava na hora.

Eu o cumprimentei só para irritá-lo, então voltei para o meio das árvores e segui na direção do utilitário preto que estava à minha espera. Minha nova vida havia começado. Minha vida anterior estava acabada. Eu havia simplesmente deixado tudo para trás. A melhor parte era que agora eu seria o chefe. Cope tinha pulado fora, e eu havia ficado em seu lugar. O idiota havia se apaixonado. Balançando a cabeça, ri e entrei no carro, desaparecendo na escuridão e na minha vida no crime.

Nan

Diminuí o ritmo da corrida quando o vulto dele apareceu em contraste com o sol da manhã. Eu conhecia aquele corpo. Não esperava vê-lo de novo, mas o reconheci. Quanto mais perto dele eu chegava, mais perguntas me vinham à cabeça.

– Olá.

Essa foi a primeira coisa que saiu da minha boca quando parei vários metros longe dele.

– A gente precisa conversar.

Essas foram as primeiras palavras de Cope. Muito mais objetivas do que o meu “Olá”.

– Eu sei de tudo. Você não precisa explicar – falei, esperando parecer mais inteligente dessa vez.

– Você não sabe de nada – disse ele, e deu um passo na minha direção.

Imediatamente, dei um passo para trás. Ele tinha razão. Eu não sabia nada a respeito dele. O personagem que ele havia criado para me atrair era apenas isso, um personagem. Era Gannon.

Aquele ali era Cope. Um homem que eu não conhecia nem um pouco.

– Eu sei tudo o que preciso saber – disparei.

Senti a raiva que tentava abafar quando pensava em tudo o que havia acontecido. Eu não queria odiar o pai do meu filho.

Ele franziu a testa.

– Você não sabe o mais importante. Então, não, não sabe tudo o que precisa saber.

Era ele que não sabia o mais importante.

– Eu discordo – retruquei, cruzando os braços e erguendo o queixo.

Eu não ia demonstrar que ele me assustava.

– É mesmo? Vamos começar com isto, então – disse ele, tirando a mão do bolso e mostrando a embalagem com as minhas pílulas.

Ele era um detetive particular. Claro que havia voltado e revirado o quarto depois de eu ir embora. Fazia sentido.

Droga.

– E daí? – perguntei, dando de ombros, como se aquilo não quisesse dizer nada.

Mas eu tinha ido ao médico naquela semana, e ele tinha confirmado que eu estava grávida.

– Você realmente não vai admitir que está esperando um filho meu? Acha que é justo guardar esse segredo de mim depois de engravidar de propósito?

Tudo bem, então pelo visto ele sabia.

– Você esteve me seguindo? Eu ainda estou sendo vigiada? – perguntei, me sentindo nua na

frente daquele homem que meu coração queria amar e que meu cérebro berrava que era um estranho.

– Não. Você não está mais sob vigilância. Mas eu observo você. Faço isso desde a primeira vez que te vi. Então, sim, eu sei que você parou de tomar a pílula na última vez em que transamos, e sei que você tem sentido enjoos de manhã e às vezes à tarde. E sei que você foi ao médico e ele confirmou que você está grávida. É isso que eu faço... fazia. Eu observava as pessoas. E continuei observando você de uma distância segura enquanto você chorava a perda de alguém de quem gostava. Mas agora está na hora de a gente conversar. Eu não posso mais adiar isso e não posso mais manter distância.

O tom grave na voz dele era o mesmo que eu ouvia nos meus sonhos e frequentemente quando estava acordada e me permitia lembrar. Era um tom viciante, difícil de ignorar. Ao ouvi-lo agora, queria fazer tudo o que ele pedisse. Queria agradá-lo. Esquecer que não era quem eu achava que fosse.

– Eu achei que estava guardando uma parte de um homem que eu amava. Só que aquele homem não existia. Por um lado, isso faz com que seja mais fácil lidar com o desaparecimento dele da minha vida sem nem sequer uma despedida. Por outro lado, faz com que eu sofra pelo que nunca foi. Mas este bebê será meu. Será amado. Eu vou criá-lo, e nunca vou pedir um centavo seu. Não pense que foi uma armadilha. Não foi. E eu também nunca vou chamar de erro.

Os dois longos passos que ele deu foram tão rápidos que eu não tive tempo de reagir antes que ele estivesse diretamente na minha frente, segurando os meus braços com força, o calor do corpo dele se misturando com o meu. Inspirei sem pensar, porque queria sentir o cheiro dele. Eu havia sentido saudade. Mesmo que ele não fosse quem eu achava que era.

– Este bebê vai me conhecer. Eu vou criá-lo e amá-lo. Não me diga que eu não sou necessário. Não me diga que este bebê não precisa de mim, porque toda criança precisa do pai. Não é justo dizer isso. Você, mais do que qualquer pessoa, sabe como é importante um pai na vida de uma criança. A ausência do seu pai e a indiferença da sua mãe marcaram e moldaram você. Você quer isso para o nosso filho? Sério, Nan? Você acha que tudo bem?

Eu o odiei naquele momento. Jogando os meus medos na minha cara. Me acusando de prejudicar meu bebê com as minhas escolhas, sem saber nada da minha vida.

– Você não sabe nada sobre mim.

Minhas palavras saíram ríspidas enquanto as lágrimas ardiam nos meus olhos.

– Sei mais do que você imagina. Sei do seu ódio, da sua crueldade, dos seus erros, da sua falta de amor-próprio, da sua dor e dos seus arrependimentos. Eu sei de tudo, Nan. Ouvi tudo, testemunhei tudo e ainda assim amo tanto você que não consigo me afastar. A vida que eu tinha acabou para mim. Então não venha me dizer que não precisa de mim. Que o nosso bebê não precisa de mim. Porque vocês dois precisam. E você me quer. – Ele parou e suspirou, como se estivesse exausto. – E eu também preciso de vocês e quero os dois.

Eu não estava esperando aquilo. Era algo que não tinha acontecido nos meus devaneios nem nos meus sonhos. Eu tinha medo daquelas palavras. Nunca as havia escutado de um homem que não fosse meu irmão. Eu não sabia se podia confiar no que estava ouvindo.

– Como isso é possível? – falei.

As palavras foram sinceras e saíram sem que eu pensasse nelas. Se ele me conhecia tão bem, como podia me amar?

Então ele sorriu e eu me lembrei da primeira vez que vi aquele sorriso. Parte de mim se apaixonou naquele momento.

– Como não é possível? Esta é a pergunta certa – disse ele.

Balançando a cabeça, tentei me desvencilhar. Aquilo não era uma resposta. Ele estava fugindo da pergunta. Não havia como ele saber tudo o que estava alegando saber e ainda assim me amar. Ele apertou meus braços com mais força, mas não de forma dolorosa.

– Porque você me conquistou. Você é real. Não há nada falso em você. O que a maioria das mulheres esconde, você ostenta para o mundo. Em vez de tentar disfarçar seu lado feio, você o exhibe. O problema é que a maioria das pessoas está tão despreparada para ver essa realidade que acaba não percebendo a beleza que você tem. Ela está aí, mas você não a ostenta. Não finge querer o que não quer, não finge concordar com o que não concorda. Em vez de esconder a sua dor, você parte para o ataque e fere os outros da mesma maneira que foi ferida. – Ele estendeu a mão e prendeu uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. – Você é real, Nan. Mais real do que qualquer outra pessoa que conheci. Então, quando eu digo que amo você, saiba que é verdade. Eu amo cada pedacinho seu.

A emoção que me atingiu foi muito intensa. Quando consegui me desvencilhar dos braços dele, Cope não tentou mais impedir. Quando me virei e saí correndo... ele deixou.

Cope

Ela hesitou ao abrir a porta da frente. Eu esperava por isso. Também esperava uma briga. Depois de eu tê-la deixado sair correndo na semana anterior e, em seguida, manter distância por sete dias, Nan estava mais do que irritada comigo. Dava para ver isso na sua postura e na forma como ela interagia com os outros.

Saber que ela estava naquela casa lidando com enjoos matinais era difícil. Eu queria estar lá, mas não ia impor a minha presença. Queria que ela abrisse a porta para mim e me deixasse entrar. Algum dia.

Hoje seria a consulta com o médico para ouvir o coração do bebê. Eu sabia disso como sabia que ela não vinha dormindo bem à noite e que cochilava várias vezes ao longo do dia. Ela não conseguia mais beber suco de laranja, e o cheiro de ovo a fazia correr para o banheiro na mesma hora para vomitar. Tomava água tônica de manhã, junto com uma porção de biscoitos de gengibre. Era a única coisa que conseguia comer até a hora do almoço, normalmente por volta das duas horas, quando ia até o clube e pedia um *cheeseburger* com batatas fritas, pelo qual imediatamente se sentia culpada, então ia correr na praia.

Tudo o que eu fazia era ficar por perto, me certificando de que ela estivesse em segurança e conseguindo fazer as coisas sem ajuda. Eu estava sempre de sobreaviso, esperando que ela me ligasse. Mas Nan era teimosa. Uma das muitas coisas que eu adorava naquela maluca.

– O que quer? – disparou ela, descendo a escada e indo para o carro.

– Quero ouvir o coração do nosso bebê com você – respondi, seguindo-a até o carro ridiculamente caro dela.

– Como você sabia? – perguntou ela após se virar para mim, os olhos ardendo de raiva e atração.

Ela tentava esconder, mas estava lá.

– Porque eu me importo. – Peguei as chaves da mão dela. – Eu dirijo. Você é uma péssima motorista.

Eu sabia que isso a deixaria irritada, mas eu adorava irritá-la.

– Não sou! O carro é meu, e eu vou dirigir – disse ela, batendo o pé.

Dei um passo na sua direção e fitei seu olhar esnobe.

– Entre na porcaria do carro. Eu vou dirigir.

Não deixei espaço para discussão e, como eu esperava, ela recuou diante do meu tom, relaxando os ombros tensos.

– Está bem – murmurou, indo se sentar no banco do carona.

Esperei para sorrir só depois que Nan já tinha se virado. Duvidava que ela fosse gostar da

minha expressão de divertimento. Entrando naquele carrinho minúsculo, olhei para ela.

– Você vai precisar de um carro maior e mais seguro para o bebê.

Ela suspirou.

– Eu sei. Por que você está fazendo isso?

Mudança de assunto.

– Eu disse para você há uma semana, cinco horas e 22 minutos. Não me diga que esqueceu.

Nan soltou outro suspiro de frustração.

– Não, não esqueci. Mas aí você sumiu, o que me levou a crer que havia mudado de ideia. E você acabou de falar exatamente o tempo que se passou desde que disse aquilo?

Mudar de ideia em relação ao meu amor por ela? Ela realmente acreditava tão pouco no amor? Nan havia sido mesmo muito ferida. Eu precisava tomar cuidado com isso.

– Sim. Vinte e três minutos agora.

Ela ficou me olhando ao volante enquanto eu saía da entrada de veículos e pegava a rua que levava para fora da cidade, em direção a Destin, onde ficava o consultório do médico. Não olhei para ela. Deixei-a assimilar aquilo. O fato de eu estar ali. O fato de eu já saber o caminho para o médico. O fato de que eu a amava e não iria embora. Mesmo que ela fugisse de mim.

– Você tem problemas mentais? – foi a pergunta seguinte.

– Provavelmente – respondi rindo e com total sinceridade.

– Era o que eu achava.

Mais uma vez eu ri, algo que não fazia havia muito tempo. Nan tinha acrescentado muita coisa à minha vida, inclusive motivos para rir, algo que eu sempre tivera muito pouco na vida.

– Não sei o que fazer com você – disse ela. – Eu achava que amava Gannon, mas ele não existe. Era um papel que você estava interpretando. Não conheço você. Nós vamos ter um filho juntos, e talvez eu nem goste de você. Talvez eu odeie você.

A sinceridade era parte do charme dela.

– O homem que você conheceu era eu, uma parte de mim que ninguém além de você já viu. Aquilo foi real. Não fingi ser ninguém além de mim mesmo. Me entreguei a você de uma forma que nunca tinha feito com ninguém. Eu confiei em você. Como eu sabia que aconteceria, nós nos demos bem, nos conectamos como duas peças feitas uma para a outra.

Ela não disse nada. Seguimos em silêncio por um tempo.

Deixei que ela refletisse. Eu não precisava forçá-la a aceitar o que eu tinha dito. Precisava que ela acreditasse em mim e me deixasse provar que era tudo verdade. Gannon era mais parecido comigo do que o homem que eu mostrava ao mundo desde os meus 10 anos.

Eu só bancaria o valentão quando ela tivesse consultas médicas e quando precisasse de ajuda. Eu estaria presente nessas ocasiões. Nan não estava mais sozinha. Com o tempo, ela se daria conta disso. Eu era paciente. Eu tinha tempo.

– Você sabe onde fica o médico – disse ela quando parei no estacionamento.

– Sim. Eu me certifico de saber tudo o que é importante.

Ela não abriu a porta do carro. Em vez disso, continuou sentada.

– Eu amava Gannon.

– Eu sei.

Ela assentiu, porém não olhou para mim. Manteve o olhar à frente.

– Eu preciso de tempo para conhecer Cope.

– Ele é o mesmo homem, mas eu entendo. Estarei aqui quando você estiver pronta para me dar uma chance.

– Estou pronta.

– Ótimo.

Eu havia caído no sono na volta da consulta em que ouvimos o coração do nosso bebê. Os batimentos estavam fortes, e o médico ficou satisfeito. O alívio devia ter sido suficiente para me deixar relaxada, porque eu tirei um cochilo, totalmente despreocupada, com Cope na direção.

Ele me acordou quando chegamos à minha casa e me colocou na cama. O sono voltou mais uma vez. Cochilar nunca tinha sido tão delicioso. Eu vinha fazendo muito isso nos últimos dias.

Quando abri os olhos, senti um cheiro gostoso vindo da cozinha. Havia um copo de água tônica ao lado da cama, e eu tomei um longo gole antes de me levantar. Cope sabia que era o que eu iria querer quando acordasse. Ele sabia de tudo. Eu não tinha muita certeza se isso era assustador ou encantador. A forma como ele segurou minha mão enquanto ouvíamos os batimentos do nosso filho na sala de exames me deu um aperto no peito. Eu esperava fazer aquilo sozinha, mas, naquele momento, me senti muito grata por ter ao meu lado alguém tão emocionado e assustado como eu.

Ele havia me dito que era o mesmo homem que Gannon, mas eu não concordava. Cope era mais suave do que Gannon. Ele demonstrava amor. Eu me dei conta de que Cope fazia com que eu me sentisse segura, ao contrário de Gannon. Eu sempre tinha a sensação de que Gannon desapareceria a qualquer instante, porém Cope me fazia acreditar que ficaria ao meu lado. Mesmo enquanto eu lutava contra o fato de o querer ali, eu sabia que ele não iria embora.

E não queria que fosse.

Me levantei, fui até a porta do quarto e desci a escada. Eu queria vê-lo na minha casa, ocupado na minha cozinha. Eram sonhos que eu nunca havia nutrido porque tinha medo deles. Não era algo que eu achasse que aconteceria comigo. Homens faziam coisas desse tipo para mulheres como Blaire e Harlow, não para garotas como eu.

Mas pelo visto Cope não sabia disso. Porque lá estava ele lavando a louça que tinha sujado. Nossos olhares se encontraram no instante em que entrei na cozinha.

– Estou fazendo frango assado com espaguete. Você dormiu bem? Pelo som, sim.

– Pelo som? – perguntei, franzindo a testa.

– Você ronca. Alto.

Revirei os olhos e fui sentar no banquinho do bar na frente dele.

– Não ronco, não.

– Ronca, sim, e muito. Parece uma serra elétrica.

Eu não sabia se ele estava me provocando ou falando sério.

– É mesmo?

– Com certeza.

– Nunca me disseram que eu ronco.
– Você ronca. Acredite em mim.
– Deve ser a gravidez.
– Continue dizendo isso a si mesma, se faz você se sentir melhor. Eu vi você roncar durante meses.

– Bobão – murmurei, então fiquei paralisada. – Me viu? Como você me viu durante meses? Senti meu coração acelerar e fiquei meio em pânico.

Cope continuou onde estava e o encarei, sabendo que ele seria sincero, por mais que eu não quisesse escutar.

– A vigilância.

Meu Deus. Ele tinha me visto dormindo? O que mais? Tomando banho? Me vestindo? Eu me sentia exposta como nunca.

– Quem mais me viu? – perguntei, querendo sair correndo dali, me enroscar em posição fetal e chorar.

Aquela era a minha casa. Meu porto seguro. Eu não dera conta de que estar sob vigilância significava que eles me viam dentro da minha casa.

– Só eu. Desde o primeiro dia.

Só ele. Isso aliviou um pouco o pânico, mas não por completo. Comecei a repassar na mente as coisas que ele tinha visto. Toda a privacidade que havia sido roubada de mim.

– Eu me apaixonei por você antes de te conhecer. Fiquei sabendo tudo a seu respeito.

Ah, meu Deus. Eu ia vomitar. Recuei, balançando a cabeça.

– Você me via – falei, assimilando cada vez mais a ideia.

Ele assentiu.

– E fui eu que fiz amor com você naquelas noites. Os sonhos... não eram sonhos.

Meu mundo estava desmoronando à minha frente. Eu não estava preparada para aquilo. No fundo, eu sabia que não estava sonhando em nenhuma daquelas vezes. Ter aceitado aquilo significava que eu tinha a cabeça perturbada?

– Você vinha até mim à noite.

Eu precisava dizer aquilo em voz alta. Sentir o sabor das palavras na língua. Encarar a verdade. Decidir se eu podia lidar com aquilo.

– Vinha. Depois de ter você em Las Vegas, eu não conseguia ficar longe. Na noite em que Major beijou você, eu perdi a cabeça. Aqueles bilhetes eram meus. Aquele encontro, fui eu que planejei. E ele recebeu todos os créditos. Major não fez nada além de comprar aquelas malditas rosas. Então eu procurei você à noite. Precisava me certificar de que era a mim que você queria. Fui egoísta, mas você me recebeu sem medo. Com tanta facilidade...

Era verdade. Acreditar que era um sonho tinha sido fácil. Fazia sentido os bilhetes serem dele. Major não pensaria em algo assim. O jardim secreto e o jantar tinham parecido tão surpreendentes para Major como para mim. Eu havia ficado confusa com aquilo, mas agora tudo se encaixava.

– Queria que fosse eu ali com você. Não ele. Eu o forcei a se aproximar de você, sempre morrendo de medo que ele realmente se aproximasse demais.

Encarei Cope, deixando as palavras assentarem na minha cabeça. Tentando absorver a realidade de tudo aquilo. Compreendendo que muitas coisas em que eu acreditava não eram verdadeiras. Eu havia sido enganada de muitas maneiras, mas para quê? Para que ele pudesse me proteger? Provar a minha inocência? Aquele homem que estava ali cuidando de mim, cozinhando para mim e me demonstrando mais amor do que qualquer outro merecia ser perdoado? Era muita coisa a ser deixada para trás. Mas eu sabia a resposta.

Sim. Merecia.

Eu era imperfeita. Estava grávida por causa das minhas escolhas egoístas. Eu tinha ido atrás dele mesmo quando achava que ele havia engravidado outra garota e não estava dando nenhum apoio a ela. Eu implorara para ele me comer mais e mais, sem saber nada a seu respeito. Ele guardava seus segredos, mas eu o queria mesmo assim.

E, apesar de tudo, ele me amava. Mesmo com todas as loucuras que sabia sobre mim, ainda me amava. Aceitava minhas falhas, meus erros e meu egoísmo. Aceitava e amava tudo em mim. Tinha conseguido encontrar beleza em tudo o que dizia respeito a mim. Ninguém havia feito isso. Cope era o meu presente nesse mundo. Minha única sorte. Claro, ele era bem perturbado e possivelmente maluco, mas eu também era. Éramos perfeitos um para o outro, como ele achava.

Se Cope me deixasse agora, eu jamais me recuperaria. As coisas que eu recebera dele não eram suficientes. Eu queria tudo. Isso ficou claro no meu olhar para ele. Eu sabia que ele podia ver nos meus olhos. Cope seria meu motivo para acordar todos os dias e sorrir pelo resto da vida. Eu não podia perder isso. Não agora que havia encontrado.

Ele secou as mãos enquanto me observava. Desviei o olhar, mas foi difícil, porque o achava lindo e adorava o modo como ele se movia. Adorava olhar para ele. E estava cansada de evitar fazer isso. Já estava claro para nós dois que eu o queria muito.

Quando Cope começou a dar a volta no bar, fiquei tensa, sem saber o que ele ia fazer a seguir. O espaço entre nós era minha última rede de segurança. Agora que minha decisão estava tomada, eu precisava confiar nele sem questionar.

Ele parou a alguns centímetros de mim e segurou meu rosto entre as mãos.

– Eu vou amar você até meu último suspiro. Ninguém vai mudar isso. Nem você.

A sinceridade na voz dele e a maneira como ele me olhava terminaram de derrubar o muro que eu havia construído na esperança de me proteger. Não havia mais por quê. Não é possível proteger o coração de tudo. Amar Cope podia ser o maior risco que correria na vida, mas seria um risco do qual eu nunca me arrependeria.

Com ele, eu me sentia completa.

– Eu te amo – sussurrei, precisando dizer as palavras em voz alta.

– Eu sei.

Cope

E Sete meses, dois dias e cinco horas depois le tinha dez dedos perfeitos nos pés e dez nas mãos. A cabeça era cheia de cabelos louros e as bochechas, tão rosadas que o deixavam lindo. Mas também, olhando para a mãe, ele não tinha escolha além de ser lindo.

Nan estava dormindo depois de dez horas de contrações e meia hora fazendo força. Ela se mantivera tão forte quanto eu esperava, embora, perto do fim, desse para ver o cansaço em seu rosto. Quando o médico colocou Copeland Finlay Roth, também conhecido como Finn, em seus braços pela primeira vez, ela deu um sorriso tão expressivo que eu podia jurar que não havia nada mais maravilhoso no planeta.

Eu nunca usara meu sobrenome com orgulho. Depois que caí no mundo, eu o tinha abandonado e passara a usar apenas meu primeiro nome. Até precisar de um disfarce em Las Vegas. Mas, quando Nan e eu ficamos diante de um pastor, com a família e os amigos ao nosso redor, e ela passou a usar o meu sobrenome, ele começou a ser importante. Passou a ser algo do qual eu me orgulhava.

Agora, segurando meu filho nos braços enquanto minha esposa dormia, meu nome significava ainda mais. Eu era parte dele. O homem que tinha me dado aquele sobrenome não fora um pai. Nunca fora mais do que um doador de esperma. Mas o nome era meu, e eu o transformaria em algo que minha mulher e meu filho tivessem orgulho de ter também. Meu passado fazia parte do homem que eu era. Não poderia ser mudado, e eu não queria isso.

Eu havia conquistado uma vida com a qual todos os homens sonham e, se o caminho que eu havia percorrido tinha sido necessário para me levar até ali, eu o valorizaria. Porque tinha feito tudo valer a pena.

Finn abriu os olhos e me encarou com seus olhos azul-claros. Eu me via nele, mas ele se parecia muito mais com Nan. Isso apenas o tornava ainda mais especial, se é que era possível. Ele era filho de duas pessoas que não haviam recebido amor dos pais. Tanto eu como Nan éramos feridos, cada um à sua maneira, mas, juntos, tínhamos encontrado a felicidade que merecíamos. Nós havíamos nos curado.

– Nós vamos amar você mesmo quando riscar as paredes da sala, quebrar a janela com a bola de beisebol e não tiver dinheiro para pagar a própria multa por excesso de velocidade. Estou ansioso por cada momento – sussurrei, antes de dar um beijo no nariz dele e outro na testa.

– É melhor ele não riscar as minhas paredes – disse Nan com um tom de divertimento.

Ergui o olhar e a encarei.

– Ele provavelmente vai fazer coisas piores do que isso. Filho de peixe...

Ela riu baixinho.

– É verdade. Acho que preciso me preparar.

Nós tínhamos uma vida inteira à frente. Eu mal podia esperar para vivê-la com Nan ao meu lado.

– Você gosta de mim, não gosta? – perguntei.

– Um pouquinho – respondeu ela.

A vida não podia ser mais perfeita do que isso.

Agradecimentos

Para escrever um livro, precisamos de apoio. Enquanto escrevia *Pegando fogo*, tive a meu lado a melhor equipe que alguém poderia desejar. Minha avó ficou doente e, enquanto eu estava trabalhando no livro, logo descobrimos que ela estava com câncer. Ela não só era a única dos meus avós ainda viva, como era a mais próxima a mim. Perdê-la me assustou e, sem o encorajamento dos meus amigos, eu não teria conseguido escrever esta obra e entregá-la no prazo.

Monica Tucker, não sei o que faria sem você. Você manteve meu mundo em ordem durante os últimos meses, e não há palavras suficientes para agradecer de modo adequado.

Heather Howell, quando eu achava que ia perder a cabeça, você me mantinha sã. Ou simplesmente me fazia rir. De qualquer maneira, funcionou.

Jane Dystel, você não é apenas a melhor agente literária do mundo; também foi muito solidária e compreensiva o tempo todo. Sou grata por ter você.

Jhanteigh Kupihea, acho que nenhum outro editor teria me suportado como você. Você tem sido muito importante para transformar esta série no que ela é. Obrigada por tudo.

Ariele Fredman, como assessora de imprensa, você é a melhor. Sem dúvida.

Lauren Abramo, obrigada por estar sempre disponível quando tenho dúvidas sobre meus livros estrangeiros e pedidos de viagem. Navegar o confuso mundo editorial internacional seria impossível sem você.

Judith Curr, agradeço por ter entendido a minha visão para a série Rosemary Beach e por tê-la tornado ainda maior do que eu esperava. Saber que você está aí para seguir em frente e tentar coisas novas torna empolgante fazer parte da Atria.

Ao restante da equipe da Atria. Vocês são o máximo.

Austin Glines, agradeço por compreender que eu preciso escrever e que o lixo não é jogado fora sozinho.

Annabelle Glines, você me dá mais ideias de drama feminino do que qualquer escritora poderia precisar.

A Ava Glines, por me fazer sorrir todos os dias com a sua imaginação.

J.B.S., sem você esta história jamais teria sido escrita. Você foi minha inspiração, e eu nunca tive tanto orgulho de um dos meus romances como tenho deste. Obrigada.

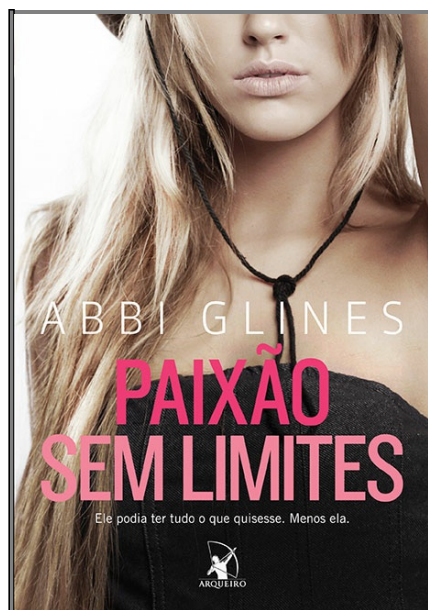
Sobre a autora



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, do *USA Today* e do *The Wall Street Journal*, Abby é viciada no Twitter ([@abbiglines](https://twitter.com/abbiglines)) e escreve regularmente no seu blog. Seus livros já venderam 400 mil exemplares no Brasil.

www.abbiglines.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



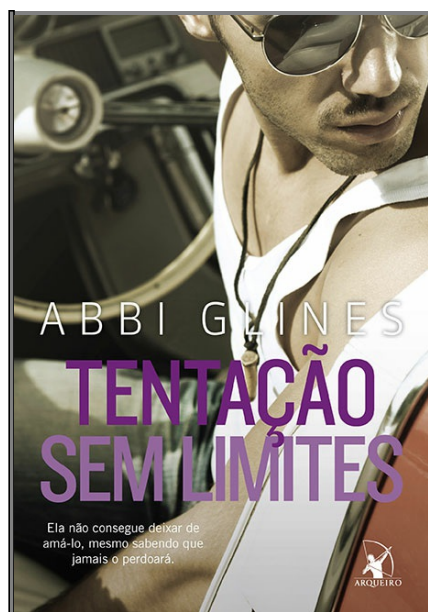
Paixão sem limites
(Série Sem Limites – livro 1)

Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.



Tentação sem limites
(Série Sem Limites – livro 2)

A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la?

O terrível segredo de Rush Finlay.

Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo.

Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente.

Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.



Estranha perfeição

Della Sloane não é uma garota comum. Ansiando se libertar do seu passado sombrio e traumático, ela planeja uma longa viagem de carro em busca de autoconhecimento e dos prazeres da vida real. Seu plano, no entanto, logo encontra um obstáculo: o automóvel fica sem gasolina em Rosemary, na Flórida, uma cidadezinha praiana no meio do nada.

Neste cenário, ela conhece o jovem Woods Kerrington, muito disposto a ajudar uma menina bonita em apuros. O que ela não sabe é que Woods é o herdeiro do country club Kerrington e está de casamento marcado com Angelina Greystone, uma união arranjada que culminará na fusão de suas empresas, garantindo o futuro profissional do rapaz.

Uma noite despreocupada parece a solução perfeita para Della e Woods fugirem por um tempo de tanta pressão. Do passado que ela gostaria de esquecer. Do futuro de que ele tantas vezes tentou escapar.

Mas eles não poderiam prever que a atração os levaria a algo mais quando os seus caminhos se reencontrassem. Agora precisam aceitar suas estranhezas para descobrirem a perfeição.



Simples perfeição

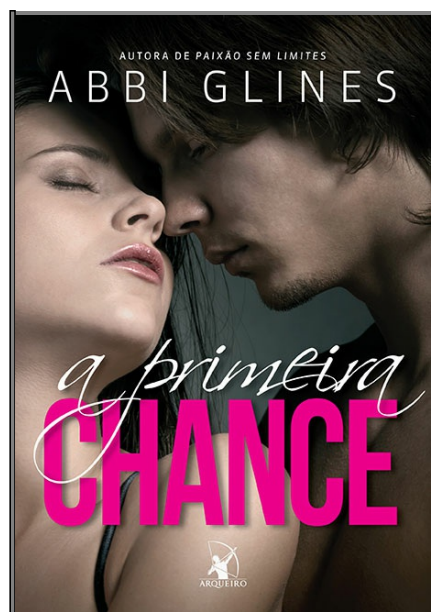
Woods teve sua vida traçada desde o berço. Cuidar dos negócios da família, casar com a mulher que os pais escolheram, fingir que riqueza e privilégios eram tudo de que ele necessitava. Então a doce e sensual Della apareceu e conquistou seu coração, abrindo seus olhos para um novo futuro.

A vida do casal seguia para um final feliz, até acontecer um imprevisto: a morte do pai de Woods. Da noite para o dia, o rapaz herda o império Kerrington e, embora sempre tenha almejado essa posição, precisará de toda ajuda possível para provar que está à altura de tanta responsabilidade.

Della está determinada a ser o apoio de que Woods necessita, mas os fantasmas do passado ainda estão presentes e mais intensos do que nunca. Pressionada pela ex-noiva e pela mãe de Woods, ela toma a decisão mais difícil de sua vida: abdicar da própria felicidade pelo homem que ama.

Mas os dois terão a força necessária para seguir em frente um sem o outro?

Concluindo a sedutora história de Woods e Della, *Simples perfeição* é o romance mais surpreendente de Abbi Glines e mostra que encontrar alguém pode ser um golpe do destino, mas descobrir a perfeição ao lado dessa pessoa requer aceitar a si mesmo e superar os piores obstáculos a dois.



A primeira chance

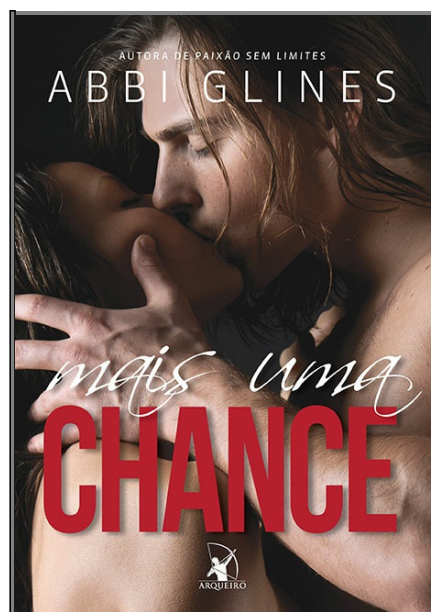
Harlow é uma jovem incomum. Filha de um astro do rock, a garota bonita e inocente nunca se aproveita da fama do pai e prefere levar uma vida sossegada. Mas seus dias de tranquilidade terminam quando ele sai numa longa turnê de nove meses e ela vai passar esse tempo na Flórida com sua meia-irmã Nan.

O problema é que Nan a odeia. Acostumada a ser o centro das atenções, ela morre de inveja de Harlow, que, além de ser a queridinha do pai, atrai os olhares masculinos por onde passa.

Harlow não entende por que Nan a maltrata tanto, mas acha melhor se esconder atrás de seus livros e passar o maior tempo possível no quarto para não correr o risco de provocar sua ira. Porém seus planos vão por água abaixo quando ela esbarra com Grant Carter de cueca na cozinha.

Grant cometeu um erro terrível ao passar uma noite com Nan, sua ex. Ela conhece seus pontos fracos e sabe seduzi-lo, mas ele se arrepende por ter caído em tentação. E logo no dia em que conhece Harlow, a garota que faz seu coração acelerar.

Grant está desesperado para conquistá-la, mas será que destruiu suas chances antes mesmo de conhecê-la? Só o que Harlow quer dele é distância. Afinal, que tipo de pessoa se envolveria com uma criatura amarga feito Nan?

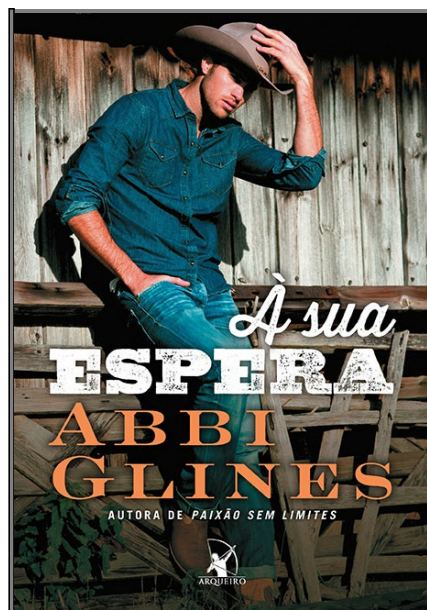


Mais uma chance

Grant Carter encontrou na doce e linda Harlow algo que não esperava ter: uma mulher com quem desejasse passar toda a sua vida. Para ficar com ela, precisou provar que não era apenas um playboy sedutor.

Mas quando ela lhe contou um doloroso segredo, ele se deixou levar por seus medos mais profundos e pode ter destruído sua única chance de viver um amor verdadeiro.

Desesperado por ter perdido sua paixão, Grant busca seu paradeiro, sem saber que ela se prepara para arriscar a própria vida por um sonho. Agora ele terá que conquistar a confiança de Harlow e decidir o que é mais importante: a segurança ou os sonhos da mulher da sua vida.



À sua espera

Mase sempre preferiu a vida simples em seu rancho no Texas à agitação do mundo do pai em Rosemary Beach. Na verdade, ele quase nunca visita o famoso astro do rock e Nan, sua meia-irmã mimada e egoísta. Mas tudo muda quando conhece uma das empregadas da casa, uma garota linda que, sem saber da presença dele, o desperta com seu canto desafinado.

Depois de anos sendo maltratada pela família e pelos colegas por causa de um distúrbio de aprendizagem, Reese conquistou sua liberdade e mora sozinha trabalhando como diarista para as famílias ricas da cidade. No entanto, seu sustento fica ameaçado quando ela causa um acidente na casa de Nan Dillon.

Ao ser salva por Mase, um rapaz atencioso e com charme de caubói, Reese fica surpresa pelo gesto dele e, depois, apavorada quando ele demonstra interesse nela. Nunca na vida Reese conheceu um homem em quem pudesse confiar. Será que Mase pode ser diferente?

Nessa ardente paixão que nasce entre a doce e batalhadora Reese e o centrado e sexy Mase, Abbi Glines mais uma vez mescla tristezas da vida real com amores de contos de fada e nos faz suspirar até a última página.



Ao seu encontro

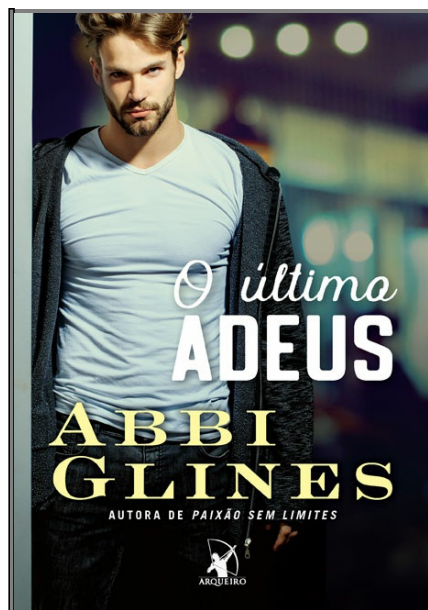
Há apenas alguns meses, um encontro inesperado numa casa em Rosemary Beach se transformou num romance de conto de fadas. Agora Reese está prestes a ir morar com Mase na fazenda dele, no Texas. Com o apoio e o amor da família do namorado e a recente descoberta de que ela mesma tem uma família com a qual contar, Reese pode enfim superar os horrores do passado e se concentrar no futuro promissor que a aguarda.

No entanto, no que depender de Aida, isso não vai acontecer. A beldade loura e Mase foram criados como primos, mas logo fica claro para Reese que o amor da jovem por ele está muito longe do que se deveria ter por um parente.

Ao mesmo tempo que Reese tenta entender a relação dos dois e não se sentir ameaçada, entra em cena Capitão, um estranho que parece estar, convenientemente, em todos os lugares que ela frequenta. Bonito, sensual, misterioso e dono de uma franqueza desconcertante, ele não tem medo de dizer o que pensa de Mase – nem como se sente a respeito de Reese.

Enquanto a competição pelo coração de Mase e de Reese esquentava cada vez mais, algumas perguntas em relação ao passado dela começam a ser enfim respondidas, revelando verdades chocantes que vão mudar para sempre a vida do casal.

Em *Ao seu encontro*, Abbi Glines conclui a história que começou em *À sua espera*. Com a escrita romântica e voluptuosa que a consagrou, ela constrói mais uma narrativa envolvente, com personagens que vão mexer com as nossas emoções até o final.



O último adeus

River Kipling, mais conhecido como Capitão, está em Rosemary Beach para montar um restaurante de luxo para seu patrão. Dono de um passado sórdido e de um presente misterioso, ele não vê a hora de concluir o trabalho e ir embora da cidade para realizar seu sonho: abrir um negócio próprio à beira-mar num lugar onde ninguém tenha ouvido falar dele.

Mas, quando Capitão conhece Rose Henderson, sua ânsia de partir de repente fica em segundo plano. Há algo na risada dela que é familiar demais, e o modo como ela olha para ele o faz lembrar de alguém importante que perdeu há muito tempo. No entanto, a única coisa que Rose revela é que é uma mãe solteira que trabalha duro para sustentar a filha.

Enquanto tenta desvendar os segredos da linda ruiva de óculos engraçadinhos e curvas estonteantes e entender por que ela mexe tanto com seus sentimentos, Capitão precisa fugir da marcação cerrada de Elle, a ex-namorada que não mede esforços para afastá-lo de Rose. Ao mesmo tempo, tem que encarar os fantasmas de seu passado para se tornar um homem melhor e construir um futuro do qual possa se orgulhar.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Cope](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Cope](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Cope](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Cope](#)

[Mase](#)

[Capitão](#)

[Nan](#)

[Cope](#)

[Major](#)

[Nan](#)

[Cope](#)

[Nan](#)

[Cope](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)